

Afirmativa

plural

ANO II - Nº 09 - AFROBRAS

**Nossa voz
Nossa vida**

Fundos de Investimento não contam com a garantia do Administrador de Fundos, do Gestor de Carteira, de qualquer mecanismo de seguro ou, ainda, do FGC – Fundo Garantidor de Crédito. A rentabilidade obtida no passado não representa garantia de rentabilidade futura. Ao investidor é recomendada a leitura cuidadosa do Prospecto e do Regulamento dos Fundos de Investimento.

O que deixa a sua vida mais completa? Seus filhos? Seus amigos? Um dia de sol? Uma viagem? Para você e para todas as suas opções, o Bradesco oferece sempre um tipo diferente de investimento. E conta com uma equipe de gerentes especializados para indicar a melhor rentabilidade, liquidez e segurança. Porque a vida só está completa quando se têm planos. Para investir, vá até uma Agência Bradesco, acesse www.bradesco.com.br ou ligue para o Fone Fácil Bradesco.

Bradesco completo

**Invista nos seus planos.
Invista no banco completo.
Fundos, CDB e Poupança.**

Y&C

amentos

Larissa Miron e Gabriela de S. Silva são alunas da Fundação Bradesco.



Bradesco



Recebi e agradeço a
gentileza do envio da revis-
ta Afirmativa Plural.

Atenciosamente,
Senador Renan Calheiros
Presidente do Senado Federal



Agradeço-lhes pelo envio da publicação, que
além de oportuna está de fato muito boa.

Cordialmente,
Horacio Lafer Piva
Klabin S/A



Prezada Editora:

Gostaria uma vez mais, agradecer à Afrobras pela
gentileza em nos enviar a Revista Afirmativa.

Atenciosamente,
João Baptista Borges Pereira
Comissão Permanente de Políticas
Públicas para a População
Negra – USP



Tem esta a finalidade de
agradecer a edição nº 8, ano II
da publicação “Afirmativa Plural”
encaminhada por V. Sa. Aproveito
para parabenizá-lo e sua equipe pelo
excelente trabalho realizado. Parabeni-
zo, também a AFROBRAS pela brilhante
iniciativa, valorizando, incentivando e di-
fundindo a cultura afro-brasileira, na pro-
moção da igualdade racial do nosso país. Com
os meus protestos de elevada estima e distinta
consideração, subscrevendo-me,

Atenciosamente,
José Aristodemo Pinotti
Secretário Municipal de Educação de São Paulo



Recebemos e agradecemos o envio da Afirma-
tiva Plural n.08. Gostaríamos de continuar
recebendo outros exemplares do períódi-
co, visto que será bastante útil para nosso
acervo.

Cordialmente,
Elisangela Terra Barbosa,
Centro Universitário Vila
Velha - UVV
Vila Velha/ES

Dupla comemoração!

Estamos comemorando duplamente dois aniversários neste bimestre: nossa revista *Afirmativa Plural*, que completa dois anos de vida, com júbilo por poder contar com grandes colaboradores, amigos que entenderam e aprovaram a linha editorial adotada e sempre nos presenteiam com seus artigos e entrevistas; e um ano do programa *Negros em Foco*, transmitido pela Rede Brasileira de Integração, canal 14 UHF, em São Paulo e Brasília. O *Negros em Foco* é um programa com perfil jornalístico, inédito, apresentado por duas jornalistas negras que procuram debater temas que levem pessoas negras e não negras a pensar sobre

personagem negra na televisão - o Pai Thomaz -, aos dias de hoje, não mudou muita coisa. Isso representa prejuízo duplo: para o negro, que não se vê representado, e para a população em geral, que deixa de ver e de participar de uma diversidade cultural que, com certeza, só traria progresso ao país. Claro, sabemos que a nossa participação nos meios de comunicação aumentou, não podemos negar, mas não chega perto de atingir os 48% que representamos na população deste país. Sem contar que quando nos apresentam, continuam os estereótipos, quase sempre associando nossa imagem a coisas negativas, ruins.

o racismo e a exclusão no país. Mas se temos o que comemorar de forma particular, também temos muito a refletir. Por isto a nossa capa nesta edição especial de aniversário: *Nossa Voz, Nossa Vida*, que retrata o silêncio e a invisibilidade do negro nos meios de comunicação no Brasil. Como diz Regina dos Santos, presidente da Sociedade de Cultura Dombali, no livro *"Racismos Contemporâneos"*, a população negra e afro-descendente é impedida de se ver refletida de forma positiva no espelho da mídia e, quando aparece, sua imagem ganha contornos construídos pelo imaginário do preconceito racial, reforçando imagens distorcidas de nossa realidade.

Desde a época em que o ator Sérgio Cardoso pintava seu rosto no século passado para representar uma

Está mais do que na hora de os governantes repensarem nessa questão, principalmente no que diz respeito à concessão de canais de TV, um meio de comunicação de massa, que até agora tem sido privilégio de poucos e que tem excluído cada vez mais metade da população desse país, que também trabalha, paga impostos e consome como todos os não negros.

Pelo aniversário dos dois anos da nossa revista, recebemos muitos cumprimentos e resolvemos editar os muitos parabéns que recebemos dos amigos, sem deixarmos de lado as matérias e artigos que discutem temas sempre atuais. Acredito que todos terão uma boa leitura e muita coisa para pensar e repensar. Feliz aniversário para todos nós!

Francisca Rodrigues
Editora

ditorial

Entrevista especial	
Netinho.....	7
Feliz Aniversário	11
Empreendedorismo	
O segredo do sucesso - Ubirajara Tadeu Silva da Cruz.....	24
Comportamento	
Mobilização social contra a violência	26
Ponto de Vista	
A diáspora do século XXI e a construção das lideranças - Rosenildo Gomes Ferreira.....	29
Responsabilidade Social	
Empresários pelo desenvolvimento humano - Viviane Senna.....	30
Voluntariado, essência feminina e junção de forças - D.Lu Alckmin.....	32
Responsabilidade social e democracia - Martha Suplicy	38
Política	
Minirreforma política é risco de grande retrocesso em 2006 - Fernando Rodrigues.....	40
Cultura	
A herança africana - Manolo Florentino	50
Caruru de Preceito - Elisabete Junqueira	54
Comunicação	
O negro na comunicação - Maria Célia Malaquias..	62
15 bilhões de reais - Qual é a sua parte? - Silvino Ferreira Jr.	64

Capa

Nossa voz, nossa vida

A invisibilidade do negro nos meios de
comunicação 56

Perfil

Eunice Prudente - Estudo e trabalho 66

Na Zumbi

Unipalmes lança Núcleo Afro Work 69

Prefeito de New Orleans (EUA) se emociona ao
visitar a Unipalmes 71

Projeto Guri Pólo Unipalmes faz sua primeira
apresentação 74

Conferência internacional - o futuro do negro no
século XXI..... 75

Plural

Saída de Gaza, opção estratégica ou retirada
sob fogo palestino - Samuel Feldberg..... 76

A miscigenação do mundo é inevitável - José de
Paiva Netto..... 78

60 anos após a bomba atômica - Takahiko Horimura 82

Opinião

O elo que falta - Carlos Ayres Britto..... 84

Troféu Raça Negra 2005..... 87

Palavra do Presidente

O Katrina não será capaz..... 92

ndice



1 - Zulmira Felício, 2 - Telma Alves, 3 - Demetrius Trindade,
4 - Francisca Rodrigues, 5 - Viviane Souza

Afirmativa Plural é uma publicação da Afrobras - Sociedade Afro Brasileira de Desenvolvimento Sócio Cultural, com periodicidade bimestral. Ano 2, Número 9 - Rua Marquês de Itu, nº 70 - 5º andar - Vila Buarque - São Paulo /SP - Brasil - CEP 01223-000 -Tels (55 -11) 3256.4562 - 3256.6545

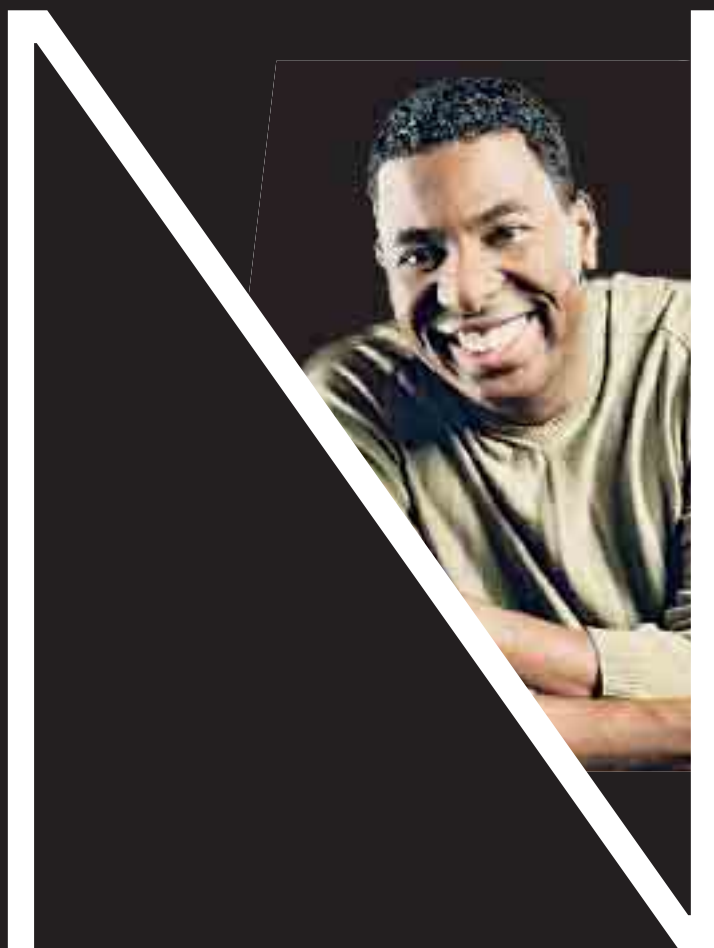
Conselho Editorial: José Vicente, Ruth Lopes, Raquel Lopes, Francisca Rodrigues, Cristina Jorge, Nanci Valadares de Carvalho, Francisco Canindé Pegado do Nascimento, Jarbas Vargas Nascimento, Humberto Adami, Felice Cardinali, Sônia Guimarães.

Direção Editorial e de Redação: Jornalista Francisca Rodrigues (MTb. 14.845 - francisca@afrobras.org.br); **Redação e Publicidade:** Maximagem Assessoria em Comunicação (mim@maximagemmidia.com.br) - Tel. (11) 3255-9351.

Jornalistas: Zulmira Felício (zulmira.felicio@globo.com - Mtb.11.316), Telma Regina Alves (telma@afrobras.org.br - Mtb. 14.943) Viviane Souza (Viviane@afrobras.org.br -Mtb. 40.744) Demetrius Trindade (demetrius@afrobras.org.br - Mtb.30.177) - **Fotografia:** J. C. Santos, Cintia Sanchez, Miro Ferreira e divulgação. **Colaboradores:** Rodrigo Massi (agendacultural@afrobras.org.br) e Mauricio Pestana (pestana@mauriciopestana.com.br) - **Foto da Capa:** Mauro Faustino e Muska.

Editoração, CTP, Impressão e Acabamento: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo

A revista Afirmativa Plural é uma publicação da Afrobras. A Editora não se responsabiliza pelos conceitos emitidos nos artigos e matérias assinadas. A reprodução desta revista no todo ou em parte só será permitida com autorização expressa da Editora e com citação da fonte.



Netinho de Paula inicia seu reinado na televisão

Marcada para entrar no ar no próximo dia 20 de novembro, Dia Nacional da Consciência Negra, a TV da Gente será a primeira emissora de televisão em canal aberto já dirigida por um negro no país. À frente do projeto está o apresentador Netinho de Paula. Menino pobre, nascido no município de Carapicuíba, região da Grande São Paulo, Netinho começou a sua vida de “empreendedor” vendendo doces na estação de trem da cidade. Em 1986, juntou-se ao grupo Negritude Junior, iniciando assim sua carreira como cantor e compositor. No ano de 1995, nasce o Projeto Família Negritude, hoje

Instituto Casa da Gente, também dirigido por Netinho, que atende a cerca de 1.200 crianças e adolescentes. Em 2001, o artista se lançou na carreira solo e ampliou ainda mais seus horizontes profissionais quando assumiu o comando do programa “Domingo da Gente”, na Rede Record de Televisão. Foi ainda idealizador, co-produtor e ator no seriado Turma do Gueto, atração cuja proposta é mostrar a realidade da vida de quem mora na periferia das grandes cidades.

Em entrevista à Revista Afirmativa Plural, Netinho de Paula conta um pouco de sua trajetória na televisão,

fala sobre a participação do negro na mídia e também sobre a filosofia e objetivos principais da TV da Gente que, segundo ele, além do ineditismo de ser dirigida por um negro, vai dar prioridade à diversidade e terá maioria de afro-brasileiros também no seu quadro operacional.

Afirmativa: *Em sua opinião, a participação do negro na mídia, em geral, melhorou? Você enxerga alguma mudança de uns anos para cá?*

Netinho: Eu acredito que de uns dois ou três anos pra cá o que há é uma predisposição em incluir. Não acredito, ou isso não quer dizer que melhorou ou que mudou. Quan-



do entrei na Record, por exemplo, há cinco anos, imaginei que pelo fato de ter sido contratado, de estar apresentando um programa de Domingo, que as outras emissoras iriam fazer a mesma coisa; iam ter pelo menos um. E não aconteceu exatamente nada. Não mudou em nada. O que houve foi uma representatividade maior em campanhas publicitárias. Mas em outros sentidos, não vi avanço.

Afirmativa: *Por que você acha que não avançou ainda? Onde está esse entrave?*

Netinho: Especificamente nesse critério mídia e entretenimento, de TV, comunicação, por mais que essas questões das cotas fossem incrementadas, com 20% de exigência da nossa raça dentro desses órgãos, nós não teríamos quantidade suficiente para preencher todos os cargos que as TVs exigem. Eu acho que ainda falta mão-de-obra qualificada. Esse é um ponto de vista, uma análise que eu faço. O outro critério é que não há uma boa vontade por parte das lideranças dentro dessas emissoras com o processo de inclusão. Eles não têm nenhum tipo de compromisso com o processo. E isso não é um sentimento que eu tenho, porque eu estou lá dentro, eu trabalho lá. É um fato mesmo. Não existe um compromisso de representatividade tanto do lado externo da TV, como do lado interno. Então, é até por esse motivo que eu resolvi tomar a iniciativa de montar uma TV dirigida por nós.

Afirmativa: *De qualquer forma, você é um negro que há cinco anos tem um programa na TV Record. Mas, você disse que não há uma vontade de incluir mais. Por que foi diferente com você?*

Netinho: Vou deixar bem claro. Eu não fui convidado para ir trabalhar na Record. Eu tinha um patrocinador, eu tinha uma empresa que confiava no meu carisma, na minha maneira de conduzir e que levou esse recurso para a emissora. Quando esse programa foi ao ar, a audiência correspondeu.

Afirmativa: *E se você não tivesse um patrocínio?...*

Netinho: Nem pisava lá hoje. Nem pisava. Eu comecei fazendo esse programa da princesa no Gugu e, quando eu pedi para ser contratado e pra receber, a conversa foi totalmente outra. Enquanto era de graça, tudo bem, bacana. Fiquei um ano fazendo de graça. Por isso que, quando eu expressei minhas opiniões, eu não digo com base em pesquisas, são coisas que eu vivenciei, que eu vi e que eu tinha muita consciência de tudo que estava acontecendo. Eu sabia inclusive, aonde eu queria chegar.

Afirmativa: *Agora, cinco anos, um programa consolidado, várias outras de suas ações consolidadas, você tem patrocinadores que conseguem bancar essa iniciativa sua e mesmo assim o mercado não abriu os olhos para esse segmento?*

Netinho: Não. O mercado não abriu e isso não é ruim. Isso é um grande triunfo.

Afirmativa: *Por que?*

Netinho: Porque seria muito ruim a gente ter brancos explorando o que tem que ser explorado por negros. Nós é que temos que nos organizar e mostrar que sabemos, que temos condição de fazer e inclusive lucrar com isso. E eu acho que esse é o atual momento. Acho que o movimento negro, hoje, está muito maduro

e a grande discussão do movimento negro agora deve ser que os novos negros têm que fazer parte do movimento, parar de conversar somente entre os intelectuais, e a gente se organizar para ocupar esses espaços. Eu acho que agora é o momento. Talvez se não fosse pela fase atual que estamos passando, seria muito fácil um branco perceber que existe um público, que existe esse consumo, e ele organizar tudo isso. Eu posso dar como um grande exemplo a Revista Raça. Quem é que ganhou com a Revista Raça? A Editora Símbolo, que é de uma coreana. Não seria maravilhoso que nós tivéssemos nos organizado e essa revista ser algo nosso? Agora, não podemos desprezar que ela teve coragem, teve visão e investiu, e por isso colheu. E por isso estamos aí com nove anos de Revista Raça. É o que eu não quero que aconteça com a TV. A TV tem que ter capital negro, ela tem que ser nossa e a gente tem que ter autonomia para poder fazer isso.

Afirmativa: *A partir deste princípio, podemos dizer que teremos maioria de negros na sua TV?*

Netinho: Exatamente. Não tenha dúvida. É uma TV que é dirigida por negros, e aquela representatividade vamos querer ter em todos os cargos. É claro que não é uma TV feita para o negro. E, sim, uma TV dirigida por negros, o que é muito diferente. Queremos ter uma televisão que tenha o que nós entendemos como pluralidade racial e que não é representada hoje nas emissoras de que existem.

Afirmativa: *Quando você diz: Não é para o negro, você pode até discutir, pode até ter um programa como faze-*

mos na Afrobras, como o Negros em Foco, que discute a questão de preconceito e tudo mais. Mas não especificamente voltado só para o negro. Você vai procurar discutir o tema de uma forma geral? Quando você falar de cultura, você vai tratar a cultura de uma forma em geral? De minorias em geral?

Netinho: De minorias em geral e mais que isso. Nessa nossa TV, um dos critérios que temos é que todos os âncoras, prioritariamente, devem ser negros. Haverá outras etnias também em comandos. Mas sempre o âncora a dar o coração será o negro. E isso é fato decisivo no que estamos fazendo. Não com intenção de causar nenhum tipo de discussão ou atrito. Mas acho que isso é legítimo.

***Afirmativa:** E para isso você acha que temos profissionais suficientes no mercado?*

Netinho: Eu acredito que sim. Mas precisamos avaliar que muitos desses profissionais não são negros. Alguns profissionais que sabem fazer televisão e que estamos trazendo, têm muita consciência de que têm que fazer aquele trabalho e que ele terá um assessor negro que é pra quem ele vai ensinar o que ele está fazendo. Porque a gente quer que essa TV também tecnicamente seja coordenada por negros. É nesse sentido que digo para você que, se tivesse um sistema de cotas nas outras emissoras, ela já seria motivo de riso hoje. Nós não temos quantidade de negros suficientes para preencher cargos técnicos em emissoras de TV. Então, teremos brancos trabalhando na nossa também. O padrão dele é que é negro, e isso que é diferente.

***Afirmativa:** Você acha que esse seu trabalho na televisão, hoje, contribui para preservação da auto-estima do negro? Contribui para abrir um pouco a cabeça das pessoas para lutar, estudar e melhorar a sua condição social? Enfim, para fazer tudo aquilo que você tanto incentiva?*

Netinho: Não tenha dúvida. É o que eu digo. Pela maneira que sou recebido nessas periferias, em todas, aonde alguns políticos têm que pedir permissão para entrar, têm que chegar escoltados e que, quando eu chego, é uma festa, acredito que é porque eles vêem em mim um exemplo de perseverança, de luta, e entendem a palavra que a gente passa. Entendem que existe um outro caminho a seguir sem ser a marginalidade, sem ser o caminho das drogas. A mulher negra, particularmente com esse quadro da princesa – muitas mulheres que antes da transformação se sentiam tão feias – e que, após aquela conversa, após aquele tratamento, começaram a se ver como mulheres lindas, incluídas no sistema. Então eu acho que o programa trouxe, sim, muita auto-estima para o nosso povo.

***Afirmativa:** E o papel da televisão? Você acha que a televisão, que os meios de comunicação em geral teriam que ter como regra básica prestação de serviço, a inclusão de minorias? Você acha que o que a gente vê hoje na televisão deveria ser mudado?*

Netinho: Veja bem. Eu acho muito perigoso a gente passar algumas responsabilidades que são de teor político para o que deveria ser simplesmente entretenimento. Acho que a função da televisão é dar entreteni-

mento. E cada TV tem o seu foco. Os religiosos estão se organizando para ter uma TV que tenha culto o dia todo; a Igreja Católica conseguiu montar a Rede Vida com uma proposta católica; a Globo, que domina o sistema de dramaturgia; e a Record, que tenta se firmar numa linha de show. Enfim, acho que o caminho da televisão é por aí. O que eu consegui implementar, e o que eu sei, é que nós nunca tivemos representatividade nesses meios de comunicação. E quando aparece alguém, a pressão do próprio movimento negro é muito grande para ver se o cara vai falar de negro, se o cara vai falar de educação, se o cara vai falar.... Porque ele não tem nada assim, e quando aparece um, a cobrança é imediata. Veja o próprio movimento do pagode dos anos 90. Ele foi tão criticado, porque a “negrada” invadiu a televisão, mas era para cantar música romântica, para rebolar e para dançar. E algumas pessoas diziam “puxa, a gente está aqui sofrendo e os caras estão lá do outro lado dançando? A gente quer que fale da gente”. Mas ninguém se articulou para ter um canal, para poder falar de outras coisas. E é isso que eu quero poder fazer na nossa TV. Eu quero que a gente tenha todo um lado de entretenimento, toda a linha de show, e quero que a gente tenha programas sérios, que foquem assuntos que podem estar trazendo a discussão, o assunto do momento. Mas não podemos esquecer que a função de uma TV é simplesmente dar entretenimento.

Esta revista está comemorando os seus dois anos de vida e como não poderia deixar de ser, recebemos muitos parabéns dos amigos.

Como parte da festa, resolvemos fazer um retrato dessas felicitações que podemos apreciar aqui.



Agência Senado

"Nesses dois anos, a revista Afirmativa Plural tem se firmado como um canal de comunicação fundamental para a valorização da cultura afro-brasileira. Num país marcado pela pluralidade racial, iniciativas desse gênero merecem todo nosso apoio e respeito."

Senador Renan Calheiros - Presidente do Senado Federal

"A Afirmativa Plural é uma coluna de vanguarda pela promoção da raça negra: a maior dívida moral do país."

Senador José Sarney



Agência Senado / Geraldo Magela



"A Revista Afirmativa cumpre importante tarefa na difusão dos princípios da igualdade de direitos, deveres e oportunidades. Cultivar estes valores é imprescindível ao equilíbrio e harmonia da sociedade e para que o desenvolvimento da Nação assente-se sobre sólidas bases de justiça social."

Paulo Skaf - Presidente da Fiesp - Federação das Indústrias do Estado de São Paulo

"Parabenizo a revista Afirmativa Plural, editada pela ONG Afrobras, pelo seu segundo aniversário, lembrando que ao longo de três séculos e meio de regime escravista, o Brasil contraiu uma dívida para com os 80 milhões de brasileiros afro-descendentes, que só pode ser resgatada por meio de políticas públicas como as recomendadas em 2001 pela Conferência da ONU contra o racismo e a xenofobia, ocorrida em Durban, na África do Sul."

Abram Szajman – Presidente da Federação do Comércio do Estado de São Paulo





"A construção de uma sociedade mais justa começa pela eliminação de preconceitos. Para isso é essencial a elevação da auto-estima das minorias, pela valorização de suas raízes culturais. É esse o excelente trabalho que a revista Afirmativa tem feito nos seus dois anos de luta pela maior integração dos afro-descendentes." Parabéns!"

Geraldo Alckmin - Governador do Estado de São Paulo

"A Revista Afirmativa Plural é braço forte na luta desassombrada pela cidadania plena; é voz serena, mas firme, no clamor intermitente contra as amarras incomprensíveis do preconceito, da ignorância, do atraso."

*Marco Aurélio Mello, ministro do
Supremo Tribunal Federal*



"É de extrema importância a existência de um espaço capaz de proporcionar à sociedade a necessária discussão sobre o respeito à diversidade nacional porque as nossas diferenças representam a nossa identidade. Nossa identidade, como nação, tem todos os gêneros, todas as raças, todas as etnias, todas as religiões e orientações sexuais. Parabéns a todos vocês!"

Ministra Nilcéa Freire - Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres

"Parabenizo a revista Afirmativa Plural pelo segundo ano de publicação. A comunicação é um meio importante no debate sobre igualdade racial e social, porque coloca o problema do ponto de vista de diferentes atores sociais. A identidade moral e cultural do brasileiro passa, obrigatoriamente, pela questão da discriminação racial, um tema que deve estar no foco de nossas atenções durante nossa busca por um país mais justo e igualitário para todos os cidadãos."

Luiz Flávio Borges D'Urso - Presidente da OAB-SP





"No mesmo ano em que o presidente da República decretou como o 'Ano da Igualdade Racial', cujo objetivo é promover ações afirmativas em favor dos afro-brasileiros, a valorosa revista Afirmativa Plural, publicada bimestralmente pela Afrobras – Sociedade Afro-brasileira de Desenvolvimento Sócio Cultural, comemora seu segundo ano de circulação. Embora, em tenra idade, esta neófito revista, graças ao esforço e competência de seu Conselho Editorial e colaboradores, tem se firmado como um inestimável e profícuo canal de comunicação, além de um instrumento de conscientização para o problema da exclusão social dos afro-descendentes brasileiros, fazendo-o de forma sensata e elucidativa, sem nunca ladear a obstinação na persecução de uma sociedade mais justa e igualitária, mormente por meio da oportunização igualitária da educação e da qualificação profissional. Além desse imprescindível veio político-social, a Revista Afirmativa Plural também se destaca pela sua qualidade gráfica e editorial, trazendo matérias que abordam temas diversos, como educação, economia,

justiça, política e religião, que nos levam à reflexão, ao tempo que também nos brindam com o elevado entretenimento. Por todas essas qualidades, faço questão de registrar minhas efusivas congratulações à Revista Afirmativa Plural, o que faço por intermédio do seu Conselho Editorial e na pessoa do Presidente da Afrobras e Reitor da Universidade da Cidadania Zumbi dos Palmares, Dr. José Vicente."

Otávio Brito Lopes - Vice-Procurador-Geral do Ministério Público Federal do Trabalho

"Gosto muito da revista Afirmativa Plural. Ela traz o pensamento de diferentes segmentos nacionais e contribui de maneira exemplar para consolidação de uma sociedade pluralista e sem preconceitos, como deve ser o Brasil."

Jadiel Ferreira - Embaixador do Ministério de Relações Exteriores em São Paulo



"Parabéns a Afrobras por estes dois anos de trabalho sério e consistente, trazendo para a comunidade negra e toda a sociedade em geral a conscientização de um Brasil com igualdade e união."

Joana Woo - Presidente da Editora Símbolo



*"Promover o combate à discriminação e defender a igualdade de oportunidade para todos é trabalhar pelo desenvolvimento social, educacional e cultural de um país.
Em nome do Ministério Público do Trabalho, ressalto a importância da revista Afirmativa Plural no sentido de atingir os objetivos acima, que são a razão de existir da ONG Afrobras.
Que os dois anos completados este mês se multipliquem e permitam a continuidade do belo trabalho desenvolvido até hoje, em favor da comunidade afro-descendente e, em última análise, de todos os brasileiros."*

Sandra Lia Simón - Procuradora-Geral do Ministério Público Federal do Trabalho

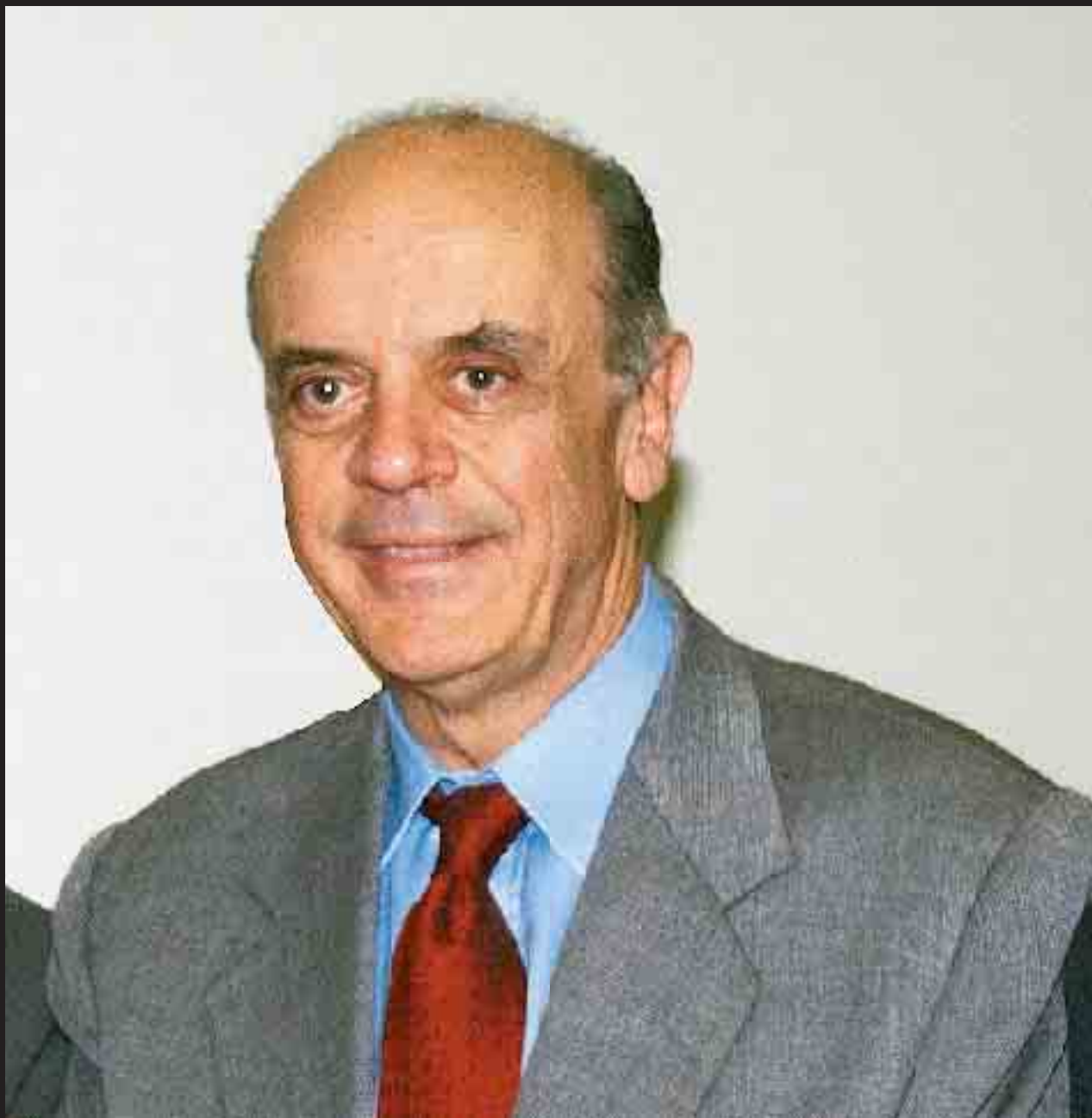
Quero transmitir meus sentimentos de felicitações à equipe da Afirmativa Plural pelos seus dois anos de aniversário, sempre inspirada por um ideal de irmandade, bem próprios aliás, desta instituição que é a Afrobras. Me coloco à disposição para colaborar no que se fizer necessário para o melhor encaminhamento da revista.

*Minhas mais altas considerações a toda a equipe.
Julio Cesano Peña, Cônsul do Uruguai.*



"Esperamos que a Revista Afirmativa tenha vida longa, vida infinita pelo brilhante trabalho que realizou durante estes dois anos. É um exemplo a ser seguido por todos aqueles que amam a liberdade, a igualdade e a justiça."

Paulo Paim – Senador



"Com apenas dois anos de vida editorial, a revista Afirmativa Plural já construiu um marco na luta do povo negro e dos afro-descendentes em busca de igualdade ao lado dos outros segmentos da sociedade. Veículo de combate às práticas discriminatórias, Afirmativa Plural também é um expressivo registro do avanço da comunidade negra na ocupação dos espaços que por direito lhe pertencem na sociedade brasileira. Os 117 anos de Abolição da Escravidão exigem uma reflexão por parte de todos os brasileiros: como faremos do Brasil um país realmente igualitário para todos; como avançarmos as inúmeras conquistas da comunidade negra em direção à igualdade racial. Reflexão que tem na revista Afirmativa Plural um importante espaço de vocalização."

José Serra - Prefeito da Cidade de São Paulo



"O respeito à diversidade é, sem dúvida alguma, um dos traços distintivos da democracia, cujo fim último é assegurar a todos convivência harmônica e com liberdade, em prol do bem-estar coletivo, e nesse particular, a Afirmativa Plural realça a varolização humana, ao mostrar a comunidade negra como ativa participante do debate nacional, em busca de um país desenvolvido e capaz de proporcionar, aos que nele vivem, qualidade de vida, adequada distribuição de renda e justiça social.

A Afrobras, a Universidade Zumbi dos Palmares e a Afirmativa constituem sólido tripé no qual a sociedade brasileira encontrará apoio, estímulo e participação, ou seja, uma combinação de esforços e recursos em benefício da construção de uma Nação econômica e socialmente desenvolvida e em condições, portanto, de proporcionar aos brasileiros qualidade de vida, adequada, distribuição de renda e justiça social."

Um abraço,

Gabriel Ferreira

Presidente da CNF- Confederação Nacional das Instituições Financeiras



"Quero me irmanar aos editores, nas comemorações dos dois anos da revista Afirmativa Plural, e convidar todos os seus leitores a participar dos debates na Câmara dos Deputados dos projetos do Estatuto da Igualdade Racial e do Estatuto do Índio."

Severino Cavalcanti - Presidente da Câmara Federal

"Afirmativa mexe com os brios de todos nós e nos leva a tomar decisões com firmeza."

Agnaldo Timóteo – Vereador-SP



"Celebrar o aniversário da Revista Afirmativa é comemorar a conquista de um espaço plural e democrático, onde podemos debater e encontrar assuntos relacionados à população afro-brasileira. Em meio aos mecanismos que buscamos para superação do racismo e a conquista plena da cidadania da comunidade negra, a Revista Afirmativa configura-se como um instrumento importante de promoção da igualdade racial. É com satisfação que parabenizo a equipe e os leitores da Revista Afirmativa."

*Deputado Sebastião Arcanjo – Tiãozinho (PT)
Coordenador da Frente Parlamentar pela Igualdade Racial*



"Que essa menina, que agora já anda sozinha, possa crescer cada vez mais com saúde intelectual e nos dê bastante alegria!!!"

Isabel Fillardis - atriz



"Afirmativa correta: é a informação conscientizando a Raça Negra."

Emílio Santiago - cantor



"Parabéns a Revista Afirmativa Plural pelos dois anos de existência. Sempre é bom que haja publicações como esta, não só para o público negro, mas para a sociedade em geral. Espero que, cada vez mais, apareçam revistas para as diversas raças e povos deste mundo."

Daiane dos Santos - atleta

Afirmativa Plural

contribui de forma contundente
para a inclusão dos
afro-descendentes
na sociedade brasileira

O movimento negro, tomado como movimento social, tem impresso conquistas importantes em nosso País nos últimos anos, entre as quais estimular e preparar uma elite intelectual e política capaz de tomar a frente em várias iniciativas. Nossa sociedade já reconhece que temos um problema grave de natureza étnica que precisa ser enfrentado e combatido. Estão em debate novas propostas e formulações que apontam um horizonte de solução para a grave desigualdade e das práticas discriminatórias que temos em nosso País. Por todo esse cenário hoje existente, é com enorme orgulho e satisfação que vemos a Revista Afirmativa Plural chegar ao seu segundo aniversário contribuindo de forma contundente para a melhoria da inclusão dos afro-descendentes na sociedade brasileira.

Como parceiros da Afrobras desde 2000, o Instituto Metodista de Ensino Superior é solidário à causa afirmativa no Brasil e trabalha em conjunto, não só com a Afrobras, mas também com outras organizações sérias que buscam levar educação e cidadania ao povo brasileiro. Só neste ano de 2005, são 700 alunos beneficiados pela Metodista com bolsas de estudo destinadas exclusivamente para afro-descendentes.

Por: Prof. dr. Davi Ferreira Barros – reitor da Universidade Metodista de São Paulo e diretor-geral do Instituto Metodista de Ensino Superior



Além do oferecimento dessas bolsas de estudo, a Universidade Metodista de São Paulo faz também a sua parte para diminuir o problema da exclusão por meio de projetos como o Núcleo de Formação Cidadã, programa esse que integra os estudantes com a comunidade e beneficia alunos, professores, funcionários e moradores da região pela parceria entre produção de conhecimento e atendimento às demandas sociais.

Temos ainda orgulho em ter em nosso quadro de professores, o atual Secretário da Justiça de São Paulo e especialista na legislação de combate ao racismo, Dr. Hédio Silva Jr, que teve contato com a Metodista pela primeira vez em 1982, quando aqui participou de um evento organizado por entidades do movimento negro do Estado de São Paulo.

Por tudo isso, temos certeza que a instrução molda o ser humano para a vida em sociedade e lhe dá mecanismos para sobreviver em uma economia que cada vez exige mais dos trabalhadores. Acreditamos que a educação e a instrução são os principais instrumentos contra a exclusão racial, social e econômica. Por isso trabalhamos com afinco para formar um profissional preparado para a vida e consciente do seu papel na sociedade. Por isso apoiamos projetos tão importantes como a Revista Afirmativa Plural, que transmite em suas matérias valiosas noções de cidadania e cultura, moldando o pensamento dos brasileiros para uma sociedade mais fraterna e justa.

Foi inscrevendo a irmã num concurso de beleza negra que o baiano Helder Dias saiu de Alagoinhas, a aproximadamente 108km de Salvador, Bahia, para demarcar espaço e tumultuar o mercado publicitário nacional. Em meados de 1996, o jovem coreógrafo ganhava a vida dando aulas de passarela no interior de sua terra natal e em Sergipe.

Nessa época estava ocorrendo um grande concurso para eleger as mais belas negras do Brasil.

Sonhando com a possibilidade de colocar a irmã na maior vitrine de moda do país, Helder não pensou duas vezes e inscreveu Raineldes Dias, de 17 anos, no concurso. O difícil mesmo foi convencer uma menina do interior da Bahia de que ela tinha talento e beleza para tanto. “Eles querem negra com cara de branca e eu não tenho cara de branca, meus traços são fortes”, dizia a garota. Quando eles checaram os nomes das dezessete finalistas e viram o de Raí, como é chamada pelo irmão, eles

não esperaram. Em menos de um mês, os dois desembarcaram em São Paulo para a final do concurso, onde Raineldes foi a terceira colocada.

Helder, bem mais do que irmão de miss, mostrou seu talento e cativou Rita de Cássia, diretora da New Company – a primeira agência dirigida ao público negro – e promoto-

ra do concurso. Os dois trabalharam juntos por três anos, até que ela se mudou para o exterior e deixou a diretoria nas suas mãos.

Nome da agência surgiu por um impulso

Em abril de 2000, Rita resolve fechar definitivamente a agência. O que parecia o fim foi o empurrão que faltava. Cerca de 80 modelos ficaram sem referência no mercado. Batendo

de porta em porta, ouviam todo tipo de desculpa, desde que eram muito parecidos com rostos já conhecidos no mundo fashion até que um negro era suficiente para o elenco de uma agência. A verdade é que nenhum deles conseguiu colocação nas chamadas agências “convencionais” do país.

Mas Helder Dias já era conhecido no mercado publicitário e os trabalhos pareciam bater à sua porta. Mesmo

rato
que
ruge

sem estrutura, o rapaz continuava a encaixar seu pessoal em diversas campanhas. Demonstrando ousadia, assume o calendário da Johnson's, só que dessa vez era preciso a assinatura da agência a que pertencia a modelo Carla Leite. Foi num impulso que ele informou ao produtor de elenco Lucas/Fernanda Salen, depois de muita insistência, o nome da agência: HDA Models (Helder Dias Araújo).

Em setembro de 2000, Dias encontra uma moça chorando por ter sido reprovada em um teste e a convida para trabalhar com ele na agência – que já tinha nome, mas ainda não existia – ela aceita.

Em janeiro de 2001, Yara Oliveira, com apenas 14 anos, a primeira e até então única modelo do cast, brilha na São Paulo Fashion Week, desfilando para nada menos do que duas das grifes famosas: Zapping e Zoomp. Pronto! Passa a existir a HDA Models, que já chega incomodando muita gente forte.

Helder chegou a ser aluno de Glória Kalil e do produtor de moda César Fassina em um curso de produção de moda no Senac, no qual foi bolsista – ele pessoalmente esteve em uma unidade, contou sua história e a diretora Claudia Magno, comovida, o presenteou com a bolsa de estudos para o curso. Dias morava “de favor” no apartamento de uma amiga, Marise Paixão, em São Paulo. Era de lá que ele fazia seus contatos. Sabendo que uma empresa que funcionasse num apartamento residencial teria pouca credibilidade e competitividade no mercado publicitário, não foram poucas as vezes que ele próprio esteve em clientes entregando material dos

modelos. Depois, por telefone confirmava se o motoboy já havia passado lá.

Muitas vezes saiu com o dinheiro apenas da passagem de ida, tendo que voltar a pé. O pior – ou o melhor – era quando o celular tocava no meio do caminho e outro cliente solicitava material. Aí, então, o percurso era todo feito a pé, independentemente da distância. Fatos que ele não se envergonha de contar.

Como também era necessário um número de telefone fixo, ele informava o do orelhão perto do apartamento. Sem dinheiro sequer para contatar seus modelos quando tinha trabalho fechado, o combinado era um toque do telefone e retorno da ligação em seu celular. E o negócio foi dando certo!

Grandes campanhas protagonizadas por negros

Hoje, a HDA Models é a maior agência de negros do país e a única voltada para moda, beleza e publicidade. Enquanto agências como Elite, Ford, Mega, Marlyn e outras se limitam a ter um, dois ou no máximo três negros em seu cast, a HDA enche páginas de revistas, outdoors e passarelas de todo o país, espalhando a beleza da raça negra com seus cerca



Helder Dias Araújo - HDA Models

de 200 modelos. Quando perguntaram para Helder onde ele conseguia negros de corpos tão esculturais e tão lindas, a resposta foi simples: “Elas estão onde as pessoas estão. É que vocês não param para observá-las. O meu cast é superseletivo. Trabalho com os mais belos negros do mercado, todos dentro dos padrões internacionais!”, entusiasma-se. Segundo ele, sua agência tem a sua cara. Sua maior conquista? Ele cita algumas: Yara Oliveira, Ednei Santos, Alexia Bairon, Walita, Pirelli, Glauci Mello e Érika Lago. E vem por aí muito mais: grandes campanhas que já estão sendo protagonizadas por negros maravilhosos, da HDA Models.

O segredo do

Sucesso

*Por: Ubirajara Tadeu Silva da Cruz
Professor Universidade da Cidadania
Zumbi dos Palmares*

Surpreender, inovar, criar necessidades. Essas são palavras-chave que codificam o segredo do sucesso de muitas empresas. A visão de mercado e a criatividade também são atitudes importantes para manter e conquistar clientes.

O empresário nunca deve seguir fórmulas antigas, que não traduzem a realidade do mercado, pois a mudança de hábitos e opiniões dos consumidores é imprevisível.

Veja casos como da MBR, Serpro (maiores e melhores Revista Exame) - é tanta inovação que nem dá para copiar. Na verdade, quando um concorrente copia o que você fez, ele está te aplaudindo, e isso quer dizer que você já está à frente dele. Não adianta fugir, pois hoje inovar é como comer...você ainda come todos os dias? Ouvir o cliente é essencial, mas surpreendê-lo é ainda melhor. Levar ao consumidor o que ele espera é o mesmo que oferecer um produto ou serviço que a concorrência já presta. Ninguém diz que um banco realiza transações financeiras, o que é intrínseco, mas provavelmente fala que a

ins-
tituição

utiliza papéis recicláveis e que está preocupada com questões ambientais. Dessa maneira, quando o cliente é surpreendido e fica satisfeito torna-se a melhor forma de propaganda da empresa, ou seja, um vendedor ativo.

Através dessa linha, é preciso desenvolver a consciência de que em uma empresa todos são vendedores, já que o sucesso da organização depende não apenas do departamento de vendas ou do marketing, como também de profissionais de outras áreas.

Assim, administrar uma empresa nos dias atuais é sinônimo de se adaptar rapidamente às transformações do mercado e inovar constantemente.

Algumas dicas importantes:

1) Use e abuse da Internet e entre na globalização pela porta da frente.

A empresa que não está conectada perde, dia-a-dia, mercado para as que estão.

2) Podem dizer o que quiserem, mas a primeira impressão é a que fica, sim!

Um atendimento impecável, um ambiente limpo, acolhedor e agradável.

vel e boa vontade de todos os funcionários para com o cliente tem o poder de um presente inesperado.

3) *Desculpem a insistência, mas é verdade: você tem que surpreender o cliente a todo o momento.*

Surpreender é fazer com o cliente tenha uma experiência única e inesquecível a cada instante.

Soluções que surpreendem muitas vezes são baratas, criativas e faz sua empresa ganhar muitos pontos no jogo do mercado.

4) *Faça parcerias! Faça parcerias! Faça parcerias! Faça parcerias!*

Uma empresa sozinha no mercado, sem parceiros, é devorada em pouco tempo pela concorrência. Faça parcerias! Faça parcerias com empresas que tenham negócios afins ao seu ou o mesmo público-alvo e fortaleça-se.

5) *Todos os funcionários têm que ter a medida exata da filosofia da empresa e estarem motivados para segui-la.*

Sua empresa deve ter uma missão ou filosofia bem clara e divulgá-la para todos os membros da equipe.

Imagine a seguinte cena: perguntaram para um pedreiro que colocava tijolo sobre tijolo na construção da Disney o que ele estava fazendo, ele respondeu – “Estou construindo o maior centro de entretenimento e lazer do mundo”. Isso é ter noção da missão da empresa.

6) *Tenha um diferencial.*



Prof. Ubirajara Tadeu Silva da Cruz

Lembre-se sempre de que o seu cliente, ao comprar, leva em conta muito mais a emoção do que a razão. Se você o tiver cativado através dos seus diferenciais em atendimento, prazo, descontos e outras vantagens, será único para ele.

7) *Crie Novos Produtos e Serviços.*

Uma empresa que fideliza seu cliente cria galinhas de ovos de ouro. É sabido que é mais lucrativo vender novos produtos para os antigos clientes do que conseguir novos clientes para vender os produtos antigos, principalmente na crise. Mas para tal, você precisa ter clientes fiéis ao seu produto.

8) *Faça de seus clientes, vendedores.*

Encante seu cliente e ele venderá

seus serviços ou produtos de maneira brilhante.

Uma indicação de um amigo vale mais do que mil propagandas no horário nobre da TV. Faça com que seu cliente venda o seu produto e faça propaganda dele gratuitamente através de uma opinião favorável, de uma camisa, de um cd personalizado, de qualquer lembrança que seja útil, única ou especial para ele.

9) *A rotina da sua empresa tem que ser um “case” de sucesso. Se você e seus funcionários seguiram as dicas acima, não há porque temer a crise ou o momento economicamente*

difícil de nosso país, a sua empresa está fadada ao sucesso; caso contrário...

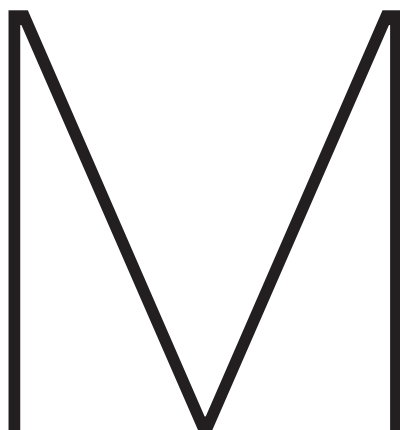
10) *Valorize a reclamação.*

A reclamação é uma dádiva divina...

Toda a vez que um cliente reclama, é como se ele estivesse dizendo: “Hei empresa! Eu AINDA gosto de você, mas veja lá o que você vai fazer agora hein!?”

Se isso aconteceu, levante a mão para o céu, pois do contrário você jamais ficaria sabendo do problema, perderia o cliente e pior, perderia mais clientes ainda, pois não conseguiria resolver o problema por falta de informação.

Dados de pesquisa confirmam que o cliente que teve seus problemas resolvidos a contento pela empresa é significativamente mais fiel do que o cliente que nunca enfrentou nenhuma dificuldade com a empresa.



obilização social contra a violência

Por: Eduardo Capobianco, presidente do Instituto São Paulo Contra a Violência

A criminalidade e a violência constituem o mais preocupante problema brasileiro. Mitigá-las exige a mobilização da sociedade e ações articuladas com o poder público. Prova disto está expressa em números: a taxa de homicídios por cem mil habitantes na Região Metropolitana, conforme cálculos elaborados pelo Instituto São Paulo Contra a Violência, caiu de 49,29, no ano 2000, para 30,38, em 2004, com diminuição, portanto, de 38,37%.

O Mapa da Violência de São Paulo, elaborado pela Unesco (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura), que abrange o período 1993/2003, referenda esses dados. Além disso, expressa com clareza o significado do engajamento da comunidade, ao incluir entre os motivos da bem-vinda queda à mobilização das organizações da sociedade civil e a articulação de instituições públicas e privadas, além da melhoria da estrutura da segurança pública.

O Fórum Metropolitano de Segurança Pública, criado pelo Instituto São Paulo Contra a Violência, que o secretaria, é um dos protagonistas desse processo. Integrado pelos prefeitos dos 39 municípios da Grande São Paulo, tem atuado como organismo catalisador de ações e estratégias na luta contra a criminalidade. Seu trabalho contribui para a redu-



ção da violência, pois propicia a troca de experiências bem-sucedidas, aproxima as prefeituras, entidades de classe, organizações da sociedade, guardas municipais, Secretaria da Segurança do Estado e polícias Civil e Militar. Seria importante multiplicar esse modelo de atuação em todo o Brasil e no Interior paulista, onde a queda do número de homicídios, de 19,97 casos por cem mil habitantes, em 2000, para 15,72, em 2004 (diminuição de 21,28%), não foi tão acentuada quanto na Grande São Paulo.

Em sua mobilização, o Fórum preconiza os princípios de tolerância, solidariedade e respeito aos direitos humanos, igualmente necessários ao estabelecimento de

uma sociedade mais pacífica. Tal postura também é importante para que o País reduza suas assimetrias. O estudo da Unesco demonstrou, por exemplo, que os jovens de 15 a 24 anos são as maiores vítimas de homicídio no Estado de São Paulo. Neste segmento, o índice é três vezes maior do que nas faixas etárias de zero a 14 e acima de 24 anos. Outro estudo, este do IBGE, embora date de 1998 e careça de atualização, revela que, dentre as vítimas de homicídio no País, 66% são negros e 34%, brancos. Isto, num contexto demográfico no qual a participação dos brancos na população total era de 54,70% e a dos negros, 45,30%. O Brasil, aliás, tem a segunda maior população negra do mundo, atrás apenas da Nigéria.

Corrigir essas assimetrias também é imprescindível no processo de combate à violência. Neste sentido, a lição de casa começa com o acesso universal ao ensino público de qualidade, passa pela multiplicação de empregos, apoio ao empreendedorismo e distribuição de renda, e culmina com a disseminação do respeito aos direitos humanos e de marcos legais, como o Estatuto da Criança e do Adolescente. Tal responsabilidade não se restringe ao governo. É missão de toda a sociedade e fator condicionante ao efetivo desenvolvimento do Brasil.

Brasil faz referendo sobre arma em outubro

A violência que toma conta do país despertou as autoridades para que medidas mais radicais fossem tomadas em relação a posse de armas de fogo. Teve início com o Estatuto de Desarmamento – Lei 10.826 que começou a vigorar em 23 de dezembro de 2003 e, desde então, várias campanhas já foram realizadas para que armas de fogo fossem entregues aos departamentos das Polícias Civil, Militar e Federal.

Agora, o Senado coloca em votação o Referendo, aprovação ou não, do artigo 35 do Estatuto do Desarmamento, que é a “proibição da comercialização de armas de fogo e munição em todo o território nacional”. O Referendo acontece dia 23 de outubro de 2005 e todas as pessoas entre 18 e 70 anos, são obrigadas a votar. Em entrevista ao programa Negros em Foco, da Afrobras pela TV RBI, canal 14 UHF, São Paulo e Brasília, a Coordenadora da Rede pelo Desarmamento do Instituto Sou da Paz, Beatriz Cruz, falou da atuação do Instituto na campanha e explicou o que é o Referendo e qual seu objetivo.

Negros em Foco: *Qual a diferença entre Plebiscito e Referendo? Como e quando vai acontecer o Referendo?*

Beatriz Cruz: Tivemos o Plebiscito uma vez aqui no Brasil e as pessoas tinham que decidir se era: monarquia, parlamentarismo ou presidencialismo, agora não, é diferente. As pessoas vão ter que dizer: sim ou não a uma pergunta. No Estatuto do Desarmamento, já está lá o artigo que o congresso aprovou, que é o artigo 35, que diz: “Fica proibida a comercialização de armas de fogo e munição em todo o território nacional”. Essa medida só entra em vigor mediante referendo, a realizar-se em Outubro de 2005, ou seja, as pessoas vão referendar uma proposta do Senado. Vão dizer: sim ou não para a proibição da venda de armas.

Negros em Foco: *As pessoas vão votar na mesma zona eleitoral?*

Beatriz Cruz: Sim, na mesma zona eleitoral. Tem que levar o título, a identidade. Um processo normal. O TSE vai começar com propagandas explicando o que é o “Referendo” e como as pessoas devem votar.

Negros em Foco: *O que a Sra. tem a dizer, sobre o alto índice da violência por arma de fogo?*

Beatriz Cruz: Hoje existem muitas armas em circulação no Brasil e elas são frequentemente usadas. Para se ter uma idéia, cada ano morrem 38 mil pessoas e entre os jovens e isso é assustador. Hoje a arma de fogo é a principal causa de morte de homens jovens no Brasil. Ela mata mais que acidente de trânsito, do que na maior parte dos países. É o que mais mata. Mata mais do que qualquer doença, mais que AIDS, mais do que qualquer outra causa externa.



Negros em Foco: A Unesco divulgou que na última década as mortes por arma de fogo, superam o número de vítimas de 23 conflitos armados no mundo. Como a Sra. vê esses dados?

Beatriz Cruz: Isso é assustador. Nós temos esse número imenso no Brasil. Não estamos em guerra, mas, ao mesmo tempo, temos um número de países que estão em conflito. O Brasil responde mais ou menos, por 3% da população mundial, mas corresponde a 8% das mortes por armas de fogo no mundo todo. Isso aparece em um relatório que foi feito por uma campanha internacional de controle de armas no mundo, que se chama Controlados. O Brasil está no caminho certo para tentar reverter o problema. Foi aprovado o Estatuto do desarmamento, tivemos a campanha de recolhimento de arma e agora, vamos ter o Referendo que será mais uma oportunidade para virar a página.

Negros em Foco: Quem é contra a cam-

panha do desarmamento e contra a proibição da comercialização de armas, alega que ao entregarem suas armas, não terão como se defender. O que o Instituto Sou da Paz, acha deste argumento?

Beatriz Cruz: Uma pessoa quando compra uma arma para sua legítima defesa, na verdade, não está se defendendo, é muito mais um risco ter aquela arma, do que uma proteção e isso é comprovado por pesquisas. Poucas pessoas têm preparo para lidar

com uma arma de fogo, um instrumento muito sério, feito para matar. A defesa tem que ser pública, a polícia tem que fazer isso, temos que exigir uma polícia de qualidade, um melhor atendimento. A outra questão é que o cidadão de bem e bandido é uma classificação que não se pode fazer, muito tênue ou linear, entre quem é do bem e quem é do mau. Não existe isso. Depende da situação. Se você tiver uma arma na mão, será sempre o mau.

Conflitos intempestivos acabam transformando muitas pessoas do bem, em mau. E isso acontece em trânsito, em bares. Para se ter uma idéia, arma, morte por arma, homicídio. Estamos pensando no roubo seguido de morte; vieram assaltar e mataram, mas isso corresponde a 5% do total de homicídios. Os outros homicídios, não são todos por motivos banais, mas a sua grande maioria é. O Departamento

de Homicídio e Proteção a Pessoa (DHPP), mostrou que de 2004 à 2005 nos homicídios que aconteceram, o principal motivo das mortes, era vingança e vingança não associada ao tráfico, isso tem uma categoria específica, é vingança mesmo: “Ah, mexeu com a minha namorada eu vou fazer. Mexeu comigo. Eu tenho que ser homem”. Vemos muito isso.

Negros em Foco: Somente 5% correspondem ao roubo seguido de morte. As pessoas desconhecem esses dados. Quais os riscos de se ter uma arma em casa?

Beatriz Cruz: Hoje, duas crianças são internadas, por dia, com alguma lesão por arma de fogo. Acidentes com arma de fogo acontecem a toda hora. Os pais têm arma e acham que os filhos não sabem onde está; mas sabem. Pegam a arma e acabam levando para escola, às vezes, simplesmente, para se mostrar: “olha só aqui, tenho uma arma”, às vezes, realmente, para cometer alguma coisa, fazer uma ameaça. É muito preocupante.

Negros em Foco: A maioria das mortes, por arma de fogo, se dá na periferia das cidades, principalmente, São Paulo. Sabemos que na periferia está a maior parte dos negros. A Sra. tem alguma informação sobre isso?

Beatriz Cruz: Eu não tenho um dado exato sobre etnia, mas sabemos que a maior parte das mortes, são focadas nos jovens, homens e negros e nas periferias das cidades. Isso é real e as pessoas vêem isso acontecer, acho que é uma situação a se pensar, como mudar? Então, num lugar que você acaba tendo acesso a arma muito fácil, você acaba tendo mais mortes.

A diáspora do século XXI e a construção de lideranças

*Por Rosenildo Gomes Ferreira
Jornalista da Revista IstoÉ Dinheiro*

Robson de Souza, 21 anos, jeito moleque, corpo franzino e mais conhecido por Robinho, desponta como um dos símbolos mais expressivos da cultura popular brasileira: o futebol. Esse esporte foi criado na Inglaterra e chegou por aqui no final do Século XIX, e apesar de ter sido apropriado pelos membros da elite, caiu no gosto popular. E aos poucos foi assumindo um papel semelhante ao que já ocorria com a música, tornando-se um veículo de ascensão social para os jovens que vivem nas periferias das grandes cidades. Nenhum esporte de massa tem tamanho poder catalisador. Tampouco nenhuma outra modalidade é capaz de representar tão bem o Brasil pelo mundo afora. Pelos cálculos da Confederação Brasileira de Futebol (CBF), no período janeiro-julho deste ano o país já “vendeu” 406 jogadores para clubes estrangeiros. Em todo o ano passado foram 857. Muitos, como nosso Robinho, saíram daqui para atuar em agremiações de ponta, o Real Madrid, e certamente conseguirão engordar a poupança com salários e prêmios milionários. Mas a maior fatia vai atrás de um futuro nebuloso e têm de submeter-se a condições adversas (no que concerne ao clima e à cultura) em algum grotão da Europa,



do Oriente Médio ou da Ásia. Às vezes, deixam para trás o país, a família e os amigos em troca, sem exagero, de um prato de comida e alguns trocados.

O que nos salta aos olhos é que a maior fatia dessa verdadeira diáspora é representada por afro-descendentes. Não se trata de mera coincidência ou obra do acaso. Submetido a um perverso processo darwinista desde antes da concepção, boa parte dos integrantes desta camada da população brasileira procura agarrar com unhas e dentes as mínimas chances de colocação profissional e/ou ascensão social que surgem pelo caminho. E devido aos efeitos danosos da política econômica ortodoxa e de escolhas governamentais equivocadas, princi-

palmente a partir de 1997, é forçoso dizer que a emigração, mesmo em bases precárias, surge como uma das poucas alternativas.

Em recente visita ao Brasil, onde participou de um seminário sobre gestão e liderança global, o ex-presidente americano Bill Clinton foi criticado ao apontar os males que a exclusão e o confinamento em guetos de um número expressivo de pessoas, sobretudo jovens, podem causar ao país. Essa imagem lhe saltou aos olhos no tortuoso trajeto entre o Aeroporto Internacional de Guarulhos e um hotel cinco estrelas na região central de São Paulo. Segundo Clinton, os líderes que o país precisa podem estar entre essas pessoas. E para descobri-los é preciso que a cidadania plena e as oportunidades alcance também essa camada da população.

Talvez famosos como Robinho e anônimos como Anderson Cartilho Cardena (vendido ao Tofta Itrottarfelag, das Ilhas Faroe) e outros milhares de jovens brasileiros integrem o pelotão de potenciais líderes que o Brasil precisa. Pena que para eles o saguão do aeroporto tenha se mostrado como a única alternativa para escapar da falta de oportunidade de ascensão social e/ou sobrevivência digna em seu próprio país. Até quando?

mpresários pelo Desenvolvimento Humano

*Por: Viviane Senna, Presidente do
Instituto Ayrton Senna*

Ao longo dos últimos 10 anos, tenho convivido com líderes empresariais, dirigentes de políticas públicas e ativistas de ONG's. Isto vem me possibilitando uma compreensão crescente da magnitude e da complexidade dos problemas com que estamos confrontados e do

desempenho do mundo empresarial no enfrentamento das desigualdades sociais intoleráveis que fazem do Brasil um país de cidadãos e sub-cidadãos. A primeira das duas mais importantes lições que pude aprender nessa caminhada é a de que o investimento

social privado pode e deve ser cada vez mais um investimento social estratégico. Isto quer dizer que ele não pode limitar-se às ações de curto prazo, ao apagar incêndios, mas deve comprometer-se com horizontes temporais mais largos, tendo ainda a

preocupação de saltar do micro para o macro e operar na lógica dos grandes números.

A segunda lição refere-se ao lugar que o empenho pelo social, a chamada responsabilidade social corporativa, deve ocupar na estrutura de uma organização. Para uns, ela deve estar no marketing; para outros, na área de recursos humanos; para um terceiro grupo, no campo das relações institucionais. Para mim, no entanto, o lugar mais digno dessa preocupação é no coração e na mente dos líderes empresariais. Se ela não estiver aí, muito pouco valerá ela estar em outros lugares.

O LIDE-EDH é um exemplo desta nova lógica. Trata-se de uma articulação de 80 das mais expressivas lideranças empresariais, que decidiram atuar conjuntamente com as políticas públicas e uma organização do terceiro setor, em favor de uma causa e com base numa estratégia. Esta causa é o desenvolvimento do potencial das novas gerações por meio da educação. A estratégia é realizar investimentos de médio e longo prazos, atuando na lógica dos grandes números.

O grupo LIDE/EDH é uma resposta ética, solidária e construtiva de uma importante fração do PIB brasileiro ao Brasil do 72º lugar no ranking mundial de Desenvolvimento Humano. Ele inaugura um capítulo promissor na história da responsabilidade social corporativa do país, dando um novo sentido ao papel do empresariado nos destinos da nação.



Viviane Senna

Voluntariado, essência feminina e junção de forças

*Por: Maria Lúcia
Alckmin, presidente
do Fundo Social
de Solidariedade do
Estado de São Paulo*

Quando pensamos no termo voluntariado, logo imaginamos palavras como doação, amor, solidariedade, ternura, fraternidade, compaixão. Experiências e sentimentos capazes de compor, também, uma definição detalhada sobre a natureza das mulheres – personagens múltiplas que parecem ter recebido uma dose extra de iluminação, uma partícula maior da centelha divina presente em todos os seres vivos.

Nas ruas, nos lares, nos becos estreitos das favelas, em ambientes muitas vezes insalubres existentes na maioria dos municípios brasileiros, milhares de mulheres vivem um cotidiano de batalhas. Uma jornada de lutas intermináveis que têm início, geralmente, antes do dia clarear. Ainda de madrugada, elas levantam, preparam a refeição do dia, la-

vam roupa, organizam a rotina da casa. Só depois, saem para trabalhar, para procurar trabalho, para deixar as crianças na creche, sempre na esperança de conquistar um futuro melhor, uma vida mais digna para si e para seus familiares.

Muitas têm de enfrentar uma verdadeira maratona para chegar aos seus destinos variados. São horas percorrendo trechos a pé, horas somadas nas esperas vividas em pontos de ônibus que, comumente, já chegam lotados. São trajetos áridos que dão início a verdadeiras viagens, itinerários cansativos e desgastantes que podem incluir, ainda, longos trechos de trem, metrô, lotação. Outras, no entanto, permanecem em suas casas, organizando tudo para que maridos e filhos possam viver suas



Maria Lúcia Alckmin

vidas de forma mais organizada, segura, equilibrada. São elas que lavam, passam, cozinham, fazem as compras, administram a casa, levam os filhos à escola, cuidam para que se sintam protegidos, amados. Juntas, todas essas mulheres ajudam a fazer o Brasil, a construir a riqueza do país, a assegurar o presente e o futuro da nação.

Mesmo com essa rotina estafante, muitas vezes ainda encontram tempo para ajudar ao próximo, para trabalhar pelo bem comum de suas comunidades. Nas igrejas – independentemente do credo que preconizam – podemos observar que todas as suas obras, voltadas às necessidades mais prementes das populações carentes das cidades e regiões, têm nas mulheres a expressão maior de sua força.

São elas, por exemplo, o grande exército que compõe a Pastoral da Criança, ONG cuja atuação já salvou a vida de milhões de meninos e meninas em todo o País. Crianças que, não raro, apresentam quadros graves de desnutrição, mesmo com idade inferior a um ano. São essas mulheres que, geralmente, também presidem às associações de bairro, assumindo papéis essenciais como líderes comunitárias. São elas que, faça chuva ou faça sol, batem às portas das casas localizadas nas localidades mais pobres e periféricas, sempre levando orientações como agentes de saúde. Profissionais que foram treinadas, muitas vezes, por outras mulheres. Figuras femininas maravilhosas que foram precursoras na missão de levar às mães informações básicas sobre alimentação saudável, higiene, soro caseiro, cidadania. Fun-

ções indispensáveis pelas quais, quase sempre, as mulheres não recebem remuneração e, quando recebem, são valores baixíssimos, simbólicos, insuficientes para o sustento de suas próprias famílias.

Trata-se de uma grande fraternidade composta por mulheres guerreiras, mulheres de fibra, mulheres movidas pelo desejo de fazer do mundo um lugar mais humano. Heroínas cujos nomes não se encontram no registro da História oficial justamente por-

*“Como Deus não
pode estar em todos
os lugares ao mesmo
tempo, criou as mães,
de maneira que pudesse
ser bem representado”*

que são protagonistas que ambicionam apenas fazer o bem, sem olhar a quem.

Há um ditado que resume a força gigantesca das mulheres: “Como Deus não pode estar em todos os lugares ao mesmo tempo, criou as mães, de maneira que pudesse ser bem representado”. É uma frase importante que nos leva a refletir sobre a grandeza desse ser de extrema sensibilidade e altruísmo que é a mulher, mesmo observando que ele expõe, apenas, a questão da maternidade. Sabemos

que dar à luz é apenas uma dentre as múltiplas facetas dessa mulher moderna e também da mulher ancestral que todas trazemos dentro de nós.

Na verdade, se queremos traçar um perfil fidedigno das mulheres temos de levar em conta a enorme gama de sentimentos e qualidades que marcam sua personalidade. Dentre eles está a capacidade de doação, o amor incondicional, a sensibilidade, a solidariedade, o espírito fraterno, o altruísmo e a força.

Milton Nascimento e Fernando Brant sintetizaram como ninguém essa essência feminina na letra da conhecida canção *Maria Maria*, quando dizem: “Mas é preciso ter manha/ é preciso ter graça/É preciso ter sonho sempre/ Quem traz na pele essa marca/Possui a estranha mania de ter fé na vida”. São versos primorosos que exprimem, dentre outras coisas, a capacidade da mulher, das *Marias* que, com manha e com graça, são, ao mesmo tempo, guerreiras e sonhadoras. Idealistas cuja fé em seus propósitos pode mover montanhas. Mulheres que são meninas eternas em sua coragem de brincar, de imaginar e de criar novas histórias de forma ininterrupta e corajosa, superando as adversidades do caminho.

Essas mulheres são voluntárias natas. Doadoras de amor que apreenderam a maravilha que é ajudar o seu semelhante, colaborando para a construção de um mundo melhor. Nos 645 municípios do Estado de São Paulo, observamos – devido ao trabalho que desenvolvemos na presidência do Fundo Social de Solidariedade

do Estado de São Paulo (Fussesp) – a trajetória encantadora dessas *Marias* comprometidas com a construção de novos tempos.

São criaturas iluminadas como Cleuza Ramos, do Morro Doce, na Zona Oeste da Capital. Líder comunitária que comove pela força, pelo sorriso largo e pela extrema capacidade de ação. Sua solidariedade e preocupação com as pessoas que estão à sua volta são exemplos que devem ser seguidos por todos. Cleuza é a responsável por montar, em parceria com o Fussesp, unidades das padarias artesanais. Essas padarias possibilitam a promoção de cursos de panificação à população de baixa renda, além de conciliar esses ensinamentos com explicações relativas às noções de higiene, cidadania, direitos e deveres. Conhecimentos diversos que desenvolvem, dentre outras coisas, a habilidade de expressão e comunicação tão necessária à realidade imposta pelos avanços do novo milênio.

A história de Cleuza é semelhante à de Dona Lourdes, do Jardim Princesa, na Zona Norte. Foi ela uma das primeiras mulheres a dar início à produção de pães artesanais. Dona Lourdes ainda é responsável por abrigar, em duas creches, mais de 300 crianças. É também a fundadora de uma casa especialmente montada para capacitar a comunidade de sua região.

Toda essa força de Cleuza e Lourdes se repete e se renova em outra personagem especial da periferia de São Paulo. Trata-se de Dona Duda, mulher de fibra que exerce liderança indispensável às campanhas e às atividades que

visam auxiliar as crianças carentes da favela Ayrton Senna, na Zona Sul da Capital. Foi ela quem arregimentou esforços para construir um espaço destinado à recepção da padaria artesanal doada pelo Fussesp, sempre com o objetivo de organizar cursos de fabricação de pães. Outra das ações exemplares de Dona Duda é a realização de um trabalho de inclusão social com dependentes químicos.

É maravilhoso saber que as histórias de voluntariado e solidariedade se propagam como nunca. Temos a sorte de poder lançar luzes, também, sobre o magnífico trabalho de Dona Sônia. Liderança que mantém, no Tatuapé, na Zona Leste, um internato para meninas e um abrigo para 160 portadores de necessidades especiais. Todos eles aprendem a fabricar o seu próprio pão artesanal, comercializando o excedente e provando, para si mesmos, que podem se sustentar, ser úteis, aprender coisas novas e gratificantes. Aprendem, sobretudo, que podem dar início a uma existência mais independente e cidadã.

Ao todo, o Fussesp estabelece parcerias e programas com cerca de duas mil líderes comunitárias. Mulheres movidas por uma energia contagiante cuja base é o amor, a vontade de ajudar, de transformar, de ver o mundo melhor, mais justo, mais humanitário. Suas ações contribuem para uma vida melhor e mais digna em suas comunidades.

Quem conhece a fundo esse trabalho e exemplos têm a nítida impressão de que, de alguma forma, elas foram tocadas pela bondade, pelo desejo ina-

*A fraternidade é o
caminho mais curto
e mais certo em
direção a um mundo
melhor para todos os
povos e nações.*

balável de fazer o bem, pela renúncia ao individualismo. Suas escolhas e ações pairam acima de partidos, ideologias e religiões. Todas são movidas por um desejo sustentado pela certeza de que a fraternidade é caminho mais curto e mais certo em direção a um mundo melhor para todos os povos e nações.

É nossa esperança que esse espírito de luta e de amor prolifere de modo que independa de sexo. É chegada a hora de homens e mulheres se unirem em suas semelhanças e diferenças, de modo que esse complemento divino os torne tanto mais fortes quanto mais sensíveis, tanto mais racionais quanto mais intuitivos, mais certos e seguros de que a força dessa união de idéias e ações pode originar um novo tempo, um novo e belo horizonte onde possamos vislumbrar a diminuição gradativa da extensa desigualdade social que causa tanto sofrimento a milhões de pessoas. Um horizonte onde predomine o respeito, a tolerância, a justiça e a paz na Terra.

educação e sustentabilidade

A entidade Ação Comunitária e o Instituto Camargo Corrêa inauguraram no mês passado, na zona Sul de São Paulo, a nova sede da Associação à Criança, ao Adolescente e Jovem do Icarai –

ção do atendimento às crianças, adolescentes e jovens da periferia de São Paulo.

“Após visitar outras unidades construídas e reformadas, com as atividades educacionais em andamento, perce-

bemos

que esta se-

to às demandas dos moradores por outros serviços também”, conta Celso Freitas, superintendente da Ação Comunitária. A ampliação das turmas deve ocorrer em 2006, de acordo com o planejamento da associação.

A diretoria de Acaji é composta por moradores do bairro, que dedicam parte de seu tempo às atividades da Associação.

Sobre Ação Comunitária

Fundada há 38 anos, a Ação Comunitária é uma organização social sem fins lucrativos, que tem um projeto pioneiro de responsabilidade sócio-empresarial e de formação de lideranças comunitárias. Seu trabalho é desenvolvido em parceria com outras organizações de bairro que buscam melhorar a qualidade de vida da população da região. A Ação Comunitária tem sua atuação volta-

Acaji, que proporcionará à população do bairro um novo espaço de educação, participação, cultura e cidadania. Os programas sócio-educacionais oferecidos no Acaji beneficiam, atualmente, 100 crianças e adolescentes.

As obras, iniciadas em setembro de 2004, fazem parte da iniciativa da Ação Comunitária de oferecer uma alternativa de investimento social, além de incentivar empresas-cidadãs a transformar os espaços físicos das associações de bairro em lugares adequados e motivadores, que permitem a melhora na qualidade e a amplia-

ria uma boa oportunidade de apoiar uma organização que conta com o apoio técnico da Ação Comunitária, que zela pela qualidade dos serviços oferecidos às comunidades”, explica Melissa Porto Pimentel, superintendente do Instituto Camargo Corrêa. Fundada oficialmente em 1999, a Acaji oferece atualmente à população do Jardim Icarai educação infantil para crianças de três a seis anos, com o Programa Primeiras Letras, com o Programa Crê-Ser. “Agora, Acaji terá sua atuação fortalecida na comunidade e maior capacidade de atendimen-



Sede antiga Acaji

da para as áreas da educação, cultura e cidadania para crianças e jovens de baixa renda.

Sobre Instituto Camargo Corrêa

O Instituto Camargo Corrêa (ICC) foi criado em dezembro de 2000 com a finalidade de coordenar e desenvolver as ações sociais das 16 empresas que compõem o Grupo Camargo Corrêa. O objetivo do ICC é dar suporte às instituições que promovam ações de apoio à infância e à adolescência nas áreas de educação, cultura e saúde nas localidades em que o conglomerado está presente. São aproximadamente 80 projetos em andamento e um orçamento previsto de mais de 5 milhões para 2005. Seus principais programas são:

1. Profissão Futuro - Dá apoio fi-

nanceiro a projetos de ONGs que promovam a educação profissional básica e o apoio à inserção e à manutenção de adolescentes de baixa renda no mundo do trabalho.

2. Programa Abrigar – Apóia abrigos para crianças e promove melho-

rias nessas instituições; faz publicações e organiza seminários sobre a ação dos abrigos.

3. Funcionário Voluntário – Apóia projetos que são indicados por funcionários do Grupo Camargo Corrêa.

4. Espaços Educativos – Apóia projetos de reformas em organizações; o ICC decide, junto com a organização, como tornar esse investimento mais adequado às atividades e necessidades da organização.

5. Todos pela Educação – Programa de mobilização comunitária, desenhado para ser implementado em cidades de pequeno porte. Contribui para que a comunidade tenha autonomia para o desenvolvimento de projetos sociais. Hoje, o programa está implantado nos municípios de Nortelândia (MT), Apiaí (SP) e Bodoquena (MS).



Nova sede Acaji

Por: Marta Suplicy, vice-presidente nacional do PT e ex-prefeita de São Paulo

responsabilidade social e cidadania

São Paulo vivenciou entre 2001 e 2004 uma experiência das mais exemplares na interação de esforços do poder público (Prefeitura) e sociedade civil (empresariado e comunidade), visando vencer desafios decorrentes da escassez de recursos para recuperação urbana, inclusão social e cidadania; gestão urbana e ambiental; modernização do setor público; cultura, esportes e lazer. O

ponto alto dessa parceria, que implica exercício de responsabilidade social e cidadania, foi a criação do Fórum Empresarial de Apoio à Cidade de São Paulo, em 2002.

O projeto piloto do Fórum foi apresentado em 7 de junho de 2002, durante o Congresso da primeira URBIS – Feira e Congresso Internacional de Cidades –, que realizamos no Anhembi. O plano estava em fase

de implementação pela Prefeitura de São Paulo, com apoio do Instituto Ethos de Empresas e Responsabilidade Social, e nesse dia contamos com Oded Grajew, diretor-presidente do Ethos, entre os palestrantes que definiam a razão e a importância de reunirmos esforços para fazer de São Paulo uma cidade melhor para todos.

Grajew discorreu sobre o entendimento de que a relação entre o setor público e o setor privado poderia ser de colaboração e parceria – fundamento do Ethos que consagrou a visão de as empresas também serem encaradas como agentes de transformação social, a partir de uma atuação ética e socialmente responsável. O Ethos contava, então, com 610 empresas associadas – empregadoras de 1 milhão de trabalhadores e 28% do PIB brasileiro. Hoje, já são 1014 associados – empresas de diferentes setores e portes – que têm faturamento anual correspondente a cerca de 30% do PIB brasileiro. Como se vê, a idéia da responsabilidade social tem agregado cada vez mais interesse e adeptos.

Depois dessa apresentação no Anhembi realizamos a primeira Ple-

nária do Fórum Empresarial, em dezembro de 2002, elegendo quatro projetos prioritários para a cidade: Telecentros, Adote um Parque, Banco de Alimentos e Programa Saúde da Família. A partir de então, concretizamos diversas parcerias, todas de muita importância para diferentes comunidades. As primeiras empresas a aderirem a projetos da carteira do Fórum foram Telefônica, Unilever, Comgás, Rede SOS Computadores e Instituto São Domingos – que receberam o reconhecimento público conferido pelo Fórum com o selo “Esta Empresa Ajuda São Paulo”.

Lembro, com especial carinho, de um dos resultados dessas parcerias: a construção do Centro de Educação Infantil (CEI) Sonho de Criança, que fizemos com o Grupo Accor, para atender 220 crianças de zero a seis anos, a maioria delas moradoras do Parque do Gato – conjunto de prédios no Bom Retiro, erguido em 2004 para oferecer aos moradores da favela que antes existia no local uma moradia digna, com qualidade e infra-estrutura de lazer, educação, esporte e convívio social. Também trago na mente e no coração as ima-

gens das crianças que nos CEUs (Centros Educacionais Unificados) puderam tocar numa orquestra com instrumentos doados pelo Santander e professores de música contratados pelo Instituto Pão de Açúcar.

Nada disso foi caridade. Tudo foi investimento. Tudo foi feito numa ação de natureza supra-político-partidária, com projetos selecionados a partir da sua importância social e

numa vivência rica em que também os cidadãos puderam se identificar, interagir e dar sua contribuição para manter essas conquistas, ou seja, tiveram como aprender, exercitar e compreender melhor o sentido de cidadania. Das muitas razões pelas quais valeu governar São Paulo, o capítulo responsabilidade social e cidadania é um dos que mais gosto de apontar.



Minirreforma política é risco de grande retrocesso em 2006

*Por: Fernando Rodrigues
- Jornalista da Folha de
S.Paulo - UOL
Brasília - DF*

A melhor parte da dita minirreforma política aprovada pelo Senado em 18.ago.2005 é que tudo poderá ainda ser rejeitado pela Câmara dos Deputados. Não há nas medidas aprovadas pelos senadores nenhum item que seja 100% a favor da modernização da democracia e do sistema eleitoral. Eis o que foi aprovado:

Responsabilidade pelo dinheiro de campanha: hoje há muita dubiedade sobre quem é o responsável pela veracidade das informações financeiras e contábeis de uma campanha eleitoral. Pela regra proposta pelo Senado, o candidato passa a ser “solidariamente responsável”, assinando junto com o tesoureiro. O efeito desse tipo de medida é nulo

ou perto disso. O problema não é responsabilizar o candidato. O necessário é que um candidato que tenha caixa dois comprovado perca o mandato, a qualquer tempo e época em que o delito for descoberto. Hoje, esse tipo de risco é quase zero. O PFL teve um prefeito seu (Cassio Taniguchi, de Curitiba, capital do Paraná), flagrado com caixa dois para a sua reeleição, em 2000. A descoberta se deu em 2001. Taniguchi nunca foi cassado. A chance maior de um político perder seu registro por causa de caixa dois é se a irregularidade for descoberta antes da diplomação/posse -o que é praticamente impossível. Na regra proposta pelo Senado não há nenhum dispo-

sitivo explícito sobre perda de mandato no que diz respeito a políticos que usam caixa dois. Esse é o ponto. É verdade que a pena para financiamento ilegal cresceu para cinco anos. A multa varia de R\$ 20 mil a R\$ 50 mil. É uma piada. Não se fala em cassação. Fala-se em julgar o político e mandá-lo para a cadeia. A chance de algo assim acontecer no decorrer do mandato é próxima de zero. A multa de R\$ 50 mil soa quase como uma ofensa quando comparada às cifras reveladas pelo esquema do empresário Marcos Valério de Souza, apontado como um dos provedores do “mensalão”. Se quisessem realmente propor uma regra com efeito de ameaça forte

contra o caixa dois, os senadores deveriam ter proposto a perda imediata do mandato no momento em que fosse encontrada prova desse tipo de crime. Mas aí seria necessário haver vontade real de fazer mudanças na lei eleitoral...

Tempo de campanha - diminui de 90 para 60 dias. Em princípio, parece uma medida simpática. “Ninguém mais agüenta esses políticos mentirosos” é o lugar-comum mais ouvido. O problema não é, portanto, o tamanho da campanha. É a chusma de candidatos -não todos- que aparece falando asneira em comícios e nas propagandas de rádio e TV. Num país com baixo nível de politização, falar em reduzir as campanhas políticas compulsoriamente soa como um pacto com o atraso. O ideal seria que os políticos pudessem, a qualquer momento, divulgar o que pensam. Que fosse incentivado o debate. Por que proibir um candidato de fazer um cartaz ou camiseta a favor de sua eleição? Não há razão para tal medida em uma democracia.

Showmícios e brindes - estão proibidos os showmícios. Sejam pagos ou gratuitos. Também está proibido distribuir camisetas, bonés, broches e outros badulaques. A idéia dessa proibição, bem como a da redução do tempo de campanha, é que assim o custo geral da campanha fica menor. Há um raciocínio reducionista por trás: “1) todos roubam; 2) é impossível impedir que todos roubem; 3) vamos proibir esses ladrões, nós, os políticos, de gastar o dinheiro”. É quase demencial esse tipo de racio-

Medidas do Senado

variam de inócuas

a autoritárias.

Câmara tem poder

para jogar tudo no lixo

cínio. Se alguém acha que consegue o voto de um eleitor dando um boné de presente, qual é o problema? O mais triste é a pessoa se vender por um boné do que o desqualificado que se dispõe a comprar o voto. Uns dirão: “Temos de proteger os mais ingênuos”. Errado. O que é necessário é liberdade para todos verificarem o que acontece e apontar o dedo para o que está errado. Mas nem isso será possível...

Menos programas de TV e rádio - a propaganda eleitoral na TV e no rádio fica reduzida de 45 dias para 35 dias. Também ficam proibidas cenas externas. A partir da próxima eleição, se vingar a proposta do Senado, o candidato aparecerá só no estúdio, com um fundo neutro e apenas o símbolo do partido. Não serão permitidos recursos de computação gráfica nem trucagens. De novo, a idéia é reduzir custos. Acabar com a ditadura dos marqueteiros. Impedir que o político engane o eleitor com programas falsos (alguém aí se lembra da sala com intelectuais petistas andando de um lado para o outro com as propostas de governo para Lula?). Essa proposta é de um paternalismo paradigmático. Saudades da senzala. O brasileiro é burro. Não sabe

discernir entre o certo e o errado. Gosta de ter sempre um nho-nhô com um chicotinho dizendo o que pode e o que não pode fazer. Uma miséria total. Uma prova de que os autores da lei nos desejam em marcha batida para o século 18. A redução da propaganda na TV e no rádio não diminuirá em um centavo o que cobram os marqueteiros. Duda Mendonça cobrou, disse ele, R\$ 25 milhões para fazer as campanhas do PT em 2002. É tolice acreditar que o publicitário fará uma regra de três para dar um desconto ao PT proporcional aos dez dias a menos na próxima campanha. Na realidade, a diminuição do tempo de propaganda na TV só favorece a uma categoria: aos políticos já conhecidos. Quem desejar entrar na política terá menos tempo para se apresentar. Quem já faz parte do clube sai ganhando. Sobre a proibição de cenas externas, a decisão do Senado é uma aberração contra a liberdade de expressão, um preceito constitucional. Por que um candidato a vereador no interior do país não pode, com uma simples e barata câmera de VHS, mostrar os buracos de rua ou as filas em hospitais? Não há resposta. Vale, nesse caso, o mesmo raciocínio de itens anteriores: “1) Os políticos aproveitam para fazer caixa dois no pagamento de altas cifras aos marqueteiros; 2) é impossível impedir que os políticos paguem tão alto pelos seus programas; 3) vamos limitar a forma como os programas são feitos”. Essa bizarrice não considera o fato de que não há crime nem ilicitude em algum empresário cobrar R\$ 25 mi-

lhões para fazer alguns comerciais e comandar o marketing de uma campanha eleitoral. O crime está em um partido político aceitar a proposta e pagar com dinheiro frio. Ninguém é obrigado a fazer tal negócio.

Pesquisas eleitorais - ficam proibidas de serem divulgadas as pesquisas de intenção de voto nos 15 dias anteriores à eleição. É quase ocioso falar sobre esse item aprovado pelo Senado, pois trata-se de flagrante inconstitucionalidade. Deve ser derrubado. Ainda assim, é revelador que os políticos se voltem contra as pesquisas de maneira recorrente. É como se quisessem culpar o colchão pelo adultério. A lógica é perversa. Os senadores votaram para proibir as pesquisas porque acreditam que os eleitores ficam influenciados de maneira deletéria pelas sondagens de intenção de voto. Achem que muitos votam apenas no candidato que aparece com chance de vencer nas pesquisas. É possível que muitos votem por essa lógica simplista, é verdade. E daí? Deve-se proibi-los de ter esse comportamento? Por quê? Por essa lógica dos senadores, já que os eleitores são tão superficiais e não conseguem dar às pesquisas o peso devido, melhor seria então abolir de uma vez as eleições. Quem não sabe interpretar pesquisas, certamente não sabe votar. Felizmente, esse tipo de absurdo nem os senadores brasileiros são capazes de propor.

Contas na internet - os políticos candidatos passam a ser obrigados a colocar na internet relatórios diários da contabilidade de suas campanhas.



7abr2005 /FolhaImagem/Lula Marques

Para não dizer que tudo aprovado no Senado é uma porcaria, essa não é uma medida ruim. Sozinha, porém, resultará inócua. Qual é o órgão do governo ou da Justiça Eleitoral que receberá fundos e recursos humanos para checar o que for publicado na internet? Não se sabe. Possivelmente, não haverá esse tipo de rastreamento. Atualmente, as contas de campanha, as declarações de bens dos candidatos e outros documentos já são recebidos pela Justiça Eleitoral. O procedimento é meramente protocolar. Não há como analisar essa massa de documentos. O que propôs o Senado a respeito? Nada. A diferença, se for aprovado pela Câmara o projeto do Senado, é que agora muitas informações estarão na internet e alguns abnegados poderão, por conta própria, tentar checar a veracidade dos dados. Só que estamos longe de ter um procedimento padrão para auditar o que todos os candidatos apresentam como contas de campanha. Há outros itens na tal minirreforma do Senado, mas são menos relevantes.

A partir de agora, podem acontecer três cenários: 1) a Câmara aprova a reforma que veio do Senado; 2) além de aprovar as idéias dos senadores, os deputados também incluem itens debatidos na Câmara e 3) para felicidade geral, deputados jogam todas as propostas no lixo e permitem, pela primeira vez em décadas, que em duas eleições presidenciais o Brasil tenha a mesma regra, sem alteração. Poucos notam, mas a democracia representativa estável é uma norma recentíssima na vida brasileira.

Quando FHC passou a faixa presidencial para Lula em 1º de janeiro de 2003, foi a primeira vez que esse ato acontecia desde 1960, com a passagem do cargo de JK para Jânio Quadros. Depois de Jânio, veio o golpe militar (1964-1985). Era para o Brasil ter eleições diretas, mas o PMDB se acertou com o establishment e fez uma escolha indireta. Deu tudo errado. Tancredo Neves morreu antes de assumir. Ironia maior, assumiu o vice, José Sarney -que na ditadura militar havia sido presidente do PDS, sigla que dava sustentação protocolar ao regime de exceção.

Sarney deveria ficar 4 anos no cargo (esse era o entendimento geral, embora a Constituição da época lhe desse até 6 anos). Ficou 5 anos no Planalto, distribuindo rádios e TVs para políticos. Veio a primeira eleição direta pós-ditadura em 1989. Elegeu-se Fernando Collor, destituído do cargo depois de um rumoroso processo de impeachment, em 1992. Assumiu Itamar Franco. Em 1994, elegeu-se FHC já com novas regras: o mandato tinha sido reduzido de 5 para 4 anos.

Quando as coisas começavam a ficar mais calmas, os tucanos comandados por FHC e Sérgio Motta se envolveram no processo que ficou conhecido como a “compra de votos para a reeleição”. Deputados confessaram ter vendido o voto por R\$ 200 mil, em dinheiro. A Constituição foi alterada. Ninguém foi punido. Os deputados réus confessos renunciaram ao mandato e sumiram de Brasília. “Nunca vi ganhar um boi para entrar e uma boiada para sair”, brincou à época o deputado Delfim Netto (PP-SP). Em 1998, FHC foi reeleito. Em 2002, quando a regra parecia estável, o Supremo Tribunal Federal decidiu a favor da verticalização: alianças feitas nacionalmente teriam de ser respeitadas nos Estados. De novo, o Brasil enfrentava uma mudança de normas. Sem querer comparar com algo de menor importância, mas já comparando, as regras eleitorais no Brasil mudam tanto quanto os regulamentos dos campeonatos de futebol. Por ironia, o campeonato brasileiro ultimamente tem regras mais estáveis do que a política.

Em 2006, há a possibilidade de o Brasil ter, pela primeira vez em sua história recente, a mesma regra da eleição anterior. A verticalização está, por enquanto, mantida. Pode-se argumentar que a entrada em vigor da cláusula de barreira em 2006 representa uma mudança de regras em relação a 2002. Não é fato. Essa lei foi votada em 1995. É uma regra aprovada para entrar em vigor em 2006. Como já estava aprovada, os partidos, supostamente, já estavam trabalhando com a exigência votada há mais de 10 anos. Não se

trata, portanto, de algo que está sendo aprovado na última hora -como querem agora senadores e deputados. Manter tudo como está, ao contrário do que muitos dizem, seria uma revolução num país como o Brasil. Os eleitores passariam a se acostumar com as regras. Aos poucos, aperfeiçoariam a maneira como escolhem seus candidatos. Esta página trata há alguns anos de reforma política, a chamada mãe de todas as reformas. É difícil encontrar algum ser humano minimamente informado que seja contra uma boa reforma política. Mas como diz o cientista político Jairo Nicolau, do IUPERJ (Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro), “é quase impossível encontrar dois políticos (quanto mais dois cientistas políticos) que estejam pensando o mesmo quando defendem a reforma. Alguns imaginam mudanças profundas, como o fim do voto obrigatório e a adoção do parlamentarismo. Outros defendem propostas mais modestas, tais como o aperfeiçoamento da representação proporcional e alguma inibição ao troca-troca partidário”. Por essa razão apresentada por Jairo Nicolau é quase um crime de lesa-pátria pretender fazer uma reforma política sem a devida compreensão de uma parcela significativa da sociedade. [...] Quem acompanha política nacional sabe que, a rigor, já existe uma reforma política em curso. Aprovada em 1995, a Lei 9.096, criou a chamada cláusula de desempenho, também conhecida como cláusula de barreira - essa última designação não é ideal, pois dá margem ao entendimento errôneo de que partidos serão banidos

da vida política, o que é um equívoco. A Lei 9.096 estabeleceu que a cláusula de desempenho seria aplicada a partir da eleição de 2006 (havia quem entendesse que já deveria ter entrado em vigor em 2002, mas essa é outra discussão). É raro na história do país casos em que se oferece tanto tempo para os atores envolvidos se adaptarem a uma determinada regra. Foram mais de 10 anos para que todas as siglas buscassem maneiras de atender às exigências da lei. Muito justo. Antes de falar sobre a cláusula de desempenho -que está para ser derrubada pela Câmara antes mesmo que possa entrar em vigor em 2006-, vale uma pequena recapitulação histórica. A ditadura militar (1964-1985) extinguiu os partidos políticos ainda nos anos 60. Um atraso monumental para a vida política nacional. Só havia duas siglas. A Arena (Aliança Renovadora Nacional, pró-militares e hoje apenas PP, Partido Progressista) e o MDB (Movimento Democrático Brasileiro, a oposição consentida, hoje conhecido como PMDB). Na década de 1980, já nos seus estertores, a ditadura militar resolveu novamente permitir a existência do multipartidarismo. Foi uma festa, bonita, da volta do país à democracia. Cada grupo queria formar a sua sigla. Era bom que fosse daquela maneira. Ocorre que o represamento de anos de ditadura fez com que o país saísse do regime de exceção para um certo tipo de democratismo. No final dos anos 80 e início dos anos 90, havia mais de 40 partidos políticos em funcionamento no país. As regras eram facilitadas para que, como diria Mao Tse Tung, flo-

rescessem as mil flores. As siglas tinham amplo acesso à TV e ao rádio. Aos poucos, foi-se alterando a norma. Hoje, o número de siglas com registro definitivo no TSE caiu para 27. É aí que se chega à cláusula de desempenho. A idéia não é impedir que os partidos políticos existam, mas apenas dar a eles um tratamento proporcional aos votos que recebem dos eleitores. No início do retorno à democracia, é óbvio, não se podia exigir de uma nova agremiação política que tivesse um determinado percentual dos votos. Era muito cedo. Os brasileiros estavam de novo reaprendendo a discutir política. Agora, não. O PT, por exemplo, tem 25 anos de idade. Antes da cláusula de desempenho era uma espécie de “farra do boi” montar um partido. Para alguns transformou-se em um negócio lucrativo. Cada sigla tinha acesso à TV e ao rádio. Recebia dinheiro do fundo partidário. E, finalmente, tinha o direito a funcionamento parlamentar - o que significa nomear um líder e influir nas votações do plenário. Como se sabe, um líder pode pedir verificação de quórum, falar a qualquer momento, enfim, atrapalhar ou ajudar nas votações importantes. Quantos mais líderes existirem, mais difícil uma matéria caminhar com rapidez pelos escaninhos do Congresso. O acesso dos partidos a todas essas benesses foi sendo reduzido ao longo do tempo. Mas só a partir da votação de 2006 é que o cálculo será implacável com os partidos nanicos. Apenas as siglas que obtenham pelo menos 5% dos votos para deputado federal em todo o

país terão amplo acesso a todos os direitos na TV, rádio, fundo partidário e funcionamento parlamentar. Se se considera a eleição de 2002, só 7 siglas atingiram essa exigência da cláusula de desempenho: PT, PSDB, PFL, PMDB, PPB, PSB e PDT. O que aconteceria com os outros? Acabariam? Não poderiam ter deputados? Nada disso. Uma sigla que eleger um ou dois deputados poderá dar posse aos seus eleitos. Só que não terá mais do que 2 minutos por semestre na TV (em anos não-eleitorais) e apenas um tempo diminuto na propaganda eleitoral. Receberá apenas uma fração mínima do fundo partidário e não poderá nomear líder dentro da Câmara nem do Senado. É justo. Hoje, por exemplo, o Prona é um partido com apenas dois deputados: Enéas Carneiro e Elimar Máximo Damasceno, ambos de São Paulo. Não obstante, o Prona tem direito a ter um líder. É só aparecer uma votação importante para que Enéas surja em plenário invocando o seu direito de falar como líder. Nada contra nem a favor das opiniões de Enéas. Mas é uma aberração um partido com apenas duas das 513 cadeiras da Câmara ter os mesmos direitos das siglas grandes. Se entrar para valer em vigor a cláusula de desempenho, Enéas viraria um deputado como os outros. Teria de se inscrever e esperar a sua vez para falar. Justo. E os partidos ditos ideológicos, que são nanicos? Terão o mesmo tratamento dado ao Prona. Siglas como PC do B e PV também não terão direito a líder, nem a lon-



7abr2005 /FolhaImagem/Lula Marques

gos períodos na TV e no rádio. É uma pena que as pequenas siglas verdadeiramente sérias, independentemente de coloração ideológica, fiquem com um funcionamento tão restrito. É verdade. Mas assim é a democracia. Proteger esses nanicos é democratismo. Tolerável por algum tempo na transição da ditadura para o sistema atual. Foi o caso do Brasil. Por mais de 20 anos houve plena liberdade para inclusão de novas siglas no establishment político. Agora, esse período de carência acabou. O problema é que os deputados e os senadores não pensam assim. No que depender deles, a cláusula de desempenho cairá de 5% para meros 2%. A farra do boi continuará. E ficará cada vez mais perpetuada a grande máxima: toda vez que um deputado ou senador não tem uma idéia o Brasil melhora.

Agenda Cultural

Uma seleção do melhor da programação de arte e cultura

Por Rodrigo Massi e-mail: agendacultural@afrobras.org.br



Artes Visuais



Exposição na Galeria Marta Traba do Memorial da América Latina revela origens da América a partir do barro

Em sua 5ª edição, a mostra “Barro de América” exhibe as diferentes expressões da cultura de países da América Latina através do metafórico material utilizado: o barro. O evento conta com a participação de seis países representados por 16 artistas. Curadoria de Leonor Arantes (Brasil) e Martín Sánchez (Venezuela).

Onde: Galeria Marta Traba. Fundação Memorial da América Latina.

Av. Auro Soares de Moura, 664. Metrô Barra Funda. Acesso pelos portões 4 (estacionamento), 5 e 6.

Quando: De terça a domingo, das 9h às 18h. Até 09 de outubro.

Entrada gratuita. Outras informações: www.memorial.org.br - Tel. 11 3823-4706.

Internacional

Metropolitan inaugura temporada operística

É com noite de gala, no dia 19 de setembro, que terá início a temporada operística 2005-2006 do Metropolitan Opera, em Nova York. Durante o espetáculo será apresentado o Ato I de “As Bodas de Fígaro”, com Isabel Bayrakdarian, Susan Graham, Dwayne Croft and Bryn Terfel, Ato II de “Tosca” com Angela Gheorghiu, Marco Berti e Bryn Terfel e o Ato III de Sansão e Dalila com Denyce Graves, Plácido Domingo e Frederick Burchinal.

A regência será de James Levine.

Cinema

O Centro Cultural Banco do Brasil, dentro do projeto “Diretores Brasileiros”, exhibe durante o mês de setembro filmes do diretor Nelson Pereira dos Santos.

Onde: Centro Cultural Banco do Brasil. Rua Álvares Penteado, 112 Centro – SP, próximo às estações Sé e São Bento do Metrô. **Outras informações:** 11 3113-3651 ou 11 3113-3652.

Teatro

São Paulo na poesia de Tom Zé

Realizada pelo Núcleo Experimental do Teatro Popular do Sesi-SP, a peça “O que eu entendi do que Tom Zé disse”, traz ao palco crônica amorosa sobre a cidade de São Paulo, com inspiração na poética do consagrado artista Tom Zé.

Onde: Teatro Popular do Sesi-SP. Av. Paulista, 1313 – Próximo à estação Trianon do Metrô.

Quando: Quinta-feira a sábado, às 20h30min e domingo às 19h30min. Ingressos distribuídos uma hora antes do espetáculo. **Indicação:** para maiores de 14 anos. Até 6 de novembro. Entrada gratuita.

Revista Bravo e Bradesco Prime lançam 1ª edição do Prêmio Bravo! Prime de Cultura

Será no mês outubro, na Sala São Paulo, a entrega da 1ª edição do Prêmio Bravo! Prime de Cultura. A iniciativa é da Revista Bravo em parceria com o Bradesco Prime. A premiação é dividida em oito categorias e a data também comemora os oito anos de existência de Bravo! O regulamento está disponível na edição de setembro da própria revista ou através do site www.bravonline.com.br. Outras informações: 11 3037-6614.

Música

São Paulo recebe Orquestra Filarmônica de Dresden

Orquestra de prestígio internacional, a Filarmônica de Dresden, cujas origens remontam a 1870, quando foi inaugurada a primeira sala de concertos da cidade, se apresenta na Sala São Paulo nos dias 1º e 2 de outubro. O conjunto sinfônico, que já foi regido por grandes compositores como Tchaikovsky, Dvorák e Richard Strauss, interpretará obras de Beethoven e Wagner – dia 1º/10 – e obras de Brahms, Respighi e Stravinsky – dia 2/10.

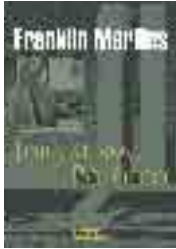
Onde: Sala São Paulo. Rua Mauá, 51, Luz. **Quando:** 1º e 2 de novembro.

Nos dias do espetáculo, estudantes de até trinta anos e com a apresentação de carteirinha de estudante pagam 10 reais. Recomenda-se chegar com duas horas de antecedência. www.culturaartistica.com.br. Outras informações pelo tel. 11 3258-3344.



Livros

José do Patrocínio e seus 100 anos de morte ganham destaque no livro de Franklin Martins



O centenário da morte do maior jornalista abolicionista do país, José do Patrocínio, passou praticamente despercebido pela imprensa nacional este ano. Mas não para o comentarista Franklin Martins, que analisa o personagem e sua importância histórica no livro *Jornalismo Político*, lançado recentemente pela Editora Contexto. Ele conta a trajetória de Zé do

Pato, como José do Patrocínio era chamado, um homem que descobriu sua vocação no jornalismo e fez dele seu palanque para a luta abolicionista. Críticos da época, lembra Franklin Martins, diziam que o jornalista “escrevia com o coração nos lábios”.

Filho de padre e de uma escrava quitandeira, José do Patrocínio viveu na pele todas as contradições da escravatura. Ele produziu algumas das páginas mais contundentes da imprensa brasileira contra a escravidão, um grande jornalista que aliava indignação e paixão à análise política. Aos 25 anos, associou sua vida à causa da libertação dos escravos. A partir daí, como jornalista, orador, poeta, dramaturgo e vereador, tudo o que pensou, escreveu, falou e fez teve um só objetivo: acabar com a escravidão no país. Depois do auge, no entanto, veio a triste queda. Franklin Martins presta uma homenagem a esse homem hoje pouco lembrado pela história nacional. O autor discorre ainda sobre o papel da imprensa desde a década de 50, quando os jornais assumiam claras posturas ideológicas e defendiam abertamente seus candidatos.

Racista, eu?! De jeito nenhum - 2
Corra que a polícia vem aí



Após o enorme sucesso do livro *racista eu de Jeito Nenhum*, o cartunista Mauricio Pestana lança o número 2 da série dedicado somente à questão da violação dos direitos humanos com relação à comunidade negra. São 100 páginas de muito humor, com dados de pesquisas superatuais sobre o assunto. Editora Escala. Nas livrarias ou pelo site: www.mauriciopestana.com.br

Adoção de crianças negras: inclusão ou exclusão?



O livro intitulado “Adoção de crianças negras: inclusão ou exclusão?” foi baseado na análise dos procedimentos de colocação em família adotiva, cujos resultados gerais fazem parte da dissertação de mestrado em Serviço Social da autora, Ana Maria da Silveira, em 2002, pela PUC/SP. Esta obra revela que muitas crianças e adolescentes que estão dis-

poníveis para adoção têm sido preteridas, em virtude de particularidades – de saúde, idade e aspectos raciais. Em se tratando das particularidades raciais, estas podem possibilitar ou dificultar a inserção em família adotiva, dependendo do conceito de identificação que lhes são atribuídos – pardo claro, pardo escuro, preto ou branco. Embora indicada como uma das medidas que possibilita o convívio familiar, nem sempre a adoção contempla a todos que dela necessitam. Este estudo apontou, dentre outras questões, que o preconceito na prática adotiva também ocorre entre pessoas do próprio grupo racial. Embora tenha aumentado o número de candidatos negros à adoção, as crianças denominadas pretas dificilmente conseguem ser encaminhadas às famílias adotivas.

Hip Hop Consciência e Atitude



Big Richard. Um livro recheado de histórias e fatos da cultura no Brasil e no mundo e, certamente, será uma fonte de aprendizado para os amantes do movimento. Em linguagem fácil e acessível, Big Richard trata, no livro, o HIP HOP puro e real. O HIP HOP sem máscaras. Editora Livro Ponto. Nas livrarias ou pelo site: www.realhiphop.com.br



A Unibanco AIG fez o primeiro seguro exclusivo para mulheres.

E, para não ter briga em casa, já aproveitou e fez o primeiro seguro exclusivo para homens.

Seguro Homem Unibanco AIG e Seguro Mulher Unibanco AIG, os primeiros seguros exclusivos para homens e mulheres do Brasil, que ainda dão Kit Bem-Estar e Kit Beleza grátis. Porque, na Unibanco AIG, homens e mulheres têm vantagens iguais. **Procure seu corretor, ligue para 4004-3053 (capitais e regiões metropolitanas) ou 0800 727-5353 (demais regiões), ou contrate agora pelos sites www.unibancoaig.com/homem e www.unibancoaig.com/mulher.**



 **UNIBANCO** | AIG

SEGUROS & PREVIDÊNCIA

Nem parece seguradora.



herança africana

Por: Manolo Florentino, professor no departamento de história da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Escreve na seção "Autores", do Mais!, da Folha de S.Paulo.



Certa leitura da escravidão brasileira há muito enfatiza a multiplicidade de estratos civilizacionais que lhe deram vida. Desde 1947, Frank Tannenbaum [1893-1969] -cujo livro "Slave and Citizen - The Negro in the Americas" [Escravo e Cidadão - O Negro nas Américas] permanece incompreensivelmente ausente em nosso rol de traduções- tem alertado para a combinação entre o direito romano, as particularidades do catolicismo ibérico e as políticas da coroa lusitana tendentes a mitigar o despotismo senhorial. Antes, em "Casa Grande & Senzala", Gilberto Freyre descobrira elementos análogos em lusitanismos repletos de modelagem judaica, romana, bárbara, islâmica e até asiática, sempre amalgamados a vetores africanos em meio à contínua adaptação representada pela colonização.

As trocas estabelecidas entre matrizes culturais diversas e suas ressignificações resultaram em uma peculiar linguagem da servidão entre nós, cujo fundamento jamais poderia radicar no binômio leniência/crueldade -óbvio, não existe cativeiro de qualidade superior, a não ser em restritos círculos de sadomasoquistas. Melhor seria apreendê-lo por meio da inquestionável conclusão de que nenhuma outra sociedade colonial alforriava tantos escravos como a América portuguesa. No entanto mesmo os especialistas que optam por essa aproximação não retiram da singularidade brasileira algumas importantes derivações lógicas e empíricas.

Para além da Europa

É bem verdade que José Murilo de Carvalho alertou para a nossa mestiçagem política, resultado da permanente introdução na "civitas" de traços fundadores do cativeiro. Mas poucos se dão conta de que a mobilidade contida na obtenção de uma carta de liberdade não raro transformava libertos em proprietários de outros homens, trazendo à tona linguagens não exatamente ibéricas e católicas da servidão. Matrizes escravistas engendradas na África encontravam assim condições de fincar raízes entre nós, provendo a sujeição e a sua eventual superação de bases legitimadoras sequer intuídas pela historiografia. Piso em águas muito profundas,

reconheço, até porque diferentes substratos culturais tendem a se inserir uns nos outros, formando uma linguagem plural. Mas se, como é sugerido por inúmeros estudos, a esperada aculturação não embotava por completo os atributos intrinsecamente africanos dos desembarcados nas Américas -razão pela qual, aliás, eles fugiam mais do que os nascidos aqui-, não vejo por que se deva reduzir a pó a memória dos diversos cativos prevaletentes na África, sobretudo quando senhores e escravos dali proviessem.



Padrões de alforria

Quem pode afiançar que, ao acordarem a libertação da escrava após a morte de sua proprietária, Maria Benguela e a forra Antonia Maria

Rebolo não estivessem acionando dispositivos próprios de sua Angola natal em pleno Rio de Janeiro oitocentista? Onde está escrito que o longo caminho pelo qual Maria Cassange e o liberto Carlos da Silva pavimentaram um arranjo semelhante fez tábula rasa das práticas escravistas das regiões bantu de onde ambos haviam sido arrancados? As fontes encobrem os conteúdos genuinamente africanos da linguagem do cativo no Brasil, é certo; mas a exigüidade do conhecimento sobre a dinâmica da escravidão na África também ajuda a perpetuar a nossa ignorância.



Os arquivos encontram-se abarrotados de cartas de liberdade obtidas por meio do pagamento monetário aos senhores, e muitos cativos ofereciam uma espécie de sinal para, depois, quitar o restante em reitadas parcelas mensais ou quinzenais. Padrões similares vicejavam na península Ibérica, mas também em vastas regiões africanas. No califado de Socoto, por exemplo, a instituição da “fansa” permitia oferecer ao amo determinada quantia inicial, à qual se agregavam diversos pagos até a integralização do valor da autocompra. Quando Rosa Mina e seu amo Benedito Conrado Mina, afro-ocidentais de provável origem muçulmana que habitavam o Rio de Janeiro, combinaram que a escrava obteria a sua alforria mediante um sinal de 400 mil réis e sucessivas prestações, que paradigma amalgamava o arreglo -o ibérico ou a “fansa” negro-islamita? Outros usos comuns no Brasil colonial encontravam paralelo em prescrições islâmicas e podem muito bem ter-nos alcançado tanto por via indireta, por meio da península Ibérica, quanto por meio da contínua interação entre senhores e escravos africanos provenientes de zonas muçulmanas. Merece destaque a aquisição de di-



reitos por parte da “umm walad” -o nome árabe da tão conhecida ama-de-leite-, cuja amamentação dos filhos do senhor podia implicar na sua progressiva inserção no seio da família do amo e até mesmo na obtenção da liberdade. O multiculturalismo implícito a estas possibilidades aponta para a riqueza de um passado cuja apreensão não admite simplificações. Serve também para lembrar ao rodriguiano império da unanimidade (massas, maiorias, assembléias e demais) o quanto logramos nos distanciar de semelhante estágio em prol de uma sociedade miscigenada, a condição mais eficaz de inserção em uma modernidade paradoxalmente dilacerada pelo multiculturalismo que a globalização velozmente impõe.





aruru de preceito

*Por: Elisabete Junqueira, publicitária,
diretora da Companhia de Notícias*

Beim que os grandes chefs gostariam de ter inventado... Nada se iguala ao “caruru dos santos”, um dos melhores banquetes da terra, a herança da religião dos antigos escravos africanos que penetrou como nenhuma outra nos lares católicos brasileiros. É um conjunto variado de muitas iguarias, que leva o nome do prato principal, o caruru, preparado em setembro, em homenagem aos santos gêmeos católicos Cosme e Damião. São a mais perfeita síntese da culinária afro-baiana – comida feita para divindades, que nós, misérrimos mortais, espertamente aprendemos a apreciar. Como nas outras manifestações de sincretismo religioso onde o cristianismo e o candomblé se fundem, os ibejis, santos gêmeos dos nagôs, são cultuados na figura dos santos gê-

meos católicos. Mas é certamente por causa da divina culinária que esse costume, mais que qualquer outro, excede os limites religiosos.

Enquanto no Centro-Sul do Brasil os santos meninos da devoção do povo brasileiro são homenageados na forma da distribuição de doces e confeitados para as crianças, na Bahia os adultos se banqueteiam, e não só no dia 27 de setembro, o dia do calendário religioso dedicado aos dois santos, mas por todo o mês de setembro, com repeteço em outubro. O costume é assim: sete meninos são convidados de honra para abrir os trabalhos – a lenda diz que havia sete irmãos: Cosme, Damião, Dou, Alabá, Crispim, Crispiniano e Talabi. Em seguida, os adultos e demais crianças são servidos pelos anfitriões, que fazem prato por prato,

começando pela iguaria de quiabo picado que dá o nome à celebração e acrescentando uma variedade infinita de acompanhamentos: vatapá, efó, xinxim de galinha, frigideira de camarão, siri mole, pipoca, amendoim, farofa de azeite de dendê, cana picadinha, banana frita, arroz branco, abará, abóbora, acarajé, milho branco, coco em pequenos pedaços, galinha ao molho pardo e ovo cozido. Geralmente, a iniciativa parte de famílias em que nasceram filhos gêmeos, tudo no bom estilo afro-brasileiro, em casas de pobres e de ricos. Mas o melhor do costume é que, em cada celebração, os anfitriões deixam, na panela de caruru, três pequenos quiabos inteiros, que são servidos ao acaso aos convidados. Quem é premiado com um desses quiabos herda a obrigação de oferecer outra festa igual no ano seguinte, e de convidar todos os presentes. Por suprema



Elisabete Junqueira

dádiva da providência, nem mesmo os mais ferrenhos agnósticos ousam quebrar esse encanto – afinal, com santo não se brinca –, multiplicando cada comemoração por três, numa virtuosa corrente.

Quanto à origem européia de devoção, os católicos acreditam que em casa onde existam imagens de São Cosme e São Damião não entra epidemia, feitiço, bruxaria, mau olhado e espinhela caída.

A vida dos santos gêmeos está mergulhada em lendas. Dizem que eram árabes e viveram na Sílicia, na Ásia Menor, por volta do ano 283. Praticavam a medicina e curavam pessoas e animais, sem nunca cobrar nada. Como viveram no auge das perseguições aos cristãos, eles foram torturados e degolados por ordem do imperador romano Diocleciano.

O culto aos dois irmãos é muito antigo. Há escritos sobre eles desde o século V. Em certas igrejas, havia um óleo santo de São Cosme e São Damião, que tinha o poder de curar doenças e dar filhos às mulheres es-

téreis. E, durante séculos, foram comuns na Europa as Irmandades de Cosme e Damião, que congregavam os médicos e os cirurgiões.

No Brasil, a devoção trazida pelos portugueses misturou-se com o culto aos orixás-meninos da tradição africana, em que são associados aos rituais de fertilidade.

No candomblé, os ibejis também representam o aspecto criança de cada um dos demais orixás. Muitas vezes aparecem com um irmão menorzinho, o Idowu, que cuida das crianças pequenas. Na Bahia, é comum encontrar em uma capela católica as imagens dos santos gêmeos, tendo, ao lado, pequenos potinhos dourados com água e “manjares africanos”.

Voltando para a culinária, a grande celebração começa desde a véspera, porque muitas pessoas são envolvidas na preparação de cardápio tão extenso. Cozinheiras e cozinheiros experientes, sempre acompanhados por uma horda de aprendizes, empenham-se para oferecer aos comensais o mais saboroso caruru. Após a escolha de tenros quiabos, bem lavados e enxutos, eles são cortados em cubinhos (exceto os do preceito). Também são selecionados os camarões secos, o puro azeite da flor de dendê, as pimentas e tantos outros temperos (ver a receita).

Um mês depois, no dia 25 de outubro, as cerimônias se repetem, embora com menor intensidade. Nesse dia, comemora-se São Crispim e São Crispiniano, também gêmeos e confundidos na credence popular com Cosme e Damião. Por via das dúvidas, é melhor reverenciar esses dois também...

Caruru (para 30 pessoas)

(Receita de Zeno Millet*)

200 quiabos

1 kg camarão seco (gráudo)

4 cebolas brancas grandes

1 maço de cebolinhas verdes

1 maço de coentro

6 tomates maduros

2 pimentões gráudos

8 dentes de alho

1 litro de azeite de dendê

1 litro de leite de coco

1 colher de café de gengibre ralado



Lave bem os quiabos, separe sete inteiros e o restante corte em cruz, de forma que fiquem em cubinhos bem pequenos, como se tivessem passado por um processador.

Bata todos os temperos no liquidificador, com meia xícara de vinagre. Triture também o camarão seco.

Misture o tempero triturado com o camarão e o quiabo em uma panela grande e coloque o azeite de dendê. Leve ao fogo.

Deixe cozinhar por aproximadamente 50 minutos, mexendo sempre.

Coloque o leite de coco e continue mexendo. Após 30 minutos, aproximadamente, estará tudo pronto.

Os sete quiabos conservados inteiros devem ser destinados aos ibejis.



* Zeno Millet é neto de Mãe Menininha, Iyalorixá do Terreiro do Gantois.

A invisibilidade do negro nos meios de comunicação

Mundialmente conhecida como quarto poder, a mídia na era da sociedade de informação e da globalização da economia reforça sua importância como ferramenta fundamental para a construção de uma sociedade mais justa, igualitária, e tem sido objeto de discussões em importantes fóruns nacionais e internacionais.

Apesar disso, como escreve Regina dos Santos, presidente da Sociedade de Cultura Dombali, no livro *Racismos Contemporâneos*, “os veículos de comunicação no Brasil – TVs, rádios, jornais, revistas, periódicos em geral e toda a mídia, inclusive o mais novo fenômeno, que é a internet – reproduzem estereótipos solidamente arraigados na mentalidade nacional. A população negra e afro-descendente é impedida de se ver refletida de forma positiva no espelho da mídia e, quando aparece, sua imagem ganha contornos construídos pelo imaginário do preconceito racial, reforçando imagens distorcidas e estereotipadas de nossa realidade.”

“Essa situação perversa de racismo e discriminação nos meios e dos meios de comunicação e na mídia, sobretudo na televisão, não é apenas reflexo de aspectos históricos da prática do racismo na sociedade brasileira. É,

também, resultado de um conjunto de fatores de ordem econômica e política que, nas últimas décadas, tem privilegiado somente não negros em todos os setores da vida econômica, política e social do país”, continua a autora.

O reconhecimento dessa realidade coloca em pauta o debate e a reflexão não somente quanto ao papel da mídia no processo de inclusão e exclusão social no Brasil, mas passa também sobre o repensar a es-

trutura de concessões e distribuição dos meios de comunicação de massa e dos mecanismos de incentivos públicos e privados de participação da sociedade civil organizada, complementa Regina dos Santos.

Apesar de a televisão ser uma concessão do Estado, a parcela negra da população, entre 46% e 48%, segundo dados do IBGE, órgão oficial de estatística do governo federal, continua à margem desse meio de comunicação de massa. Isso contraria os princí-

"A imprensa negra ficou na penumbra, como se fosse pouco significativa" - Clóvis Moura.

pios fundamentais da Constituição, que são a cidadania e a dignidade da pessoa humana (Art. 1º - I e III) e contraria também os objetivos fundamentais da República Federativa do Brasil: construir uma sociedade livre, justa e solidária; promover o bem de todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação (Art. 3º - I, IV).

Essa preocupação com a participação de negros na comunicação não é recente. Representantes de entidades ligadas ao movimento negro no Brasil, bem como de outras parcelas da população, há muito reivindicam uma maior representatividade nos meios de comunicação do País.

"A participação dos negros nos meios de comunicação avançou sob o ponto de vista da quantidade. Todavia, o reflexo desse aumento sobre a qualidade dos discursos proferidos a respeito do negro pouco nos tem feito verificar alterações nos estereótipos, na forma como as imagens são veiculadas, na intensidade das associações entre o negro e as coisas negativas", considera o professor doutor em antropologia pela Universidade do Texas e professor de Antropologia e Estudos Culturais da Universidade Federal Fluminense (UFF), Júlio César de Tavares.

"A imprensa negra ficou na penumbra, como se fosse pouco significativa" - Clóvis Moura.

Para os afro-brasileiros, realmente



muito pouco se avançou de 1915 para cá, ano em que o poeta negro paulista Deocleciano Nascimento criava O Menelick. A publicação, como as demais existentes na época, tinha como objetivos, segundo estudo crítico sobre a Imprensa Negra, realizado pelo historiador Clóvis Moura e publicado pela Imprensa Oficial do Estado (*ver página 61*), refletir as atividades e anseios da comunidade negra de São Paulo, fortalecer a cultura negra e, ao contrário dos interesses do colonizador, enaltecer as virtudes de um povo tachado como criminoso e marginal. A importância histórica destas publicações não foi o suficiente para que elas continuassem praticamente desconhecidas da população em geral. "A imprensa negra ficou na penumbra, como se fosse pouco significativa", escreveu Clóvis Moura.

Depois de O Menelick, vários outros jornais foram criados. Inicialmente, apenas preocupados em divulgar não só os ideais, mas também os costumes e a produção intelectual da comunidade negra paulista e, depois, como forma de ampliar a participação política do negro na sociedade. De 1915 a 1963, são listados cerca de 30 publicações editadas por negros e que sobreviviam graças à ajuda financeira de integrantes da comunidade. O último veículo da época editado por negros paulistas, o Correio d'Ébano, também não foi poupado pelo regime militar e teve suas portas fechadas em 1964.

Mais de quarenta anos se passaram e continuamos lutando para garantir nossos direitos mais básicos, entre eles, o de podermos ser representados adequadamente na mídia brasileira, com a devida valorização de nossa história, tradição e costumes. "A eficácia da exclusão e desqualificação de tudo o que não está euro-referido, ou sem referência euro-americana, constitui-se no mecanismo que produz as imagens sem valor dos sujeitos não-cidadãos. A rede midiática, e aqui se inclui não só os meios eletrônicos, mas a literatura, a escola e outras tantas mídias esquecidas como tal, é corresponsável pela produção de uma imagem colonizada e estereotipada do negro", considera o professor da Universidade Federal Fluminense, Júlio César de Tavares.

Num ano em que comemoramos

117 anos da Abolição da Escravatura, e que foi escolhido para ser o Ano Nacional da Promoção da Igualdade Racial, embora existam várias publicações editadas por entidades do movimento negro - como esta nossa Revista Afirmativa Plural, da Afrobras, que comemora dois anos de história, numa demonstração de luta e garra para manter-se no mercado - os afro-brasileiros contam com apenas uma vendida em bancas de jornal, distribuída e reconhecida nacionalmente: a Revista Raça Brasil. Na chamada mídia eletrônica, temos o Programa Domingo da Gente, conhecido nacionalmente e apresentado, há cinco anos, por Netinho de Paula, na TV Record, e um ou outro programa regional em grandes capitais, dentre os quais se inclui o Negros em Foco. Produzido pela Afrobras, o programa - que comemora um ano no ar em 3 de outubro próximo, ininterruptamente na RBI-Rede Brasileira de Integração - tem perfil jornalístico e formato inédito, pois é apresentado por duas jornalistas negras, e debate, através de entrevistas, de temas que levam a uma reflexão objetiva sobre o racismo e a exclusão no país.

Para o vice-presidente da Editora Símbolo, Roberto Melo, o lançamento da Revista Raça Brasil foi fundamental para que o País começasse a enxergar essa importante parcela da população composta pelos afro-bra-



Roberto Melo

sileiros. “Sem nenhuma falsa modéstia, a participação do negro na mídia mudou depois do lançamento da Revista. Estamos a apenas nove anos do lançamento, mas o que acontecia naquela época era muito diferente. Os negros eram invisíveis para a mídia brasileira. Só apareciam no futebol ou no carnaval. Hoje, avançamos muito nesta questão”, considera ele. Segundo Roberto Melo, a publicação da Revista escancarou para os anunciantes que existe um mercado potencial de consumidores negros ávidos por verem atendidos seus desejos básicos de consumo. “Eu me lembro de ter participado de reuniões com

várias empresas para contar o caso da Revista porque eles ficaram totalmente surpresos com uma coisa que era óbvia: a existência de uma classe média negra, muito bem resolvida do ponto de vista do poder aquisitivo e que, principalmente, entre as mulheres, se queixavam por que não havia no mercado de beleza, produtos voltados para essa etnia”, lembra o vice-presidente da Símbolo. Apesar disso, e do grande sucesso no lançamento da Revista, cuja primeira edição atingiu mais de 250 mil exemplares, não foi fácil para a Raça se manter no mercado. Hoje, a publicação roda com uma tiragem de 50 mil exemplares. “Vendemos mais no primeiro ano porque tínhamos informações exclusivas para os negros. Hoje, estas informações estão em todas as outras revistas também, e isso é natural.

“O profissional de comunicação deveria ser treinado em um terreno da radicalidade ética tão eficiente quanto à eficácia das técnicas que revestem a sua profissão”
- Júlio César de Tavares



Roberto Duailibi

Mas a Raça está muito bem e está atingindo um público que é muito especial”, diz Melo.

“Até recentemente, julgava-se que o negro representava segmentos de baixo consumo” - Roberto Duailibi

Essa classe média a que se refere Roberto Melo, também para o publicitário Roberto Duailibi, sócio-fundador da DPZ (Duailibi, Petit e Zaragoza Propaganda S.A.), uma das mais tradicionais e conceituadas agências do mercado publicitário do País, só foi descoberta há pouco. “É recente a participação do negro e da negra, assim como das crianças negras, na comunicação publicitária. Até recentemente, olhava-se o negro apenas como consumidor e, na busca exagerada de resultados, considerava-se que eles pertenciam, ma-

joritariamente, a segmentos de baixo consumo. E havia, claro, preconceito”, admite. Duailibi lembra, ainda, uma das primeiras campanhas da sua agência que utilizou o conceito da beleza negra em propaganda, num antigo pôster para a Revista Quatro Rodas, que promovia o turismo na Bahia. “Depois, fomos a primeira agência a mostrar um casal internacional num comercial da Walita. O marido era negro, e a esposa, branca. Não funcionou, e acho que cometemos um erro, já que queríamos mostrar um casal ‘democrático’ e, no fundo, estávamos ofendendo as mulheres negras”, admite.

Na opinião do professor Júlio César de Tavares, a lógica, quase que puramente mercantil dos meios de comunicação, é o entrave que persiste e prejudica avanços maiores com relação à participação do negro na mídia. “A responsabilidade dos meios de comunicação para o resgate da cidadania e da auto-estima do povo negro é estratégica. O problema é que todo o sistema, por ser altamente competitivo, trabalha muito com a audiência. A incorporação de temas e de produções onde existe uma preocupação maior com o tema na televisão, por exemplo, é muito mais veloz nos canais a cabo do que na TV aberta. Ou seja, o que percebemos é que o processo é tão ou mais veloz quanto maior for a qualidade da audiência”, considera ele.

Para o jornalista e professor de Comunicação, e diretor-geral da TV PUC-SP (Pontifícia Universidade Católica), Gabriel Prioli, não há como não reconhecer que houve um aumento expressivo na participação dos negros na mídia, nos últimos anos. Um fato que, segundo ele, veio como consequência da pressão da própria sociedade e do movimento negro. “Hoje existe uma preocupação dos autores, especialmente na área da teledramaturgia, em criar núcleos de famílias negras. Além disso, mudou também com relação à participação dos negros apenas em papéis subalternos”, diz ele, para quem o filme *A Negação do Brasil*, produzido pelo cineasta Joel Zito Araújo, contribuiu bastante para esta mudança de postura recente. “Ele fez uma crítica profunda e objetiva sobre a produção de teledramaturgia no País. E acho



Gabriel Prioli



Netinho de Paula

que calou forte junto aos autores”, considera Prioli.

O professor Júlio César de Tavares, entende ainda que uma intervenção direta neste campo dos estereótipos e preconceitos divulgados pelos meios de comunicação em geral, implicaria introduzir “cotas anticoloniais”, com negros que estejam conscientes como profissionais e como atores sociais. Além disso, o antropólogo acredita que os profissionais de comunicação precisam ter uma boa formação crítica para que possam compreender o processo de estereótipos e de desigualdades existente na mídia, de maneira efetiva. “Se o formador de opinião é um profissional que, inevitavelmente, detém o poder da palavra e da imagem persuasiva, ele deveria ser treinado em um terreno da radicalidade ética tão eficiente quanto à eficácia das técnicas que revestem a

sua profissão. Quero dizer com isto que as escolas de comunicação precisam trabalhar mais o aspecto da responsabilidade social do papel do comunicador, seja ele jornalista, publicitário, editor, ou atue em outras esferas do setor”, declara.

“A TV da Gente terá a nossa cara. E teremos autonomia para isso” – Netinho de Paula

Comandando, há cinco anos, o programa Domingo da Gente, uma das principais atrações da TV Record em audiência e faturamento, o apresentador Netinho de Paula será também o primeiro negro a dirigir uma emissora de televisão em canal aberto do País (*ver entrevista na pág. 7*). E ele garante que a TV da Gente terá um diferencial fundamental para os negros e negras que atuam nos meios de comunicação brasileiros. “A TV tem que ter capital negro. Ela tem que ter a nossa cara e temos que ter autonomia para fazer isso. É uma TV que é dirigida por negros. E esta representatividade nós vamos querer ter em todos os cargos”, garante Netinho.

O apresentador admite que não há boa vontade por parte das lideranças dentro das emissoras com o processo de inclusão. “Isso não é só um sentimento que tenho. Eu estou lá dentro. Trabalho lá. Até por isto resolvi tomar a iniciativa de fazer um canal de TV. Uma TV dirigida por nós”,

disse. Segundo ele, de dois anos para cá, há uma predisposição em incluir negros nos meios de comunicação. Mas Netinho diz que isso não significa que o processo melhorou ou que mudou. “Quando entrei na TV Record, há cinco anos, imaginei que, pelo fato de ter sido contratado e de estar apresentando um programa aos domingos, os outros canais iam fazer a mesma coisa. Mas não aconteceu nada. O que houve foi que nas campanhas publicitárias, hoje, há uma representatividade maior dos negros. Mas em outros sentidos eu não vi nenhum avanço”, assinala.

Na realidade, o que se espera de um País como o nosso, cuja diversidade é característica largamente difundida para além dos limites geográficos desta Nação – como uma maneira eficaz de trazer para cá turistas de todos os cantos do mundo, bem como o de abrir novos mercados às empresas brasileiras – é que aqui se pratique, efetivamente, esta mesma diversidade no dia-a-dia de cada um de nós, brasileiros. Este chamado caldeirão étnico onde vivemos, principal ingrediente de um país que é “vendido” lá fora, não pode continuar sendo, internamente, o elemento desagregador, que distancia e discrimina. E a mídia, os meios de comunicação têm sim, o dever de reproduzir e de respeitar esta nossa tão maravilhosa realidade brasileira.

A imprensa negra paulista

De acordo com estudo de Clóvis Moura intitulado "A Imprensa Negra em São Paulo" e reeditado pela Imprensa Oficial em 2002, a necessidade de buscar identidade étnica, de relatar fatos corriqueiros da comunidade, bem como expor seus anseios, preocupações e também de protestar contra o preconceito, levou os negros paulistas, do início do século XX, a editar uma série de pequenos jornais. O primeiro desses órgãos foi O Menelick, bastante prestigiado pela comunidade negra, pois procurava abordar assuntos interessantes para a vida social e cultural dos negros. Em seguida, foram editados os jornais A rua e O Xauter, 1916; O Alfinete, 1918; O Bandeirante, 1919; A Liberdade, 1919; A Sentinela, 1920; O Kosmos, 1922; O Getulino, 1923; O Clarim da Alvorada e Elite, 1924; Auriverde, O Patrocínio e O Progresso, 1928; Chibata, 1932; A Evolução e A Voz da Raça, 1933; O Clarim, O Estímulo, A Raça e Tribuna Negra, 1935; A Alvorada, 1936; Senzala, 1946; Mundo Novo, 1950; O Novo Horizonte, 1954; Notícias de Ébano, 1957; O Mutirão, 1958; Hifen e Niger, 1960; Nosso Jornal, 1961; e Correio d'Ébano, 1963.

A seguir, alguns trechos do estudo feito pelo historiador Clóvis Moura:

"Pouco conhecida e não incluída nos programas das escolas de comunicação como um capítulo a ser estudado e interpretado, a imprensa negra ficou na penumbra, como se fosse pouco significativa. A sua importância foi desgastada por uma visão branca da imprensa que marginalizou os jornais negros impressos na época. Assim como o negro foi marginalizado social, econômica e psicologicamente, também foi marginalizado culturalmente, sendo, por isso,



toda a sua produção cultural considerada subproduto de uma etnia inferior ou inferiorizada."

"Durante todo o tempo em que a Imprensa Negra circulou, através de jornais de pequena tiragem e duração precária, as atividades da comunidade negra de São Paulo ali se refletiam. Dando-nos, por isso, esses jornais, um painel ideológico do universo do negro. Nela se encontram estilos de comportamento, anseios, reivindicações e protestos dos negros paulistas. É uma trajetória longa, dolorosa muitas vezes, a desses jornais que, praticamente, não tinham recursos para se manter durante muito tempo, mas sempre exprimindo, de uma forma ou de outra, o universo da comunidade. Lá estão as festas, aniversários, acontecimentos sociais; lá está o intelectual negro fazendo poesias; lá estão os protestos contra o preconceito de cor e marginalização do negro."

"A preocupação com a educação é uma constante. O negro deve educar-se para subir socialmente. Para isso, deve deixar

os vícios como o alcoolismo e a boemia, deve abster-se de praticar arruaças, deve ser um modelo de cidadão. Em todas as publicações é visível a preocupação com uma ética puritana capaz de retirar o negro de sua situação de marginalizado. Daí haver, em muitos deles, a condenação aos excessos nos bailes de negros, que eram tidos pelos brancos como centros de corrupção. Os jornais servem, portanto, para indicar, através de regras morais, o comportamento que deveriam seguir os membros da comunidade negra".

Trechos extraídos do estudo:

A Imprensa Negra em São Paulo

Clóvis Moura

Edição Fac-Similar, 2002

Imprensa Oficial

O Negro na comunicação

Por: Maria Célia Malaquias - Psicóloga – Psicodramatista – mestre em Psicologia Social - PUC - Coordenadora do NAP - Núcleo de Apoio Psicológico da Unipalmars - mcmalaquias@uol.com.br

Ao nascer somos inseridos numa determinada cultura, e iniciamos o processo de desenvolvimento que inclui a aprendizagem dessa cultura. Essa aprendizagem, que se dá através da interação social, é mediada por diversos elementos da própria cultura. As figuras de autoridade desempenham um papel importante nessa mediação. Pais, professores, e demais pessoas que elegemos como modelo são nossos interlocutores nas tentativas de ver e de compreender o mundo que nos cerca. Nosso universo cognitivo é compreendido e decodificado através dos símbolos e signos que regem o nosso universo.

Não é uma interação passiva, ao contrário somos os atores principais deste processo. Ao mesmo tempo em que recebemos um legado, somos também transmissores desse legado. Ou seja, a comunicação está presente desde os primórdios, como uma necessidade humana.

Na medida que há um avanço na sociedade, surgem formas cada vez mais sofisticadas de comunicação. É inegável a potência que atingimos com a globalização, com os recursos tecnológicos que nos permitem estarmos ligados ao universo. No entanto, observamos que, se por um lado



a comunicação chega a todos os cantos, por outro lado parte da população não se vê representada nos chamados veículos de comunicação de massa.

É de longa data a luta da população negra para ocupar o seu lugar de destaque nos diferentes veículos de comunicação. E, principalmente a luta para que tais veículos retratem os fatos no campo da objetividade da informação, sem tentar convencer o receptor com mensagens subjetivas.

Infelizmente, por mais que estejamos atentos, ainda é comum encontrarmos, por exemplo, na imprensa falada e escrita, mensagens carregadas de pre-

conceito e discriminação relativas ao negro. Muitos de nós já ouvimos inúmeras referências à “a coisa está preta”, “nesta sexta-feira negra”. E sabemos do sofrimento emocional que tais expressões provocam na população negra.

Acreditamos numa imprensa democrática. Desejamos principalmente que nossas crianças e jovens se vejam representados em toda a sociedade, em especial nos grandes, médios e pequenos veículos de comunicação. Que a propaganda que invade nossos lares a todo instante seja veiculada com pelo ao menos metade dos atores negros. Afinal, somos quase 50% da população brasileira, portanto é natural que, como consumidores, nos vejamos contemplados. É mais que tardia a hora do negro aparecer na mídia como protagonista e não apenas coadjuvante.

Entendemos que a comunicação, no sentido de dar passagem, de comunicar o que é de interesse comum para o bem comum, possibilita avançarmos um pouco mais para uma sociedade mais justa ampliando o nosso campo de percepção e de transmissão da sociedade com maior participação efetiva de todos.

A cultura da “invisibilidade”

Por: Maurício Pestana, Cartunista e Publicitário
www.mauriciopestana.com.br

Recentemente, tese defendida em uma grande universidade paulista analisou a “invisibilidade” dos trabalhadores de manutenção daquela instituição.

A pesquisadora se fez passar durante vários dias por uma funcionária da faxina e, qual não foi sua surpresa quando os próprios colegas de sala de aula não a cumprimentavam, não lhe dirigiam a palavra, sequer direcionavam-lhe o olhar. Ou seja, ela passou a ser totalmente “invisível” assim que mudou de roupa e de função.

Drama parecido vive diariamente os afro-brasileiros em nosso país, com uma agravante: a discriminação racial. Não importa a roupa, a posição social, econômica, cultural ou acadêmica: sempre prevalecerá sua “invisibilidade” e a cor da pele.

Pode ser juiz, advogado, médica, empresário, engenheira etc., dependendo do espaço social que estiver circulando, fatalmente passará pelo constrangimento da “invisibilidade” ou, na maioria das vezes, da dupla “invisibilidade” ao ser confundido com um serviçal (sem nenhum demérito para com esses profissionais).

Como mudar essa situação, já que mais de cem anos se passaram da assinatura da Lei Áurea e o negro em nosso país ocupa outros postos que não apenas os de serviçais?

Somos engenheiros, arquitetos, jornalistas, juízes etc., atuantes na sociedade e na economia brasileira. Como mudar o olhar da invisibilidade e da discriminação?

Muitos dirão, sem hesitar, que a saída passa pela educação. Sem dúvida, mas a educação de quem? Dos negros que, ao



se prepararem melhor e em maior quantidade, irão começar a ocupar numericamente esses espaços? Ou dos brancos, que precisam aprender a conviver com essa nova realidade? Acredito que as duas alternativas impulsionariam, sim, a desobstrução da “invisibilidade” discriminatória na qual passamos de forma violenta nesses territórios. Porém, há um aspecto profundo, enraizado dentro dos detentores destes espaços, que precisa ser analisado mais atentamente: o aspecto cultural. A cultura tem um papel preponderante na ação das pessoas e a cultura que ainda permeia esses lugares é arcaica, colonialista, excludente e racista.

Cabe ao conjunto da sociedade um esforço muito grande que vise à mudança desses espaços e desses comportamentos. Quando falamos em mudança de comportamento, neste início de século XXI, é impossível não citar o poder determinante dos meios de comunicação, sobretudo o da televisão. Ela hoje é a grande formadora de opinião não só dos que estão atuando cotidianamente na vida de nosso país, mas

principalmente nos que construirão o futuro da nação. Fica aí a pergunta: qual tem sido o papel da televisão brasileira diante deste quadro? Historicamente, o de reproduzir a invisibilidade e a discriminação, tão presentes nesses espaços. Mais do que isso, é a reprodução dos valores e dos estereótipos embutidos no inconsciente dos frequentadores desses locais.

A reprodução é automática e de forma simples: “Eu escrevo, eu dirijo, eu pauto para minha programação em cima daquilo que eu vejo e do jeito que eu vejo; se nos espaços em que eu circulo, a presença do negro é ‘invisível’, logo irei reproduzir essa ‘invisibilidade’ em minha programação, seja no jornalismo que dirijo, na novela que escrevo e até mesmo no programa infantil ou feminino que conduzo”!

Só existem duas saídas para mudar essa mentalidade e contribuir para pôr fim a esses espaços de “invisibilidade” negra: Uma mídia totalmente negra com canais de televisão, revistas e jornais negros, mostrando ao mercado que não somos “invisíveis”. Evidentemente, neste caso, seremos acusados de racistas ao avesso. A outra opção seria uma real democratização desses meios de produção de mídia, com profissionais negros e brancos escrevendo, dirigindo e reproduzindo espaços comuns, verdadeiramente democráticos de visibilidade para todos, sem distinção e exclusão.

Caso contrário, continuaremos vendo comerciais de cervejas à beira de campo da periferia brasileira com homens e mulheres dinamarqueses e nós, negros, continuaremos também ouvindo, em algumas recepções, a pergunta: “Você pode me trazer um uísque?”

15
bilhões
de reais

*Por: Silvino Ferreira Jr.
Publicitário, diretor-presidente
da Atabaque*

Qual é a sua parte?

Num passado nada remoto, ao ser questionado sobre a ausência do negro em anúncios e comerciais brasileiros, era muito comum ouvir dos publicitários a resposta nada criativa de que a propaganda apenas refletia a exclusão do mesmo como consumidor. Ou seja: “não tenho nada a

ver com isso”. Com o tempo, parece que se descobriu que o negro come, toma banho, se veste e, por incrível que pareça, se diverte. Parece também que algumas empresas descobriram que o fato de pôr um negro nos seus comerciais não suja a sua marca ou produto. Muito pelo contrário.

Tanto é que algumas marcas já praticam a suprema ousadia de pôr mais de um negro, ao mesmo tempo, em suas peças publicitárias. Isto parece irreversível, mas para que o principal objetivo a ser alcançado, a igualdade, tenha sucesso, é preciso mudar o foco e sugerir uma nova pergun-



Silvino Ferreira Jr.

ta. Por que não existem negros nas agências de propaganda brasileiras? Onde estão os diretores de conta, os diretores de mídia, os diretores de criação, os redatores, os diretores de arte e os donos de agência, negros? E antes que os publicitários venham a público com uma nova resposta uniforme, é bom adiantar: dizer que o que pesa na hora da contratação é só o talento, não vale, pois basta um simples telefonema do cliente dizendo que tem um filho talentoso em casa, para o menino acordar estagiário na melhor agência do país. A verdade é que basta ter no portfólio um anúncio com a foto de uma linda negra para que a agência já exiba o seu álibi, o seu atestado de empresa sem preconceito. Ali se encerra o seu compromisso com a diversidade. Se

tiver uma negra na recepção, então... Mas é preciso mais, muito mais, para merecer o tal atestado.

O que têm a ver com isso os 15 bilhões acima? 15 bilhões de reais (sem considerar os descontos oferecidos pelas agências), é o total de investimentos em mídia no primeiro semestre de 2005, anunciado pelo Ibope Monitor. Só a Casas Bahia aparece com mais de um bilhão. Não é difícil imaginar que boa parte deste dinheiro sai dos bolsos de consumidores negros. Afinal, é nas classes C e D que esta rede tem o seu público alvo. E se o assunto é a participação do negro na mídia, cabe a pergunta: desse montante, que percentual vai parar em mãos negras? Será que temos que nos contentar com os cachês pagos às nossas atrizes e mode-

los? Quem se contenta com pouco, não merece mais que isso. Eu prefiro a minha parte em dinheiro.

É tão claro que a Publicidade desempenha um papel importante na construção da auto-estima e como formador de opinião (e, pelos acontecimentos recentes, também na política), que não dá para abdicar da parte que nos cabe neste latifúndio. É preciso exigir mais, pressionar mais. É assim que as coisas funcionam e a Publicidade está longe de fugir à regra. E já que as agências parecem andar sempre a reboque das mudanças sociais, fazendo sempre o papel de agentes passivos dentro desse processo, o mais eficiente é pressioná-las via cliente. Quando a maioria das empresas exigir que os seus fornecedores tenham compromisso com a diversidade étnica e cultural brasileira, veremos surgir uma nova propaganda brasileira. Uma propaganda ainda mais criativa e, acima de tudo, mais justa na divisão dos seus resultados. Principalmente os resultados financeiros. Ou vamos conviver eternamente com ciclos de discursos hipócritas e respostas sincronizadas?

Fica aqui a sugestão: sempre que um dono de agência de propaganda vier lhe falar em justiça, igualdade e democracia, pergunte quantos negros ele emprega e quais as funções que eles exercem. Enquanto aqueles bilhões a que se refere o título, estiverem indo para as mãos de sempre, qualquer discurso sobre justiça, igualdade e democracia, acredite: é propaganda enganosa.

Eunice Prudente:

Estudo e trabalho

De origem humilde, seus familiares sempre participaram de movimentos anti-raciais e desde cedo fizeram questão que Eunice Aparecida de Jesus Prudente conhecesse a realidade do Brasil quanto ao tema preconceito e educação. Atual Diretora-Executiva da Fundação Procon-SP, Eunice formou-se em Direito pela Universidade de São Paulo em 1972, especializou-se na mesma faculdade em Direito Municipal em 1973, Direito Agrário, Cadastro e Tributação, em 1975. Obteve o título de mestrado e de doutorado pela mesma faculdade, com a Dissertação “Preconceito Racial e Igualdade Jurídica no Brasil” e à tese “Direito à Personalidade

Integral, Cidadania e Vida Plena”, e foi a partir daí que descobriu juridicamente a ineficácia da Lei 1.390 – Afonso Arinos, pelo fato de estar capitulado como contravenção e não como crime, como diz a Constituição de 1988: “racismo é crime imprescritível e inafiançável e, para chegar a essa conclusão, enfrentei estudos históricos, sociológicos, antropológicos, criminológicos, para dizer que racismo é crime”. “Ser diretora de um órgão como o Procon é uma grande responsabilidade. Fui indicada pelo jurista brasileiro afro-descendente dr. Hédio Silva Junior, secretário da Justiça e da Defesa da Cidadania do Estado de São Paulo. É uma fundação de proteção e defesa do consumidor, e dirigi-la é um desafio significativo”, comenta Eunice que ainda acumula as

funções de professora de Direito e Ciência Política da USP, Conselheira da Seção Paulista dos Advogados do Brasil (OAB-SP) e vice-diretora da Escola Superior de Advocacia da OAB/SP.

Para alcançar posições tão relevantes, foi necessário que ela investisse em si mesma, ciente de sua condição de mulher negra. Seu avô, Antônio do Carmo, foi integrante da frente negra no passado. Seus pais se conheceram no JOC (Juventude Operária Católica) – movimento de jovens. Movimento que sua tia, Ana Florêncio de Jesus Romão, hoje falecida, foi presidente da sede do Estado de São Paulo. “Minha tia também recebeu uma homenagem na gestão da ex-prefeita de São Paulo, Luíza Erundina, que batizou uma



Eunice Prudente

escola Municipal com o seu nome”, conta orgulhosa. Outro feito de Ana foi fundar a Casa da Cultura Afro-Brasileira, instituição na qual Eunice Aparecida se apresentou em público pela primeira vez ao fazer comentários do livro “Casa Grande e Senzala”, do escritor Gilberto Freire.

“Sou da época em que as pessoas saíam da escola particular para estudar em escolas públicas porque o ensino era incomparável. Tive aulas de latim, inglês, francês, português, literatura portuguesa e literatura brasileira, além de outras disciplinas”, comenta Eunice sobre a qualidade do ensino das escolas públicas. Ela nunca estudou em escolas particulares e foi com esse nível de aprendiza-

do que entrou para a Universidade de São Paulo (USP), onde passou para os cursos de Direito e História, que cursou durante um ano e depois optou apenas para continuar no curso de Direito. “Era natural, fazia escola pública e depois ia para uma universidade pública, era uma realidade diferente da atual; não precisava fazer cursinhos”.

Eunice conseguiu seu primeiro emprego através de um concurso público para a Universidade de São Paulo, onde estudava. “Na minha época, era gritante como é até hoje, a discriminação racial no mercado de trabalho. Me lembro quando ia fazer testes, dizia que tinha ido muito bem e minhas amigas muito mal, mas mesmo assim

elas passavam e eu não. Só que meus pais me educaram, e educar é informar aos filhos. Na minha casa nunca acreditamos que o Brasil era uma democracia racial. Muito pelo contrário, meus pais sempre deixaram claro que eu iria enfrentar esse tipo de discriminação”, frisou.

Eunice Prudente atingiu dimensões históricas, não só pela sua atuação acadêmica, mas também pela profissional. Ciente de sua condição de mulher negra de procedência humilde, não seria empecilho suficiente para se graduar e se especializar. “O estudo e trabalho são os maiores fatores de estímulo para que alguém rompa o bloqueio e consiga os seus objetivos”, finalizou.

Conhecendo a Unipalmares

Por: Cristina Jorge – diretora da Universidade da Cidadania Zumbi dos Palmares

Este artigo pretende abordar alguns aspectos importantes que diferenciam a FAZP dos demais cursos superiores de São Paulo que, só de Administração de Empresas, são mais de 100.

Seu ineditismo está na escolha do foco: a população de afro-descendentes, cujas contribuições à economia, história e padrões de cultura brasileiros são muito importantes e ainda não foram estudadas com a profundidade necessária, sendo este estudo uma das prioridades da Faculdade. O recorte temático que apresenta em seu currículo situa o processo de aprendizagem considerando padrões e necessidades regionais. Os itinerários formativos da Unipalmares partem das teorias gerais (conteúdos e conceitos formadores das áreas em estudo) e chega à leitura da problemática local e regional e, principalmente, do papel que os negros representaram na construção sócio-política e econômica da região. Não se esgota neste contexto, busca a partir destas raízes históricas prospectar as necessidades futuras para mudar os padrões de inclusão social.

A formação em seus cursos superiores – Administração já autorizado – e Comunicação Social, Informática e Tecnologia em Transportes em fase de aprovação, prepara efetivamente profissionais com competências para usar o instrumental teórico, aplicando-o às especificidades do mercado de trabalho regional e das pes-



quisas científicas voltadas às demandas tecnológicas da região sudeste do país, cujos desafios nas áreas dos negócios, comunicação, ciências da informação e transportes são específicos.

A Faculdade Zumbi dos Palmares e o Instituto Afrobrasileiro de Ensino Superior – IABES, instituição mantenedora, têm como missão atuar no ensino superior do município de São Paulo, desenvolvendo os aspectos culturais, sociais, econômicos e políticos da sociedade afro-descendente local, regional e nacional, contribuindo para a melhoria de sua qualidade de vida. A Faculdade nasceu com a missão de tornar concretas as ações afirmativas propostas pela sociedade e pelo Governo brasileiro que, em boa hora, vêm iniciar a discussão para pôr fim às desigualdades raciais ainda presentes na sociedade e, desta forma, possibilitar maior inserção e interação da população afro-descendente com o meio em que vive.

Os cursos superiores da Unipalmares incluem em seus conteúdos programáticos o estudo das relações étnico-raciais e o tratamento de questões temáticas relativas aos afro-descendentes, dentre as quais destacamos: História da África e dos Africanos, História dos Negros no Brasil, Padrões da Cultura Negra no Brasil, Papel do Negro na Formação da Sociedade Nacional (economia, política e formação social).

Estes temas, que compõem a Educação em Relações Étnico-Raciais, são tratados tanto nas disciplinas curriculares (Sociologia, Ética e Cidadania, por exemplo) como nas Complementares (Coral, Capoeira, Literatura, Música e Poesia Afro-brasileira). Da mesma forma, os projetos de Iniciação Científica, práticas investigativas e de extensão têm sempre um eixo ligado à afrobrasilidade.

Podemos afirmar que a missão da Unipalmares/IADES antecipa-se ao Parecer CP/CNE 3/2004, que em seu Artigo 1º, § 1º determina: “As Instituições de Ensino Superior incluirão nos conteúdos de disciplinas e atividades curriculares dos cursos que ministram, a Educação das Relações Étnico-Raciais, bem como o tratamento de questões e temáticas que dizem respeito ao afro-descendentes...” além de representar um passo adiante em relação à política das cotas.

Tudo isto é apenas o começo. Em breve, estaremos falando sobre os novos cursos, as perspectivas de crescimento e as metas a serem alcançadas até o final da década.

Unipalmares lança Núcleo Afro Work

Embora constituam 48% da população, segundo dados do IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, os negros correspondem a apenas 1% dos que ocupam postos estratégicos do mercado de trabalho. O salário médio pago aos trabalhadores negros equivale à metade do salário dos trabalhadores brancos e estes também têm 30% a mais de chances de conseguir emprego, e o dobro de chances de manter a qualidade de vida das suas famílias, do que os negros. Com o objetivo de mudar estes dados e transformar o mercado de trabalho atual com soluções estruturais, incentivando a diversidade no meio corporativo e a inclusão de afro-descendente em postos de trabalho mais reconhecidos, a Universidade da Cidadania Zumbi dos Palmares está lançando seu mais novo projeto: o Núcleo *Afro Work*.

“A visão do projeto *Afro Work* é contribuir para a melhoria da qualidade de vida dos



Alunos do Projeto Itaú/Unipalmares

jovens afro-descendentes, fomentando assim a ascensão socio-econômica deste segmento populacional. Formar jovens executivos negros e disponibilizar, para o mercado de trabalho, profissionais qualificados e com perfil compatível às exigências das empresas e das vagas existentes. Pretende contribuir com a criação de clima organizacional propício à inclusão da diversidade. Facilitar para as empresas, de todos os setores da economia, o processo de captação, seleção e contratação de profissionais afro-descendentes bem-formados”, informa Samanta Germano Ferreira, responsável pelo Núcleo *Afro Work*, que busca parcerias com empresas preocupadas com a diversidade no ambiente corporativo e que possam oferecer vagas de estágio e de trabalho.”

“O *Afro Work* será um pólo de informações, que centraliza e desenvolve pesquisas e estatísticas, *cases*, conceitos, investe no conhecimento do mercado de trabalho focado na diversidade”, ressalta Samanta, e informa que os projetos desenvolvidos pelo Núcleo são modelados conforme as necessidades e o cenário de cada organização. O Núcleo *Afro Work* apresenta em sua estrutura duas vertentes de trabalho e prestação de serviços: *Afro Work University* e *Gestão da Diversidade*.

O *Afro Work University* é um departamento voltado exclusivamente à preparação dos estudantes para o mercado de trabalho e pretende mobilizar a sociedade, as empresas

e os estudantes à integração no processo de oferta de emprego justo e igualitário por parte do mercado, em troca da prestação de serviços de qualidade pelos alunos da Unipalmare. O projeto atingirá jovens brasileiros, afro-descendentes, alunos da Unipalmare e bolsistas da Afrobras, que estão em outras faculdades. Isto representa cerca de 1.500 jovens, distribuídos entre alunos de graduação e de universidades parceiras (bolsistas Afrobras). Se considerarmos o público potencial, este número poderá facilmente chegar aos 5.000, em um período de dois anos, destaca Samanta.

O projeto *Afro Work University* realizará parceria com empresas de gestão de pessoal, bem como diretamente com empresas que estejam interessadas em desenvolver projetos focados na diversidade corporativa. Assim, focará suas atividades baseadas nas deficiências dos alunos oferecendo, por exemplo, testes vocacionais, testes de conhecimento técnico, cursos de informática,



Samanta Ferreira

inglês, marketing pessoal, cursos de redação, neurolinguística, expressão, técnicas de apresentação e gerenciamento comportamental. O *Projeto Gestão de Diversidades* visa um mercado de trabalho mais justo, onde todos possam desenvolver sua função independentemente da raça, credo ou classe social. Um mercado de trabalho mais hegemônico, que respeite as diferenças culturais. Neste sentido, prevê uma consultoria responsável pelo desenvolvimento e implementação de projetos em empresas, explica Samanta.

prefeito de Nova Orleans (EUA) se emociona ao visitar a Unipalmares

Mais um importante e emocionante pedaço da história dos negros de nosso País foi escrito no mês passado, na sede da Universidade da Cidadania Zumbi dos Palmares. Em sua primeira visita a entidade, o prefeito de New Orleans, Clarence Ray Nagin, se emocionou ao entrar no auditório da entidade e confessou que aquele foi o primeiro momento em que se sentiu em casa depois que chegou ao Brasil. “Estou aqui há quatro dias. Me encontrei com empresários, fui ao Rio de Janeiro e vim para São Paulo. Mas estava sofrendo porque não via onde estavam nossos irmãos negros. Agora que estou aqui,

vendo todos vocês, depois de ouvir este coral maravilhoso, apesar de cansado, sei que terei energia pra ver o que vocês estão fazendo e também para falar um pouco de mim”, disse aos alunos que lotaram o auditório da Zumbi dos Palmares, ao lado de outras personalidades convidadas para participar do encontro.

Filho de família humilde, C. Ray Nagin, exerce seu terceiro ano de mandato como

prefeito de New Orleans, cidade onde nasceu e que faz parte do Estado de Louisiana (EUA). Nagin contou aos presentes que teve uma infância pobre ao lado de seus pais e que, assim como os alunos da Zumbi dos Palmares, formou-se numa Universidade do Estado de Alabama, só para negros, e que estava apenas começando. “O que vocês estão iniciando aqui me lembra muito a universidade que cursei no Alabama”, falou ele. Defendendo a união incondicional dos negros de todas as nações do mundo, C. Ray Nagin ensinou que todos devem ter em mente alguns pontos fundamentais para que possam vencer a luta contra o preconceito e para que se tornem cidadãos plenos em qualquer país do mundo. Entre estes pontos, Nagin destacou a luta por educação de qualidade e o incentivo ao empreendedorismo. “Não devemos ser dependentes de ninguém. Precisamos gerar nossos próprios negócios para que possamos dar empregos aos negros que, com uma situação financeira melhor, poderão apoiar os projetos necessários para o nosso povo”.



Ray Nagin, esposa e filhos

Deputado Nivaldo Santana ministra palestra para alunos da Zumbi

Os alunos do primeiro ano de Administração da Unipalmarenses tiveram uma aula diferente, logo após o retorno das férias. A convite da entidade, o deputado estadual do PC do B/SP, Nivaldo Santana, ministrou uma palestra aos alunos sobre Administração Pública.

Deputado estadual pelo terceiro mandato, Nivaldo Santana que foi,



por muitos anos, sindicalista, hoje é um dos parlamentares que direciona seu trabalho para a luta em defesa da igualdade racial. “Estou muito contente e honrado pelo convite”, disse ele aos alunos, que receberam uma verdadeira aula sobre o desenvolvimento brasileiro dos anos 30 até os dias atuais, bem como noções sobre o papel do Estado e o mercado nacional.

Exposição Novos Talentos no Núcleo de Artes



Bonecos que estarão em exposição, da artesã Nigigleide Santos



Foto do fotógrafo Elson Vilela, aluno da Unipalmarenses

O Núcleo de Artes da Unipalmarenses realiza, com a curadoria de Tom Ruthz, a Exposição Novos Talentos, no período de 15 de setembro a 15 de outubro/2005.

A novidade da exposição é que ela terá a participação dos alunos do professor e artista plástico Tom Ruthz e de alunos de professores de artes convidados. Todos os anos, Tom

Ruthz, também aluno da Unipalmarenses, realiza curadoria dos salões de Novos Talentos e neste ano ocorrerá na Unipalmarenses.

O objetivo da exposição “Novos Talentos” é mostrar ao público a importância da arte na vida do ser humano e também dar oportunidade aos alunos para mostrarem o seu talento entre pincéis, telas, tintas etc. O tema da mostra é livre e contará

com diferentes técnicas, do acadêmico ao contemporâneo.

Os alunos que mais se destacarem com suas obras, serão outorgados com prêmios de Medalhas de Ouro, Prata e Bronze, segundo a comissão julgadora. Alguns alunos que estarão na mostra: Elson Vilela, Sylvia Palmer, Neide Mosquete, Marilda, Ângela Raquel e Rozely ZakZuk, entre outros.

Homenagem ao prof. Dr. Sílvio Luiz de Oliveira



Profª Cristina Jorge, a viúva Maria A. de Oliveira, a bibliotecária Vera Martins e Maria R. Adoglio Neto, presidente da CBD

A Unipalmarens, a Câmara Latino-americana de Doutores e a Câmara Brasileira de Cultura prestaram uma homenagem póstuma ao professor Dr. Sílvio Luiz de Oliveira, Doutor em Ciências, Pós-Graduado em Ciências Sociais bacharel em Comunicação So-

cial – Jornalismo e Relações Públicas. Estiveram presentes à cerimônia, a viúva Maria Aparecida de Oliveira, as filhas e as netas, os amigos Maria Regina Adoglio Neto, presidente da Câmara Brasileira de Doutores (CBD), Jacob Daghlían, Vice-presidente internacional

da Câmara Latino-americana de Doutores e presidente da Câmara Brasileira de Cultura e Benedito Cabral de Medeiros Filho, também da CBD.

Durante a homenagem, a viúva Maria Aparecida, doou todo o acervo de livros e pesquisas do Dr. Sílvio para a

Unipalmarens. “Gostaria de fazer uma homenagem em vida para ele, mas não foi possível. Estou doando de braços abertos, tenho certeza que vocês receberão do mesmo jeito”, falou Maria Aparecida, entregando o acervo para a Diretora da Unipalmarens, professora Cristina Jorge, que disse se sentir honrada em colocar na biblioteca da Unipalmarens, prestigiados trabalhos.

O professor Sílvio Luiz desempenhou vasta gama de atividades como docente do departamento de Metodologia do Ensino na Faculdade de Educação da USP – Magistério Indígena, Professor Titular da UNIB- Universidade Ibirapuera, Vice-Presidente da Câmara Latino-Americana de Doutores, Consultor das Nações Unidas para as questões dos povos indígenas no Brasil. Realizou estudos e conferências nos Estados Unidos e na Alemanha.

Senador Vincent Fort visita Unipalmarens pela segunda vez

O professor de história e senador pelo Estado da Geórgia (Estados Unidos), Vincent Fort, visitou a Unipalmarens pela segunda vez. A primeira foi em maio do ano passado, com uma comitiva formada por 30 pessoas, entre alunos e professores de universidades norte-americanas voltadas para negros. O senador disse estar impressionado com os avanços e com o crescimento da Unipalmarens em apenas um ano.

Fort reafirmou sua intenção em ajudar a universidade, como na última visita, quando disse que, “não somos afro-americanos nem afro-brasileiros. Somos todos irmãos”. Ele também falou do novo prédio e em quais projetos pre-

tende ajudar a universidade. “Toda a estrutura do prédio está maravilhosa e existem três coisas que devem ser focadas em nosso trabalho, como os livros para a biblioteca, onde pretendo estar auxiliando no desenvolvimento. Outro ponto importante que pretendo ajudar é o intercâmbio de alunos da Zumbi e fazer com que os nossos alunos aprendam a língua portuguesa, para ficar mais fácil o entrosamento entre eles”.

Durante o encontro, Fort se comprometeu a complementar a biblioteca da instituição e disse que pretende retornar em dezembro com mais uma comitiva de estudantes das universidades voltadas para negros dos Estados Unidos.



Projeto Guri Pólo Unipalmares

faz sua primeira apresentação

Depois de cinco meses de aulas, o Projeto Guri Pólo Unipalmares fez sua primeira apresentação para os pais, alunos e convidados da Unipalmares. Foram 74 crianças que se apresentaram com os professores mestros Daniel César Martins, José Luiz Braz, Luis Eduardo e Ubiratan Marques, que ministram aulas de violino, viola, violoncelo, contrabaixo acústico, trompete, trombone, saxofone, clarinete, flauta transversal, percussão e canto coral.

O diferencial desse pólo, é que os alunos aprendem a tocar instrumentos de origens africanas, assim como músicas daquele continente, o que não tem nos outros pólos, explica Edimara Alexandre Rosa Galvão, a nova coordenadora do Projeto Guri na Unipalmares.

O Projeto nasceu em 1995, na Secretaria da Cultura do Estado de São Paulo, dentro de um preceito social de igualdades de condições para todas as crianças e adolescentes que vivem em lugares culturalmente carentes. A proposta também é de propiciar acesso ao aprendizado musical, uma vez que não faz parte do currículo das escolas públicas de



ensino fundamental e médio o curso de música. Hoje são 108 pólos e mais de 12 mil crianças nesse projeto.

Os pais estavam todos orgulhosos e agradeceram à professora Cristina Jorge, diretora da Unipalmares, a oportunidade de seus filhos estudarem e

aprenderem instrumentos tão diversos. A professora Cristina observou em seu pronunciamento, que o pólo Zumbi estava representando realmente um “quilombo”, pois crianças de diversas etnias e países da América Latina estão tendo a oportunidade de estudarem.



Conferência Internacional: O Futuro do Negro 21 no século

Na Semana da Consciência Negra, a Afrobras - Sociedade Afro-Brasileira de Desenvolvimento Sócio Cultural e a Universidade da Cidadania Zumbi dos Palmares, realizarão a Conferência Internacional: O Futuro do Negro no século 21. O grande evento ocorrerá entre os dias 16, 17 e 18 de novembro próximo. A proposta é reunir, para uma reflexão, formadores de opinião, políticos, pesquisadores e profissionais, e colocar em análise o futuro do negro no século 21, abrangendo os seguintes tópicos: Mercado de Trabalho; Participação Política; Ações Afirmativas; Visibilidade Social e Educação.

Dentro deste vasto tema, será discutida a diversidade na área corporativa, as iniciativas para o desenvolvimento da diversidade e inclusão dos afro-descendentes no mercado de trabalho. O tema visa a discussão de ações, resultados e experiências entre conferencistas e o público presentes para a construção de novos paradig-

mas sobre estes assuntos, ao concentrar, em um mesmo local, especialistas, conhecedores e visionários do tema. A conferência aproveitará a oportunidade para expandir as ações do processo de inclusão, além de propagar e uniformizar a linguagem e o conhecimento sobre o mesmo.

Para a Conferência Internacional: O Futuro do Negro no século 21 estão convidados, entre outros, a jornalista Miriam Leitão; o presidente do Banco Bradesco e da Federação Brasileira de Bancos (Febraban), Márcio Cypriano; Fernando Tadeu Perez, vice-presidente de RH do Banco Itaú; Abram Szajman, presidente da Federação do Comércio do Estado de São Paulo; Paulo Skaf, presidente da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo; Luís Marinho, ministro do Trabalho; Marco Aurélio Mello, ministro do Supremo Tribunal Federal; Ricardo Henriques, do

IPEA; Eduardo Guardia, secretário de Finanças do Estado de São Paulo; Arthur Diegues Vasconcelos Filho, diretor-executivo da Amcham – Câmara de Comércio Brasil Estados Unidos; Otavio Brito, vice-procurador Geral do Ministério Público Federal do Trabalho, e Hédio Silva Jr., secretário da Justiça e Cidadania do Estado de São Paulo.

São Parceiros da Conferência Internacional: O Futuro do Negro no século 21: Sesc/Senac, Fundação Roberto Marinho, Canal Futura, Amcham – Câmara de Comércio Brasil Estados Unidos, Consulado dos Estados Unidos, Fiesp, Fecomercio, Febraban, Secretaria de Justiça e Cidadania do Estado de São Paulo, Secretaria de Cultura do Estado de São Paulo, SP Turis, revista Afirmativa Plural e programa Negros em Foco.

Saída de Gaza, opção estratégica ou retirada sob fogo palestino?

Por: Samuel Feldberg, doutor em Ciência Política pela USP, membro do Grupo de Análise de Conjuntura Internacional (Gacint) da USP e professor das Faculdades Integradas Rio Branco.

O dia 15 de agosto de 2005 será lembrado por israelenses e palestinos como uma data histórica. Não é a primeira vez que Israel se retira de uma área ocupada após um conflito violento; após os acordos de paz com o Egito, a península do Sinai foi devolvida e a cidade de Yamit destruída pelos israelenses.

Com a Jordânia foram feitos acordos de fronteira e do Líbano o Exército israelense se retirou depois de décadas de uma ocupação que durava desde a incursão em direção ao rio Litani em 1978.

Todos estes territórios já fizeram parte do sonho israelense de criar

uma grande Israel, ocupando o território nas duas margens do Jordão. Para isto, entretanto, teria sido necessária uma população muito mais numerosa, que somente teria surgido de uma imigração em massa da diáspora judaica. Sem população suficiente mesmo para o limitado objetivo de fronteiras que se estendessem do Mediterrâneo ao Jordão, Ariel Sharon (premiê de Israel) e seu governo --mas não seu partido-- finalmente renderam-se à evidência de que Israel perderia a corrida demográfica e deixaria de ser um Estado democrático, ou um Estado judeu, se optasse por incorporar

os milhões de árabes que governou desde a guerra de 1967.

A faixa de Gaza representa o melhor exemplo desta aberração: com uma população árabe de quase 1,3 milhão de habitantes, grande parte vivendo em condições miseráveis, abriga em seu seio em torno de 8.000 judeus israelenses, que demandam mais de 15 mil soldados para sua proteção.

A idéia que levou a seu assentamento estava ligada a uma outra era: uma era de conflito com o Egito, em que a faixa de Gaza representava uma barreira ao avanço de um possível ataque egípcio em direção ao centro do país. E uma era anterior à era

balística, que se inaugurou com os foguetes Scud de Saddam Hussein durante a Guerra do Golfo (1991).

Uma vez retirados os colonos que reconhecem a validade do processo democrático, a seqüência dos acontecimentos determinará também o futuro das relações entre israelenses e palestinos. Por um lado, a Autoridade Nacional Palestina (ANP) tem de garantir que a legítima expressão de júbilo por parte dos palestinos não seja acompanhada de demonstrações de força, que os israelenses não tolerarão. O governo de Sharon está tentando transmitir à população israelense a confiança de que o plano de retirada unilateral está sendo implementado somente após a derrota da segunda Intifada [revolta palestina contra a ocupação israelense, iniciada em setembro de 2000].

Mas a ameaça de violência vem também dos radicais israelenses; ainda que os colonos estabelecidos em Gaza sejam menos religiosos e menos radicais que seus colegas da Margem Ocidental (onde a existência dos principais locais sagrados para o judaísmo atraiu uma imigração fundamentalista e militante, especialmente dos Estados Unidos), existe uma minoria importante que se recusa a abandonar o território onde construíram suas casas, criaram seus filhos e em muitos casos enterraram seus mortos. Importantes perguntas ainda pai-

ram no ar: após a retirada, o que acontecerá nas relações entre palestinos e israelenses? Se não houver violência, poderão os palestinos demandar a próxima fase do processo, o início da retirada de grande parte da população judaica da Margem Ocidental? Que atitude terão os

Estados Unidos frente à continuidade das obras nos assentamentos ao redor de Jerusalém? A cerca que está sendo construída determinará a futura fronteira demográfica entre Israel e uma entidade palestina (eventualmente um Estado)? Que tipo de relações se desenvolverão entre o governo de Sharon e um governo de Mahmoud Abbas [presidente da ANP]?

Os palestinos não terão de enfrentar poucas dificuldades. Primeiramente, a manutenção de um cessar fogo entre os radicais palestinos e Israel já será uma vitória, permitindo a retirada de Gaza com relativa tranquilidade. Mas uma vez tomada a posse do território, a ANP terá de demonstrar sua capacidade administrativa --Israel exigirá da ANP o final dos aten-



Samuel Feldberg

tados terroristas, do contrabando de armas através da fronteira egípcia e da corrupção que até hoje impediu o avanço da sociedade palestina. Se os israelenses exigirem a obtenção de segurança absoluta para retomarem as negociações, estas estarão desde já abortadas.

A combinação de pressão externa por parte dos EUA e interna por parte dos partidos membros da coalizão que exigem a continuidade do processo de paz, terá de ser suficiente para opor-se à força daqueles que acreditam que, uma vez livres de Gaza os israelenses poderão concentrar-se na consolidação de seu controle sobre os territórios da Margem Ocidental.

Por: José de Paiva Netto, jornalista, radialista e escritor, é Diretor-Presidente da Legião da Boa Vontade.

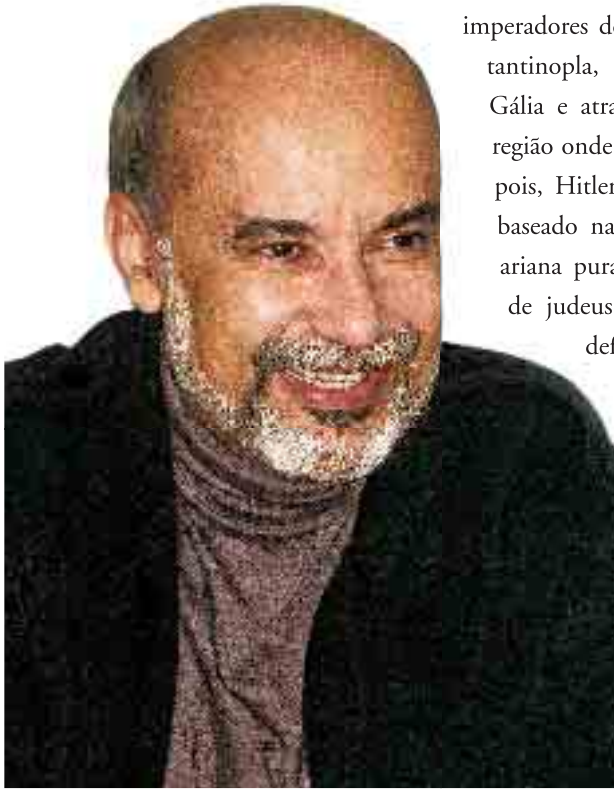
miscigenação do mundo é inevitável

A inevitável miscigenação humana constitui-se num fato de proporções globais. Vários estudiosos afirmam que, cada vez mais, diminui no planeta o conceito de raça pura. Um exemplo dessa constatação vem dos

Estados Unidos da América, que criaram um item no seu censo para contemplar os mestiços que compõem significativa parcela da população norte-americana. Por isso, a pergunta que lancei no artigo “O Abolicionista Divino”, na página 149 de meu

livro Crônicas & Entrevistas. Desde a monera, quem não é miscigenado neste mundo? Aqui no Brasil, essa realidade não é outra: a Folha de S.Paulo publicou, em abril de 2000, o resultado de pesquisas

Não há como indefinidamente impedir as revoluções sociais e raciais



imperadores de Roma e de Constantinopla, além de devastar a Gália e atravessar a Alemanha, região onde surgiria, séculos depois, Hitler (1889-1945), que, baseado na falsa idéia de raça ariana pura, chacinou milhões de judeus, ciganos, eslavos e deficientes. Teriam ficado os invasores dos territórios germânicos em estado permanente de castidade? Ou deixaram lá a marca étnica em decorrência do cruzamento inter-racial, após tantos séculos diluído?

feitas a partir do DNA, abrangendo 200 homens e mulheres brancos, de diferentes regiões e origens. O estudo concluiu que, num grupo de 100 pessoas brancas, somente 39 têm exclusiva linhagem européia. Os demais indivíduos carregam a marca da miscigenação: 33% de índios e 28% de africanos.

Mesmo a Europa teve, em várias ocasiões de sua história, toda ordem de imigrantes, escravos e invasores a exemplo dos hunos, povo da Ásia Central, que invadiu o continente sob a liderança de Átila, em meados do Século V, infligindo graves derrotas e submetendo a tributo os

Lembre-mos da famosa “mancha mongólica”.

Vai ficar difícil abrir mão da Humanidade, como parece que alguns radicalmente pretendiam fazer com a nova globalização: mais produtos e menos operários produzindo.

Marcante lição é a da União Européia, com seus arroubos de xenofobia, menos para turistas... Ela está constatando a contingência de ter de “importar” gente, ainda que, em certos casos, por curtos períodos, para realizar serviços de que os seus nativos dolococéfalos não mais querem saber e para suprir as necessidades de uma população que está envelhe-

cendo. Alguns já vivem arrepiados com os “perigos” da mistura étnica. Contudo, empresários e políticos já sentem como fatalidade histórica a presença dos “estrangeiros”, principalmente os de pele diversa.

Não há como indefinidamente impedir que revoluções sociais e raciais dessa grandeza se realizem.

Na atualidade, de certa forma vemos repetir-se, em direção inversa, mas talvez de maneira mais dolorosa, o fenômeno da imigração. Antes a onda era da Europa e da Ásia para a América. Resumindo: italianos, japoneses, alemães, judeus, árabes, ibéricos, para a do Norte e a do Sul, somando-se irlandeses e chineses para a Setentrional. E não desembarcaram aqui e lá, na imensa maioria, como senhores, porém como servidores braçais. Pelo sacrifício e suado labor, subiram ao topo.

Recordo-me de uma afirmação do filósofo do Positivismo, Augusto Comte (1798-1857), cujo pensamento tanta influência exerceu sobre os fundadores da República Brasileira, a começar por Benjamin Constant (1836-1891):

— *O Homem se agita e a Humanidade o conduz.*

É isso aí. Ufa!

Hoje, os imigrantes, legais ou não, também largam seus países, deixando tradições e amores para trás, por necessidade premente.

No caso norte-americano, prossegue a chegada ininterrupta, superando as barreiras que lhes são antepostas, de “hispânicos”, em grande quantidade mexicanos, que, com o passar do tempo, estão criando status. Milhões já podem votar. E o número não é pequeno, e não cessa de crescer, até mesmo por força de sua alta taxa de natalidade. Há, igualmente, a presença dos cubanos, em Miami. Tornaram-se, por lá, uma força ponderável. Em Nova York, conforme as notícias divulgadas em 2000, 40% de seus habitantes vieram de 167 países e falam 116 idiomas. Ufa! Realmente, o criador do Comtismo estava certo.

“O mundo irá misturar-se como o oceano”

Durante uma fase de minha vida, estudei no Colégio São Francisco de Sales, da Ordem de Dom Bosco. Mas o tempo foi suficiente para tornar-me um dos muitos admiradores do respeitado educador de Turim. Erigiu uma pedagogia em notável benefício para os seus bericchini, jovens largados na vida na Itália pobre, que se unificava sob a batuta da astúcia diplomática (será redundância?) do Conde de Cavour (1810-1861), da pertinácia de Mazzini (1805-1872), do espírito aguerido de Garibaldi (1807-1882).

Dizia o ilustre taumaturgo nascido em Becchi:

— Um grandioso acontecimento se está preparando no céu para fazer pasmear as gentes. (...) Far-se-á uma grande reforma entre todas as nações, e o mundo irá misturar-se como um oceano.

Para os que me leram até aqui, porventura com um sorriso de condescendência, exponho este alertamento de Cícero (106-43 a.C), orador e político romano, a respeito de que nem as comunidades mais requintadas e cultas desprezam o dom da profecia. Além disso, no campo laico, economistas fazem previsões que não se concretizam, analistas vaticinam reações da sociedade e se equivocam. E, se entrarmos no campo do esporte, então...

O Brasil é uma grei globalizante

Volvendo os olhos para o meu País, a nossa pátria, cheia de gerações de “imigrantes” esperançosos de que finalmente sejam integrados no melhor do seu tecido social, confirma-se a evidência de que possui um dos melhores povos do Planeta, e com características privilegiadas, em virtude de sua extraordinária miscigenação. É uma grei... globalizante...

Pietro Ubaldi (1886-1972), filósofo italiano, aqui chegado no princípio da década de 1950, soube ver o que outros começam a perceber agora:

— O Brasil é a terra clássica da fusão de raças, é o melting-pot em que tudo se mistura. E sabemos que a natureza se regenera na fusão de tipos diversos, ao passo que o princípio racista isolacionista é antivital. (...)

A pesar da inófia à espera de ser definitivamente exorcizada, na Terra de Santa Cruz subsiste a grandeza que lhe tem permitido manter o milagre expresso na sua unidade geográfica, idiomática e na capacidade de sobreviver.

Ah! A extrema violência de hoje?! Será que a culpa é do povo ou da senzala que não foi de todo desmontada? É agora da globalização? Antes foi de quê? Com a palavra, o matemático germânico Leibnitz (1646-1716):

— Sempre tive por certo que, se reformássemos a educação da mocidade, conseguiríamos modificar a linhagem humana.

Mas em que bases? Hitler também queria modificá-la... O escritor francês Montaigne (1533-1592) nos oferece a resposta:

— Cuidamos apenas de encher a memória, e deixamos vazios o entendimento e a consciência.

Isto é, além de instruir, urge espiritualizar, iniciando pelos adultos o desafio maior... Alguém já disse que o Brasil precisa descobrir o Brasil.



Assista Negros em Foco.
Um programa que é a cara do Brasil.

Entrevistas, beleza, progresso, saúde, emprego,
política, polímeros, participação na sociedade.
O mundo da comunidade afro-descendente como
voz num rio na televisão brasileira.

Todos os domingos, às 21h30, na Rede Brasileira de Integração,
canal 15 (J11). São Paulo e Brasília.
Reprise às quartas-feiras às 21h.



Apresentado por
Telma Alves e Francisca Rodrigues

Arte: Maria

60 anos após a bomba atômica

*Por: Takahiko Horimura, Embaixador
extraordinário e plenipotenciário
do Japão no Brasil*

Já se passaram 60 anos desde a explosão das bombas atômicas sobre Hiroshima e Nagasaki. A última guerra no Japão não só arrasou essas duas cidades, como também muitos outros núcleos urbanos. Refletindo sobre a última guerra, o Japão tem buscado com sinceridade a paz mundial: nosso país adotou uma Constituição que renuncia à guerra e fez uma opção firme pela via pacífica, associando-se às Nações Unidas em 1956 e, com isso, reintegrando-se à comunidade internacional.

Ao somar o empenho de sua população à assistência internacional, o Japão alcançou um progresso econômico inimaginável há 60 anos. O de-

envolvimento do país no pós-guerra concretizou-se graças ao esforço pertinaz do povo japonês, mas só foi possibilitado, de fato, com a cooperação da comunidade internacional. O Japão jamais se esquecerá disso, conforme declarou o primeiro-ministro Koizumi em seu discurso durante a reunião de cúpula Ásia-África, em 22 de Abril último.

Sem perder de vista essa experiência, nas últimas seis décadas o Japão tem, na condição de nação amante da paz, desenvolvido uma diplomacia que valoriza ao máximo a cooperação internacional como meio de contribuir para a paz e estabilidade e a prosperidade mundial. Respeitar e dar as-

sistência aos esforços dos países no combate à pobreza e pelo desenvolvimento, constitui um dos principais pilares dessa diplomacia.

Por dez anos a partir de 1991, o Japão manteve-se na posição de maior doador mundial. No último decênio, contribuiu com um quinto da Assistência Oficial para o Desenvolvimento (ODA, na sigla em Inglês) global. Nos últimos 51 anos, concedeu aproximadamente 230 bilhões de dólares a 185 países e regiões como ODA. Para o Brasil, até o presente, o Japão já destinou 1,9 bilhões de dólares na forma de cooperação para o crescimento econômico e para o bem-estar da população.



Essa assistência tem como propósito contribuir para a paz e o desenvolvimento da comunidade internacional. Por isso mesmo, a ODA é conceituada sob a condição de não ser usada para fins militares e não contribuir para a escala de conflitos internacionais.

Na última reunião da cúpula do G8 em Gleneagles, Escócia, um dos principais itens na pauta de discussões foi a África, ao lado da mudança climática. O Japão divulgou, então, o aumento da assistência para o desenvolvimento africano, incluindo a duplicação da ODA para aquele continente nos próximos três anos. O Japão pretende, com essas iniciativas, reforçar sua contribuição para a paz e o desenvolvimento verdadeiro do mundo no século 21.

Fundamentado na idéia de que a paz, aliada à estabilidade, constitui o alicerce do desenvolvimento econômico, nosso país prioriza a construção de um mundo pacífico. Como única vítima de ataques nucleares, queremos salientar o nosso esforço pela eliminação das armas atômicas, sustentando os três princípios não-nucleares: não possuir, não produzir e não permitir a entrada dessas armas no território nacional.

Para alcançar tão cedo quanto possível um mundo pacífico e seguro, livre das armas nucleares, o Japão exerce um esforço diplomático tenaz pelo desarmamento e não proliferação, trabalhando para a consolidação do regime do Tratado de Não-Proliferação (NPT), para a urgente entrada em vigor do Tratado para a Proibição Completa para a prevenção do terrorismo.

A fim de contribuir para a construção e manutenção da paz mundial e para a reconstrução humanitária, o Japão participou das forças de paz da ONU no Camboja, Moçambique, Timor Leste e Colinas de Golã. Desde Novembro de 2001, as forças japonesas de autodefesa realizam atividades de cooperação e assistência a navios

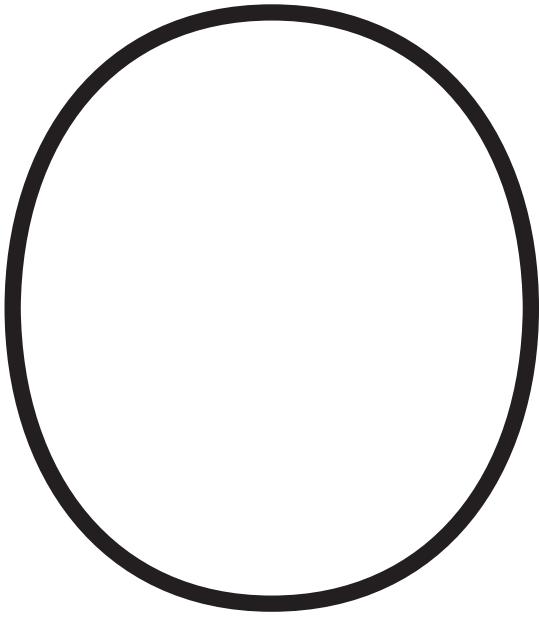
americanos e britânicos, entre outros, no oceano Índico, em missões de combate ao terror. Além dessas atividades, as forças de autodefesa do Japão prestam assistência à reconstrução humanitária do Iraque desde dezembro de 2003.

Num momento em que o mundo se globaliza e busca uma nova ordem internacional, o Japão prepara-se para desenvolver uma cooperação internacional abrangente, fortalecendo a solidariedade entre os países.

Nas ocasiões da visita do primeiro ministro Koizumi ao Brasil, em setembro passado, e da visita do presidente Luiz Inácio Lula da Silva ao Japão, em maio último, os dois líderes concordaram em revigorar as relações bilaterais, como parceiros globais. As possíveis áreas de cooperação incluem a reforma da ONU, OMC (Organização Mundial do Comércio), meio ambiente, desarmamento e não proliferação, desenvolvimento, cooperação técnico-científica e intercâmbio cultural.

Espera-se que os dois países aprofundem ainda mais a cooperação para o desenvolvimento mundial, bem como para a paz e a estabilidade da comunidade internacional.

Espera-se que os dois países aprofundem ainda mais a cooperação para o desenvolvimento mundial, bem como para a paz e a estabilidade da comunidade internacional.



elo que falta

Por: Carlos Ayres Britto, ministro do Supremo Tribunal Federal e doutor em Direito Constitucional pela PUC de São Paulo.

Vamos convir, dar por assente que deter o status de ser humano signifique a faculdade de se perceber em interação com a realidade. Seja a realidade que vige do nosso lado de fora, seja a que se dá no lado de dentro de nós mesmos.

2. Vamos também aceitar que essa aptidão para perceber o real como algo distinto do sujeito que percebe tenha por matriz o cérebro humano. O cérebro, sim, mas com esta diferenciação: quando ele interage planejadamente, predispondo-se à escolha dos mais adequados meios para o alcance de um determinado fim a que se propôs, o nome que se lhe assenta é o de “inteligência”, “intelecto”, “mente”, enfim. Já quando o cérebro interage com o real sem nada planejar ou analisar ou metodizar, aí o nome que ele toma é o de “sentimento”, “alma”, “coração”.

3. Pronto! Eis as duas básicas dimensões do cérebro hu-

mano. A dicotomia do intelecto e do sentimento, ou da mente e do coração, ou da inteligência e da alma. (pouco importa a combinação de nomes). Dicotomia que vai responder por expressões como estas: fulano de tal é um homem de inteligência. Um intelectual. Um operador mental. Ou, bem o oposto, sicrano é uma pessoa de alma. Um sentimental. Um homem de coração. E tudo a pressupor essa verdadeira usina de incessantes estímulos que é o cérebro de cada um de nós.

4. Foi assim vendo as coisas, acredito, que Pascal ajuizou a frase tão cotidianamente repetida: “O coração tem razões que a própria razão desconhece”. A traduzir que o cérebro-sentimento intui com verdades que o cérebro-intelecto não consegue descobrir de todo. Caso típico do amor, da paz, da justiça, Deus, e tantos outros fenômenos que de alguma forma escapam às coordenadas da mente.

5. É isso mesmo. O que a mente pode é pensar, e pelo pensamento conhecer algumas verdades. Já o sentimento, este seguramente não pensa. O que ele sabe fazer é intuir, e pela intuição também conectar com a realidade. Atrelar-se a ela por uma forma direta. De estalo. Como num salto ou por efeito de um insight. Ali, não. Ali a inteligência opera passo a passo, metodicamente, analiticamente ou por aproximações sucessivas. Muito mais de forma pasteurizada do que in natura. Como num processo. Donde se falar que a maneira puramente racional de conhecer é indireta ou especulativa. Por isso mesmo que implica demonstração, prova, descrição.

6. Diga-se mais: como o intelecto somente pode conhecer por forma indireta, ele não se funde jamais com o objeto cognoscível. Fica do lado externo do objeto. Friamente. À distância. Olhando

para a coisa investigada e explicando-lhe professoralmente os contornos. Ao inverso do que sucede com o sentimento. Este incide de chapa sobre o real. Apanha a realidade num súbito de percepção, mas com tal envolvimento psicológico, tamanha carga de “empatia”, que se confunde com a própria coisa apanhada. Como que por osmose. Sem ter como descrever aquilo em que se transfundiu ou de cuja natureza passou a fazer parte num dado momento. Fenômeno que bem pode se enxergar nesta sentença de Sartre: “no amor, um mais um é igual a um”.

7 . Pois bem, a ninguém é dado ignorar que o modo rigorosamente lógico de interação com o real desfruta de maior prestígio social. A História tem feito da mente o carro-chefe do sentimento, na pressuposição de que este anuvia aquela. A pura racionalidade (fala-se) é que melhor organiza a convivência política e promove o contínuo avanço da ciência, da tecnologia e dos mais sofisticados métodos de trabalho. Sua primazia sobre o sentimento vale como um atestado formal de evolução intelectual, especialização profissional e requintado padrão



Carlos Ayres Britto

de civilidade. Em seu nome é que a cultura ocidental chegou à máxima cartesiana do “penso, logo existo” (século XVII), para no século imediato fazer da Revolução Francesa o definitivo marco da imposição de limites aos governantes. Do império da lei. Da declaração dos direitos e garantias do indivíduo perante o Estado (a liberdade à frente).

8 . Tudo isso é fato. Tudo isso é inegável, por constituir a mente um tão imprescindível quanto poderoso mecanismo de trabalho. Mas não parece menos verdadeiro que a mente sozinha é incapaz de dar conta do recado, quando se trata de passar da exaltação retórica dos valo-

res para o plano da empírica vivência deles. E essa é a questão central. Questão realmente central, porque nessa passagem do discurso para a prática dos valores é que se tem verificado uma lacuna, um hiato, um descompasso que outra coisa não traduz senão a falta de um necessário elo na corrente evolucionista da humanidade: o elo do sentimento. O anel do coração. O halo da alma.

9. Com efeito, pense-se no valor da justiça. No ideal do justo. Esse que talvez seja o mais profundo anseio dos homens em sociedade. O bem maior a ser coletivamente alcançado. Um bem tão imprescindível à comunhão humana que se faz de valor fundante do Direito. Fonte e ao mesmo tempo a embocadura do Direito que se veicula pelo conjunto de leis de todo povo soberano. Mais até, valor que empresta seu nome a um dos Poderes elementares do Estado (o Judiciário, comumente chamado de “a Justiça”). Precisamente o Poder que afere a compatibilidade ou não da conduta das pessoas públicas e privadas com aquela totalidade orgânica de leis. Pense-se. Pense-se, e a que entendimento se chega?

10. Resposta: chega-se ao entendimento de que o justo à distância, que é o justo abstrato ou em tese, esse não é tão difícil de alcançar. Ele existe objetivamente nas referidas leis (como dizia Kelsen, “a lei é um padrão objetivo de justiça”). Leis que são feitas por obra do intelecto. Por empreitada mental. A pura lógica a formatar e combinar o conjunto de valores que se embebem

da compreensão societária da justiça, numa determinada quadra histórica. Exatamente como sucedeu com a promulgação da Constituição brasileira de 1988, esse repositório dos mais excelsos princípios de justa convivência política (“soberania popular”, “cidadania”, “dignidade da pessoa humana”, “valores sociais do trabalho e da livre iniciativa”, “pluralismo político”, “impeccabilidade”, “moralidade”, “publicidade”, “eficiência”, etc.).

11. Não é esse o gargalo do Direito, portanto. Estamos muito bem servidos em termos de justiça abstrata. Contamos com um excelente ponto de partida e o problema não pode estar, claro, nessa ótima linha de largada da Ordem Jurídica brasileira. O problema reside é no ponto de chegada, isto sim, e esse ponto jurídico de chegada é o justo em concreto. O justo em carne-e-osso, a se dar no âmago de cada litigioso processo judicial. Pois é no empírico dissentir das partes processuais que juízes e tribunais se dão conta de que a vida vivida é muito mais novidadeira do que a vida pensada pelos legisladores.

12. É aí que se faz necessário o uso do coração. Para que o intérprete seja capaz de enxergar nos dispositivos da Constituição e das leis em geral algo de normativamente novo. Novo, não por inexistir anteriormente; porém por escapar às lentes do intelecto. É exprimir: uma nesga ou uma franja que seja da normatividade agasalhadora do justo-concreto já estava lá no Ordenamento Jurídico. Mas por falta de aguçado sentimento de justiça mate-

rial, telúrico senso de justiça real do operador jurídico, a norma não se deu a ele por completo. Ou então o modo de retrabalhar valores já positivados, mas em estado de empírico tensionamento, não encontrou espaço anímico para acontecer.

13. O que é preciso, então, é continuar a fazer uso do intelecto. Mas sem fechá-lo para a aceitação de outras esferas da percepção humana. Sem bloqueá-lo para o reconhecimento de outras possibilidades de captura da realidade, a se historicizar de modo paralelo a ele. Não do lado de dentro, mas do lado de fora dele mesmo. Equivale a dizer: o que é preciso é somar. Somar organicamente. Somar sinergicamente os dois elementares centros humanos de interação com a natureza e a sociedade, que são, justamente, o intelecto e o coração. Isto para que se alcance o patamar da plenitude do ser que observa, estuda, manipula ou simplesmente contempla as coisas.

14. Enfim, ser inteiro é o fiat lux. No Direito, na Política, na Economia, na Ética. Mas ser inteiro no mínimo que se faça, na antevisão de que a realidade não se dá de todo a quem de todo não se dá a ela (“A vida só se dá pra quem se deu”, já dizia Vinícius de Moraes, em conhecida letra de música). Pois sem afetividade não há efetividade dos valores que dão sentido à experiência humana. Que o diga a presente crise das instituições político-partidárias brasileiras, tão marcada por homens que parecem pensar demais e sentir de menos.

Raça

Troféu

Negra

2005

O Troféu Raça Negra, que ocorre anualmente no Dia da Consciência Negra, em 20 de novembro e que tem como objetivo homenagear e reconhecer o trabalho de pessoas realmente comprometidas com a causa do negro no Brasil, está crescendo ano a ano e um dia já não é suficiente para comemorá-lo. Este ano, o Troféu será o auge da Semana da Consciência Negra em São Paulo, que se transformará na capital da raça negra no Brasil.

Na semana de 16 a 20 de novembro, haverá uma programação extensa de discussões e debates sobre a temática do negro, que abrangerá problemas e buscará soluções, diz Ruth Lopes, vice-presidente da Afrobras e coordenadora do evento. “Teremos conferências, seminários e uma gama de shows e eventos com artistas negros, com muita música, culinária, dança etc. Tudo isso será possível por causa da parceria com o Sesc/Senac, que disponibilizará seus palcos e estruturas para que

esses eventos sejam um sucesso”, informa Ruth.

Na entrega do Troféu, a exemplo do ano passado, haverá a entrega em Homenagem Póstuma e a comissão organizadora do Troféu escolheu, nada mais, nada menos, que Cartola e Clementina de Jesus. Nilcemar Nogueira, neta de Cartola, e Ubirajara Correa da Silva, o Bira de Jesus, já confirmaram suas presenças para receber o “Oscar” da comunidade negra.

Outros que já fecharam suas agendas para a entrega do Troféu são Alcione, Camila Pitanga, Sérgio Loroza, Hélio de La Peña, Maurício Gonçalves, Léo Maia, Del Garcês e Margareth Menezes, juntando-se a Luiz Melodia, Isabel Fillardis, Rocco Pitanga e Paula Lima, avisa Ruth.

Outra novidade do Troféu é a chegada de Neilda Fabiano, uma personalidade que sempre trabalhou pela cultura e inclusão do negro na sociedade brasileira como um todo, e um forte nome que se junta à Comissão do Troféu.

E os patrocinadores e apoiadores



continuam chegando. O Boticário fechou uma cota do evento e também estará maquiando os convidados VIPs do troféu. O Boticário vem somar com outros patrocinadores: Nossa Caixa e Camisaria Colombo. Os parceiros que já assinam o evento são Ministério da Cultura, Fundação Roberto Marinho, Governo do Estado de São Paulo, Sesc/Senac, Canal Futura, Consulado dos Estados Unidos, Fundação Cultural Palmares, Amcham – Câmara de Comércio Brasil Estados Unidos, Secretaria de Justiça e Cidadania do Estado de São Paulo, Secretaria de Cultura do Estado de São Paulo, SP Turis, revista Afirmativa Plural, revista Raça e programa Negros em Foco.



Alcione

“Fico honrada em participar do Troféu Raça Negra 2005; parabênizo a Afrobras pela iniciativa.”



Ronnie Marruda

“É uma honra enorme ser indicado para receber o Troféu Raça Negra. Não só pela satisfação pessoal, mas por entender o reconhecimento de um trabalho feito com amor e seriedade, assim como o trabalho realizado pela ONG Afrobras e pela Revista Afirmativa Plural.”



Emílio Santiago

“Fico feliz em saber que minha arte toca o coração das pessoas.”



Isabel Fillardis

“É lisonjeador ser indicada para um prêmio. Isto quer dizer que estão observando nosso trabalho. Fico muito feliz pelo fato do prêmio ter a minha cor e de quem o julga, provavelmente, ter minha cor também.”



Thais Araújo

“Acho muito legal. Uma instituição que vi começar, que continua trabalhando e que, a cada ano, cresce cada vez mais. É a única Instituição que faz algo pela Raça Negra. Quanto ao Troféu, me sinto honrada em ser indicada.”



Margarete Menezes

“É com enorme satisfação e alegria que recebo pelo segundo ano a indicação ao Troféu Raça Negra, na categoria melhor cantora. Um evento que vem por incentivar a cultura do nosso país, reconhecendo o talento dos artistas afro-descendentes em suas diversas formas de manifestações culturais. Um grande beijo da Maga.”



Jéssica Sodré

“Estou superfeliz por ter sido indicada; assisti o ano passado e fiquei com muita vontade de estar naquele palco, de ganhar o Troféu Raça Negra.”



Dudu Nobre

“Ser indicado para o prêmio Troféu Raça Negra, é a certeza do reconhecimento de todo o meu trabalho. Fico muito orgulhoso! Estou muito feliz por terem lembrado de mim pela segunda vez. Agradeço ao Troféu Raça Negra por todo esse carinho.”



AraKetu

“A liberdade de uma nação é a soma da liberdade de cada cidadão.”



Rappin Hood

“Sinto satisfação. Esse troféu é um incentivo para continuar trabalhando. Todo negro, no Brasil, é o espelho da raça negra.”



Daiane dos Santos

“Fico muito feliz por terem lembrado de mim pela segunda vez. Agradeço ao Troféu Raça Negra por todo este carinho.”



Adriana Alves

“Acho bem bacana, é um superincentivo para nós, atores. Receber o Troféu ‘é uma emoção, coração acelera’, mas é uma sensação ótima” (quando recebi o ano passado por atriz revelação”).



Romeu Evaristo

“Um troféu que une a raça negra. Quer seja no humor ou na dramaturgia, é um dos maiores troféus que um ator pode ganhar. A arte é uma coisa da raça.”

O Katrina não será capaz

Por: José Vicente, presidente da Afrobras e reitor da Universidade da Cidadania Zumbi dos Palmares



No mês de agosto último, honrosamente, colocamos nossa melhor roupa para mais uma noite de gala que tem sido freqüente na querida Unipalmares.

E o motivo era para recepcionar mais uma grande personalidade norte americana que, assim como as anteriores, teve motivos de sobra para atravessarem o Atlântico e com sua presença trazer o conforto, a solidariedade e o apoio inestimável aos jovens alunos e professores.

Orgulhosos e felizes recebemos o Excelentíssimo Prefeito da Cidade de New Orleans/EUA, Clarence Ray Nagin, esposa, dois filhos adolescentes e sua comitiva de 11 pessoas, composta de Secretários, Assessores e Empresários. No auditório João Carlos Di Gênio, após ser elegantemente recepcionado pelo nosso prestigiado Coral, sua Excelência, visivelmente emocionado assumiu o púlpito e efetuou uma bonita narrativa de sua trajetória pessoal e, voltando para a platéia de alunos com o dedo em riste e voz embargada, destacou de forma imperativa: "... todos os obstáculos e opressões ao longo da nossa trajetória histórica não foram e não serão capazes de impedir que o superemos e que continuemos caminhando ao encontro da justiça,

liberdade e do tratamento igualitário, valores insuprimíveis de todo o ser humano. Todo cidadão negro tem a obrigação e o dever de continuar na construção desse caminho, pois este foi o melhor legado de nossos antepassados. E, as armas contemporâneas dessa luta hoje são o domínio do conhecimento. Portanto, não fujam de suas responsabilidades e não desistam nunca, pois os negros de qualquer parte do mundo precisam de seu sucesso e estarão torcendo fervorosamente para que esse dia chegue logo e, acreditem, nada será capaz de impedir que seus sonhos e desejos tornem-se realidade." Ainda embriagados de euforia e perdidos na tentativa de compreender a real extensão da implacável sentença, tomamos conhecimento dias depois da tragédia que se abateu sobre as

pessoas das quais Nagin é o magistrado. Entre a perplexidade e o espanto, estáticos, acompanhamos a funesta desgraça que tomou de assalto nossos irmãos do norte.

Solapados e destruídos pela força das águas produzidas pelo Furacão Katrina, o povo de New Orleans vaga sem rumo, enquanto procuram entender como a natureza pode tratá-los com tanto desprezo. Logo New Orleans que, na sua essência e cultura, é uma oferenda diuturna a todos os Deuses.

A alegria e a felicidade que encontramos e deliciamos juntos no palco da Zumbi, rapidamente se transformou em tristeza, dor e inconformismo diante do rastro devastador do Katrina, na volta ao seu lar.

Há um longo caminho a ser percorrido na volta à normalidade. E para todas as dores atrozes que estão e continuarão sendo submetidos nossos irmãos do norte caberá a nós brasileiros, cerrar fileiras na sentença do magistrado da nossa noite de gala.

Excelentíssimo Senhor Prefeito Nagin, acredite, nada e nem o Katrina será capaz de impedir que os sonhos e os desejos do povo de New Orleans sejam reconstruídos, alcançados e mantidos.

Este é o nosso sincero e mais fervoroso desejo.

Tudo em até
12X
sem juros*

Calças

De ~~59,95~~ Por **39,95**

Ref: 0011/0012/0069/0075/0079/0096

Terno

De ~~149,95~~ Por **99,95**

Ref: 1002

Camisas

De ~~49,95~~ Por **29,95**

Ref: 0901/0904

Queima Total Colombo

Aproveite antes que não sobre mais nenhuma peça.

Terno

(tropical risca de giz)

De ~~299,95~~ Por **179,95**

Ref: 1515/1616

Camisas

De ~~59,95~~ Por **39,95**

Ref: 0915/0916/0920/0905/0921/0922/0923/0925/0930

Malhas

De ~~149,95~~ Por **69,95**

Ref: 2950/2930

Jaquetas

De ~~199,95~~ Por **99,95**

Ref: 0897

Jaqueta de couro

De ~~399,95~~ Por **259,95**

Ref: 0799

Camisas Chamoix

(couro)

De ~~399,95~~ Por **259,95**

Ref: 0799

Kaban

De ~~149,00~~ Por **99,95**

Ref: 0898

www.camisariacolombo.com.br

*No cartão Colombo Aura. Parcela mínima de R\$ 25,00. Crédito sujeito à aprovação.

Promoção válida de 19/08/05 a 30/09/05 ou até o final do estoque, exceto para Florianópolis e Cuiabá.

Colombo

moda inteligente
confeccionada no Brasil

PROCESSO SELETIVO 2006

Viva a diversidade e seja um profissional de sucesso.
Na Zumbi dos Palmares você pode!

INSCRIÇÕES ABERTAS:

Rua Washington Luís, 236
tel. 3313-8701 / 3228-7663
www.unipalmares.org.br

Só R\$ 260,00 Mensais*



Administração